



## **Alqueva | paisagem em transformação**

**Susana Rita Santos Frazão**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Arquitectura Paisagista**

Orientadora: Licenciada Catarina José da Silva Raposo

Co-Orientador: Doutor Fernando Silva Oliveira Baptista

**Júri:**

Presidente: Doutora, Maria Manuela Cordes Cabêdo Sanches Raposo de Magalhães,  
Professora Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa

Vogais:

Doutor Fernando Oliveira Baptista, Professor Catedrático do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa;

Doutor Luís Paulo Almeida Faria Ribeiro, Professor Auxiliar do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa;

Doutor João António Ribeiro Ferreira Nunes, Professor Auxiliar Convidado do Instituto Superior de Agronomia da Universidade Técnica de Lisboa;

Licenciada Catarina José da Silva Raposo

Lisboa, 2010

## agradecimentos

à Catarina Raposo pela dedicação ímpar à arquitectura paisagista, pela inteira disponibilidade e solicitude para com os seus alunos, por sempre me ter apoiado incondicionalmente nos trabalhos que fui desenvolvendo, sobretudo neste, onde os seus conselhos e ideias foram determinantes para a sua concepção;

ao professor Oliveira Baptista pela sua enorme disponibilidade para uma boa conversa, repleta de ideias sempre além do seu tempo, e pela generosidade e sabedoria que incute em tudo o que faz;

à equipa da Global-Arquitectura Paisagista, ao arquitecto paisagista João Gomes da Silva e à arquitecta Mónica Ravazolo, pela oportunidade que me deram de colaborar nos estudos e projectos que integraram os casos de estudo desta dissertação e pela disponibilidade de meios e materiais;

ao José António Uva, um promotor com muita vontade de mostrar todo o potencial de um lugar único na paisagem alentejana, pela sua disponibilidade para retratar o desenvolvimento de todo o processo e pela cedência de materiais;

aos meus pais e à restante família, aos meus amigos e excepcionais colegas do ISA, à Susana Vilhena, o meu braço direito de sempre, e ao Nuno Farinha, o meu braço direito para sempre, por tudo.

O Alqueva é um caso paradigmático de transformação da paisagem que decorre desde 1957.

Este processo absorveu as necessidades que a mudança do tempo e da sociedade exigiu. Inicialmente identificado como projecto agrícola, acabou por integrar outras valências ou fins múltiplos complexificando esta acção de transformação do espaço.

Com a constituição do imenso plano de água ocorreram alterações expressivas nos sistemas biofísico, patrimonial, cultural e económico, prevendo-se um significativo desenvolvimento do sistema socioeconómico, no qual a indústria do turismo desempenhará um papel preponderante. Estes resultados ainda estão por avaliar uma vez que o seu desenvolvimento ainda se encontra numa fase inicial.

É esperado que o desenvolvimento dos modelos de povoamento previstos nos vários empreendimentos turísticos consiga encontrar respostas na procura de uma verdade cultural e económica referente a uma nova paisagem, que reverta a situação de decadência deste espaço rural.

Esta dissertação é acompanhada de uma leitura crítica dos processos projectuais das Herdades do Barrocal e do Mercador, elucidada pelo conhecimento dos sistemas naturais e culturais a eles inerentes e dos seus constrangimentos, e por referências exteriores que foram ajudando a construir possibilidades de projecto definindo a condição do habitar numa paisagem ainda por estabilizar.

**palavras-chave** | espaço rural; Alqueva; modelos de transformação da paisagem; turismo; Herdade São Lourenço do Barrocal; Herdade do Mercador.

## abstract

Alqueva is a paradigmatic case of landscape transformation that takes place since 1957.

This process has been absorbing the needs of time changes and society demands. Initially, an agricultural project incorporated different facilities and purposes causing a very complex space transformation.

The creation of a vast water plan changed significantly the biophysical, patrimonial, cultural and economic systems forecasting a general development of the socioeconomic system in which the tourism industry as an important role. These outcomes are still to be assessed since its development is on an early stage.

It is expected that the population models develops as foreseen in the different touristic enterprises, bringing out the new and true cultural and economic landscape, changing therefore the decline of the actual rural space.

This thesis is supported on a review of Herdades do Barrocal and do Mercador projectual processes enlightened by its owns natural and cultural systems and limitations knowledge. External references were used as guidelines and assisted the project possibilities in defining the habitat at a still unstable landscape.

**key words** | rural space; Alqueva; landscape transformation models; tourism; Herdade São Lourenço do Barrocal; Herdade do Mercador.

## extended abstract

Alqueva is a paradigmatic case of landscape transformation.

This Project was thought in 1957 for the regional agricultural development. It has become, until its construction date, a multi-proposal enterprise in which it was considered a strategic water reserve, the Guadiana river regularization, electric energy production, public supply, water supply for the agricultural and industrial activities, the tourism development and the fight against desertification. Indeed this complex process has been absorbing the needs of time changes and society demands.

The creation of a vast water plan changed significantly the biophysical, patrimonial, cultural and economic systems forecasting a general development of the socioeconomic system in which the tourism industry as an important role. These outcomes are still to be assessed since its development is on an early stage. It is expected that the population models develops as foreseen in the different touristic enterprises, bringing out the new and true cultural and economic landscape, changing therefore the decline of the actual alentejano rural space.

This thesis is conceived by three key points. The first one is about the evolutionary and socio cultural description of Alqueva its place and territorial disturbances which began at the dam construction. The second refers to the identification of the various actors contributions' in this process. Institutions, promoters and designers have been responsible for the formulation of the Alqueva development models, supported by their specific points of view that in the ultimate sense define and format the Alqueva recovery strategy.

Therefore, the transformation perspectives and models developments of this landscape are seen from different models: the institutional and political model (in which the entities in charge of the regulation and projects approval has the responsibility); the economic model that is from the promoters responsibility; and the architectural and landscape model designed by the designers teams responsible for the two holdings reviewed at this thesis. At the end there are the final remarks in which is a statement review about the issues and the expectations created about each model.

The plans made by the regulatory institutions were fundamental for the enlightening of the political and institutional model actions. These determined, in general, the building densities and point out occupation models based on the structure built in agricultural or natural being, in order to preserve the territorial structures permanence that ensure the natural systems continuity in accordance with economic activities of soil use and exploitation and of society integrated support.

The plans mention are the Regional Plan of the Alqueva Surrounding Area Planning (PROEZA), the Planning of the Alqueva and Pedrogão Dams (POAAP), the Detailed Plan of the Herdade do Barrocal (PPHB) and the Urban Plan of the Herdade do Mercador (PUHM).

The projects promoters and market research companies expectations built the foundations to the defined economic model foreseen, by the development of the aims and possibilities of the tourism industry in this region, that are decided by agents such as the Tourism Strategic Council or the National Tourism Agency. These aims combine the economical development principals through the implementation of contemporary touristic projects.

It is intended to preserve the landscape cultural value that underlies the concept of economic development prevailing throughout the projects. The expression of the economic asset by tourism that represents the landscape sustainability will respect the various marks in the territory and will provide a new expression of contemporaneity brought up by the architectural expression of modernity anchored at a continuity process related to the human activity with the territory, the landscape or the cultural and economical practices.

The architecture and landscape model that unfolds in each case of the study reflects about the space development strategies used. For such it was selected a set of design tools which are understood, in this thesis, as essential to the development of sustainable landscape models as well as significant at a cultural level. The place interpretation based on the marks and signs understating, the reuse or reinvention of the tradition construction processes and the typological and topological characteristics of the place allow us to understand the landscape as a dynamic process and a integrated way of intervention.

These models, as well as the Mediterranean landscape dynamic, rely on occupation ways and on land management inherent to the natural resources such as soil, water and vegetation. The architecture role is mainly to support the sustained integration of the ecological and socio cultural factors in all its components. The understanding of this model was made through the plans analysis' and interpretation's and by the constant contact with the project's designers and promoters, especially by ideas discussions of all the landscape architectures involved in both projects. The knowledge about the references in a more explicit or implicit manner emerged as key elements. Those ones bring a comparative reading between the Alqueva case and others that has already been consolidated from similar programs.

This thesis is supported on a review of two enterprises – Herdade São Lourenço do Barrocal and Herdade do Mercador – that are paradigmatic cases of innovation in quality of the product offered and ensuring the added value to the local development. Their genesis issues are distinctive, both in terms of geological substrate or in historic cultural context, or by the different relation and involvement with the Alqueva water plan: the first contacts only with the water level in one of its limits; the second has a radical submersion leaving 1/3 of its property free to the tourism programme implementation.

Those establish two starting points for very different programmes therefore with very different projects responses that are explained both by its own natural and cultural systems and limitations knowledge. External references were used as guidelines and assisted the project possibilities in defining the habitat at a yet unstable landscape.

# Índice

agradecimentos	2
resumo	3
abstract	4
extended abstract	5
índice	7
lista de figuras	8
siglas	18
I introdução	19
II o Alqueva	23
1 mudança de paradigma – da agricultura à indústria do turismo   síntese histórica	23
2 sítio e perturbações territoriais	34
<i>estrutura física   grandes unidades de paisagem</i>	34
<i>padrões e tipologias de ocupação antrópica</i>	36
montado	38
monte	41
<i>inscrições na paisagem</i>	43
<i>perturbações</i>	45
III perspectivas e modelos de transformação da paisagem do Alqueva	50
<i>Herdades São Lourenço do Barrocal e do Mercador – casos de estudo</i>	
1 enquadramento territorial e paisagístico	50
2 modelo político e institucional	52
PROZEA   plano regional de ordenamento do território da zona envolvente da albufeira do Alqueva	53
POAAP   plano de ordenamento das albufeiras de Alqueva e Pedrógão	55
PPHB   plano de pormenor da Herdade do Barrocal	58
PUHM   plano de urbanização da Herdade do Mercador	60
3 modelo económico	62
4 modelo arquitectónico e de paisagem	76
<i>Herdade São Lourenço do Barrocal</i>	81
<i>Herdade do Mercador</i>	93
IV considerações finais	97
referências bibliográficas	103

## lista de figuras

**imagem da capa.** sem título; adaptação de imagem disponível em <http://phomepage.mac.comzuvaPhotoAlbum6.html>

**figura 1.** *a cadeia de valor do turismo*; adaptação de SAER, 2005: 850 | p. 64

**figura 2.** *estrutura do modelo de Negócio*; adaptação de THR, 2006: 18 | p. 68

**figura 3.** *pirâmide do posicionamento do mercado face à qualidade projectual*; adaptação de Neoturis, 2008: 62 | p. 70

**peça gráfica 01.** *enquadramento geográfico e histórico do Guadiana*; adaptação de imagem de Soares e Proença, 2007: 23 | peça gráfica 01

**figura a.** *enquadramento territorial do rio Guadiana*; adaptação de imagem disponível em <http://arkeotavira.com/.../Iberia3D.jpg> | peça gráfica 01

**figura b.** *ocupação pré-histórica da Península Ibérica*; adaptação de imagens disponíveis em [http://lh6.ggpht.com/.../Pennsulalbrica\\_thumb1](http://lh6.ggpht.com/.../Pennsulalbrica_thumb1) e [http://crookscape.org\\_tesemc\\_Vol1.pdf](http://crookscape.org_tesemc_Vol1.pdf): 206 | peça gráfica 01

**figura c.** *ocupação romana da Península Ibérica*; adaptação de imagens disponíveis em [http://lh6.ggpht.com/.../Pennsulalbrica\\_thumb1](http://lh6.ggpht.com/.../Pennsulalbrica_thumb1), <http://palma1.no.sapo.pt/lusitanea.jpg>, <http://palma1.no.sapo.pt/map18.jpg> e [http://upload.wikimedia.org/.../707px-Hispania\\_roads.svg.png](http://upload.wikimedia.org/.../707px-Hispania_roads.svg.png) | peça gráfica 01

**figura d.** *fronteira do subdesenvolvimento da Península Ibérica no séc. XXI*; adaptação de imagens disponíveis em [http://lh6.ggpht.com/.../Pennsulalbrica\\_thumb1](http://lh6.ggpht.com/.../Pennsulalbrica_thumb1), <http://www.notapositiva.com/.../10espanha04.jpg> e <http://2bp.blogspot.com/.../+--+Distritos.gif> | peça gráfica 01

**peça gráfica 02.** *Alqueva – empreendimento de fins múltiplos*; fotografia adaptada, fonte própria, 2007 | peça gráfica 02

**figura a.** *enquadramento territorial da zona envolvente ao Alqueva*; adaptação de SAIP, 2007: 4 | peça gráfica 02

**figura b.** *acessibilidades e sistema urbano no Alentejo Interior*; adaptação de Guia de Portugal, 2010: 5 | peça gráfica 02

**figura e.** *localização de futuros grandes projectos turísticos*; adaptação de cartas militares – Folhas 451, 452, 462, 463, 473, 474, 481, 483, 483<sup>a</sup>, 491, 492 | peça gráfica 02

**figura d.** *PIN's na área do turismo em desenvolvimento na região do Alqueva*; adaptação de imagem disponível em <http://www.turismodeportugal.pt/.../Pages/ProjectosdePotencialInteresseNacional.aspx> | peça gráfica 02

**figura e.** *contraste entre a extensa albufeira e a planície alentejana*; imagens adaptadas disponíveis em <http://www.youtube.com/watch?v=QZf0bAfv2PU>

**peça gráfica 03.** *suporte biofísico, paisagístico e territorial*; adaptação de imagem disponível em <http://i.olhares.com/data/big/178/1785264.jpg> | peça gráfica 03

**figura a.** *enquadramento geográfico da zona envolvente ao Alqueva*; adaptação de SAIP, 2007: 15 e de imagem disponível em [http://www.cadc-albufeira.org/img/es/cuenca\\_guadiana.jpg](http://www.cadc-albufeira.org/img/es/cuenca_guadiana.jpg) | peça gráfica 03

**figura b.** *rede hidrográfica – principais festos e talvegues*; adaptação de cartas militares – Folhas 451, 452, 462, 463, 473, 474, 481, 483, 483<sup>a</sup>, 491, 492 | peça gráfica 03

**figura c.** *extensão do plano de água do Alqueva*; adaptação de cartas militares – Folhas 451, 452, 462, 463, 473, 474, 481, 483, 483<sup>a</sup>, 491, 492 | peça gráfica 03

**figura d.** *mapa geológico*; adaptação de George, Gomes e Antunes, 2004: 130 | peça gráfica 03

**figura e.** *unidades de paisagem do Alentejo Central*; adaptação de Abreu et al, 2004: 14–72 | peça gráfica 03

**peça gráfica 04.** *padrões e tipologias na paisagem do Alqueva*; fotografia adaptada, fonte indeterminada | peça gráfica 04

fotografias aéreas – imagens adaptadas, disponíveis em <http://www.googleearth.com> | peça gráfica 04

**figura a.** imagem adaptada, disponível em Silva (Coord.), 2007: 115 | peça gráfica 04

**figura b.** imagem adaptada, disponível em Costa e Louro, 2009: 173 | peça gráfica 04

**figura c.** imagem adaptada, disponível em George, Gomes e Antunes, 2004: 144 | peça gráfica 04

**figura d.** fotografia adaptada, fonte própria, 2009 | peça gráfica 04

**figura e.** fotografia adaptada, disponível em <http://phomepage.mac.com/zuvaPhotoAlbum6.html> | peça gráfica 04

**figura f.** fotografia adaptada, fonte própria, 2009 | peça gráfica 04

**figura g.** fotografia adaptada, fonte própria, 2009 | peça gráfica 04

**figura h.** imagem adaptada, disponível em Costa e Louro, 2009: 109 | peça gráfica 04

**figura i.** imagem adaptada, disponível em George, Gomes e Antunes, 2004: 132 | peça gráfica 04

**figura j.** imagem adaptada, disponível em George, Gomes e Antunes, 2004: 122 | peça gráfica 04

**peça gráfica 05.** *montado*; fotografia adaptada, fonte própria, 2009 | peça gráfica 05

**figura a.** *distribuição do sobreiro*; imagem adaptada, disponível em Silva (Coord.), 2007: 112 | peça gráfica 05

**figura b.** *distribuição da azinheira*; imagem adaptada, disponível em Silva (Coord.), 2007: 128 | peça gráfica 05

**figuras c e d.** *cortiça como produto económico florestal*; imagens disponíveis em <http://imagesgoogle.com> | peça gráfica 05

**figura e.** *porco preto como produto económico*; imagem adaptada, disponível em Silva (Coord.), 2007: 198 | peça gráfica 05

**figuras f.** *vantagens dos montados relativas à produção e à conservação*; imagens disponíveis em <http://imagesgoogle.com> e imagens adaptadas de Silva (Coord.), 2007 | peça gráfica 05

**peça gráfica 06.** *tipologias de povoamento*; fotografia adaptada, fonte própria, 2009 | peça gráfica 06

**figura a.** *municípios envolventes à albufeira e tipologia de povoamento*; adaptação de cartas militares | peça gráfica 06

**figura b.** *cidade*; imagem adaptada disponível em <http://www.googleearth.com> | peça gráfica 06

**figuras c.** *vila*; excerto de carta militar – Folha 473 | peça gráfica 06

**figura d.** *aldeia*; excerto de carta militar – Folha 492 | peça gráfica 06

**figura e.** *monte*; excerto de carta militar – Folha 473 | peça gráfica 06

**figuras f.** fotografia adaptada, fonte própria, 2009 | peça gráfica 06

**figuras g.** imagem adaptada, disponível em George, Gomes e Antunes, 2004: 215 | peça gráfica 06

**figuras h.** imagem adaptada, disponível em George, Gomes e Antunes, 2004: 124 | peça gráfica 06

**figuras i.** fotografia adaptada, fonte própria, 2009 | peça gráfica 06

**figuras j.** fotografia adaptada, fonte própria, 2009 | peça gráfica 06

**figuras k.** fotografia adaptada, fonte própria, 2009 | peça gráfica 06

**figuras l.** imagem adaptada, disponível em George, Gomes e Antunes, 2004: 153 | peça gráfica 06

**figuras m.** imagem adaptada, disponível em George, Gomes e Antunes, 2004: 153 | peça gráfica 06

**peça gráfica 07.** monte; fotografia adaptada de imagem cedida por José António Uva | peça gráfica 07

**figura a.** *distribuição dos montes na área envolvente à albufeira*; adaptação de cartas militares | peça gráfica 07

**figura b.** imagem adaptada, disponível em George, Gomes e Antunes, 2004: 207 | peça gráfica 07

**figuras c.** imagem adaptada disponível em <http://phomepage.mac.comzuvaPhotoAlbum6.html>, 2009 | peça gráfica 07

**figura d.** imagem adaptada disponível em <http://phomepage.mac.comzuvaPhotoAlbum6.html>, 2009 | peça gráfica 07

**figura e.** imagem adaptada disponível em <http://phomepage.mac.comzuvaPhotoAlbum6.html>, 2009 | peça gráfica 07

**figura f.** fotografia adaptada, fonte própria, 2009 | peça gráfica 07

**figura g.** fotografia adaptada, fonte própria, 2009 | peça gráfica 07

**peça gráfica 08.** principais inscrições na paisagem; adaptação de imagem disponível em <http://i.olhares.com/data/big/153/1535569.jpg>, 2009 | peça gráfica 08

**figura a.** *vestígios pré-históricos na zona envolvente ao Guadiana*; adaptação de cartas militares e imagens disponíveis em Silva, 1999: 73 e em <http://images.google.pt/imgres?imgurl=http://www.crookscape.org/textjan2005> | peça gráfica 08

**figura b.** *vestígios romanos na zona envolvente ao Guadiana*; adaptação de cartas militares e imagem disponível em Silva, 1999: 77 | peça gráfica 08

**figura c.** *vestígios modernos ou medievais na zona envolvente ao Guadiana*; adaptação de cartas militares e imagem disponível em Silva, 1999: 78 | peça gráfica 08

**figura d.** *arte rupestre, Idade do Bronze ou Ferro, Reguengos de Monsaraz*; imagem adaptada disponível em Silva, 1999: 243 | peça gráfica 08

**figura e.** *habitat no Castelo das Juntas, Idade do Ferro, Mourão*; imagem adaptada disponível em Silva, 1999: 327 | peça gráfica 08

**figura f.** *anta, Período Neolítico, Reguengos de Monsaraz*; imagem adaptada disponível em Calado, 2008: 41 | peça gráfica 08

**figura g.** *anta, Período Neolítico ou Calcolítico, Elvas*; imagem adaptada disponível em Silva, 1999: 129 | peça gráfica 08

**figura h.** *Cromeleque do Xerez, Período Calcolítico, Reguengos de Monsaraz*; imagem adaptada disponível em Silva, 1999: 206 | peça gráfica 08

**figura i.** *Cromeleque do Xerez, Período Calcolítico, Reguengos de Monsaraz*; fotografia adaptada, fonte própria, 2007 | peça gráfica 08

**figura j.** *menir, Período Neolítico ou Calcolítico, Reguengos de Monsaraz* ; fotografia adaptada, fonte própria, 2009 | peça gráfica 08

**figura k.** *villa romana, Período Romano, Reguengos de Monsaraz* ; imagem adaptada disponível em Calado, 2008: 27 | peça gráfica 08

**figura l.** *Castelo da Lousa, Período Romano, Mourão* ; imagem adaptada disponível em Silva, 1999: 217 | peça gráfica 08

**figura m.** *Outeiro do Castelinho, Período Romano, Alandroal* ; imagem adaptada disponível em Silva, 1999: 154 | peça gráfica 08

**figura n.** *Chafurdo, Período Moderno, Reguengos de Monsaraz* ; imagem adaptada disponível em Silva, 1999: 223 | peça gráfica 08

**figura o.** *Chafurdo da Boavista, Período Moderno, Mourão* ; imagem adaptada disponível em Silva, 1999: 246 | peça gráfica 08

**figura p.** *Habitat da Boavista, Período Moderno, Mourão* ; imagem adaptada disponível em Silva, 1999: 246 | peça gráfica 08

**figura q.** *Laje de xisto decorada, Período Moderno, Reguengos de Monsaraz* ; imagem adaptada disponível em Silva, 1999: 222 | peça gráfica 08

**figura r.** *Atalaia do Cu de Pato, Período Moderno, Reguengos de Monsaraz* ; imagem adaptada disponível em Silva, 1999: 291 | peça gráfica 08

**figura s.** *Castelo de Mourão, Período Medieval, Mourão*; fotografia adaptada, fonte própria, 2007 | peça gráfica 08

**figura t.** *Nora do Monte de Santo António, Período Moderno, Mourão*; imagem adaptada disponível em Silva, 1999: 278 | peça gráfica 08

**figura u.** *Ponte de Valadares, Período Moderno, Mourão*; imagem adaptada disponível em Silva, 1999: 281 | peça gráfica 08

**figura v.** *Porto Meirinho (passagem a vau), Período Moderno, Mourão*; imagem adaptada disponível em Silva, 1999: 321 | peça gráfica 08

**figura w.** *Moinho do Barão, Período Moderno, Évora*; imagem adaptada disponível em Silva, 1999: 177 | peça gráfica 08

**figura x.** *Moinho dos Calvinos, Período Moderno, Alandroal*; imagem adaptada disponível em Silva, 1999: 197 | peça gráfica 08

**figura y.** *Moinho da Volta, Período Moderno, Alandroal*; imagem adaptada disponível em Silva, 1999: 195 | peça gráfica 08

**figura z.** *Ermida de Santa Catarina, Período Moderno, Reguengos de Monsaraz*; fotografia adaptada, fonte própria, 2007 | peça gráfica 08

**figura a'.** *Ponte da Senhora da Ajuda, Período Moderno, Reguengos de Monsaraz*; imagem adaptada disponível em <http://images.google.com> | peça gráfica 08

**figura b'.** *Capela de Nossa Senhora da Serra, Período Moderno, Moura*; imagem adaptada disponível em Silva, 1999: 371 | peça gráfica 08

**figura c'.** *Monte da Tapada, Período Moderno, Portel*; imagem adaptada disponível em Silva, 1999: 360 | peça gráfica 08

**peça gráfica 09.** *Herdade São Lourenço do Barrocal – enquadramento territorial e paisagístico*; imagem adaptada disponível em <http://phomepage.mac.comzuvaPhotoAlbum6.html>, 2009 | peça gráfica 09

**figura a.** *enquadramento territorial*; adaptação de Peça Desenhada 1.01 do PP da Herdade do Barrocal, 2007 | peça gráfica 09

**figura b.** *altimetria e hipsometria*; adaptação de Peça Desenhada 1.03 do PP da Herdade do Barrocal, 2007 | peça gráfica 09

**figura c.** *fisiografia e morfologia do terreno*; adaptação de Peças Desenhadas 1.04 e 1.06 do PP da Herdade do Barrocal, 2007 | peça gráfica 09

**figura d.** *geologia*; adaptação de Peça Desenhada 1.08 do PP da Herdade do Barrocal, 2007 | peça gráfica 09

**figura e.** *solos*; adaptação de Peça Desenhada 1.09 do PP da Herdade do Barrocal, 2007 | peça gráfica 09

**figura f.** *capacidade de uso do solo*; adaptação de Peça Desenhada 1.10 do PP da Herdade do Barrocal, 2007 | peça gráfica 09

**figura g.** *uso do solo actual*; adaptação de Peça Desenhada 1.13 do PP da Herdade do Barrocal, 2007 | peça gráfica 09

**peça gráfica 10.** *Herdade do Mercador – enquadramento territorial e paisagístico*; fotografia adaptada, fonte própria, 2009 | peça gráfica 10

**figura a.** *enquadramento territorial*; adaptação de cartas militares – Folhas 474 e 483 | peça gráfica 10

**figura b.** *altimetria e hipsometria*; adaptação de cartas militares – Folhas 474 e 483 | peça gráfica 10

**figura c.** *fisiografia e morfologia do terreno*; adaptação de cartas militares – Folhas 474 e 483 | peça gráfica 10

**figura d.** *geologia*; adaptação de Cartas Geológicas do Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação, I.P. | peça gráfica 10

**figura e.** *capacidade de uso de solo*; adaptação de Cartas de Usos do Solo do instituto de Desenvolvimento Rural e Hidráulica | peça gráfica 10

**figura f.** *uso do solo actual*; adaptação de imagem aérea disponível em <http://googleearth.com> | peça gráfica 10

**peça gráfica 11.** *PROZEA – plano regional de ordenamento do território da zona envolvente da albufeira do Alqueva*; fotografia adaptada, fonte própria, 2009 | peça gráfica 11

**figura a.** *eixos de desenvolvimento turístico*; adaptação de imagem disponível em PCM, 2002: 3400 | peça gráfica 11

**figura b.** *rede de acessibilidades*; adaptação de imagem disponível em PCM, 2002: 3402 | peça gráfica 11

**figura c.** *hierarquia da rede urbana*; adaptação de imagem disponível em PCM, 2002: 3403 | peça gráfica 11

**figura d.** *património construído*; adaptação de imagem disponível em PCM, 2002: 3405 | peça gráfica 11

**figura e.** *modelo territorial*; adaptação de imagem disponível em PCM, 2002: 3406 | peça gráfica 11

**peça gráfica 12.** *POAAP – plano de ordenamento das albufeiras de Alqueva e Pedrógão*; fotografia adaptada, fonte própria, 2009 | peça gráfica 12

**figura a.** *POAAP*; adaptação de imagem disponível em EP, 2005: 3 | peça gráfica 12

**figura b.** *TA – Ferrarias – Mercador*; adaptação de imagem disponível em Cunhal, 2006: 30 | peça gráfica 12

**peça gráfica 13.** *PPHB – plano de pormenor da Herdade do Barrocal*; adaptação de imagem disponível em <http://www.cm-reguengos.de.monsaraz.pt>, 2010 | peça gráfica 13

**figura a.** *PPHB – condicionantes*; adaptação de Peça Desenhada 2.02 do PP da Herdade do Barrocal, 2007 | peça gráfica 13

**figura b.** *PPHB – proposta*; adaptação de Peças Desenhadas 2.01 a, 2.03, 2.04 e 2.05 do PP da Herdade do Barrocal, 2007 | peça gráfica 13

**peça gráfica 14.** *PUHM – plano de urbanização da Herdade do Mercador*; adaptação de imagem disponível em EP, 2005: 2 | peça gráfica 14

**figura a.** *PUHM – proposta*; adaptação de Planta de Zonamento do PU da Herdade do Mercador, 2009 | peça gráfica 14

**peça gráfica 15.** *Herdade do Barrocal – tempo e espacialidades como princípios projectuais*; adaptação de imagem disponibilizada por Global – Arquitectura Paisagista | peça gráfica 15

**figura a.** *ocupação pré-histórica (Períodos Neolítico e Calcolítico) na Herdade do Barrocal*; adaptação de imagem disponibilizada por Global – Arquitectura Paisagista | peça gráfica 15

**figura b.** *caminho que faz parte de uma rota pré-histórica*; fotografia adaptada, fonte própria, 2009 | peça gráfica 15

**figura c.** *menir com 5,60m de altura*; adaptação de imagem disponível em Calado, 2008: 44 | peça gráfica 15

**figura d.** *inscrições pré-históricas*; adaptação de imagem disponível em Calado, 2008: 44 | peça gráfica 15

**figura e.** *santuário*; imagem adaptada disponível em <http://phomepage.mac.comzuvaPhotoAlbum6.html>, 2009 | peça gráfica 15

**figura f.** *anta – A2*; adaptação de imagem disponível em Calado, 2008: 32 | peça gráfica 15

**figura g.** *A2 desenho esquemático*; adaptação de imagem disponível em Leisner, 1951 | peça gráfica 15

**figura h.** *anta - A4*; adaptação de imagem disponível em Calado, 2008: 34 | peça gráfica 15

**figura i.** *A4 desenho esquemático*; adaptação de imagem disponível em Leisner, 1951 | peça gráfica 15

**figura j.** *anta - A6*; adaptação de imagem disponível em Calado, 2008: 40 | peça gráfica 15

**figura k.** *ocupação romana, medieval e moderna na Herdade do Barrocal*; adaptação de imagem disponibilizada por Global - Arquitectura Paisagista | peça gráfica 15

**figura l.** *barragem romana*; adaptação de imagem disponível em Calado, 2008: 18 | peça gráfica 15

**figura m.** *recinto romano de planta ovalada*; adaptação de imagem disponível em Calado, 2008: 23 | peça gráfica 15

**figura n.** *conjunto de restos de muros da 'villa' romana*; adaptação de imagem disponível em Calado, 2008: 30 |  
peça gráfica 15

**figura o.** *recinto*; adaptação de imagem disponível em Calado, 2008: 32 | peça gráfica 15

**figura p.** *peças de lagar (lagareta e mó)*; adaptação de imagem disponível em Calado, 2008: 38 | peça gráfica 15

**figura q.** *barragem na ribeira do Vargel*; imagem adaptada disponível em  
<http://phomepage.mac.com/zuvaPhotoAlbum6.html>, 2009 | peça gráfica 15

**figura r.** *edifício principal do monte*; fotografia adaptada, fonte própria, 2009 | peça gráfica 15

**figura s.** *infra-estruturas do monte*; fotografia adaptada, fonte própria, 2009 | peça gráfica 15

**peça gráfica 16.** *Herdade do Barrocal - matérias de reflexão para uma abordagem projectual*; fotografia adaptada, fonte própria, 2009 | peça gráfica 16

**figura a.** *Sea Ranch, Califórnia - espaço rural*; adaptação de imagem disponível em Lyndon *et al*, 2004: 72 | peça gráfica 16

**figura b.** *Sea Ranch, Califórnia - espaço rural*; adaptação de imagem disponível em Lyndon *et al*, 2004: 22 | peça gráfica 16

**figura c.** *Sea Ranch, Califórnia - espaço rural*; adaptação de imagem disponível em Lyndon *et al*, 2004: 153 | peça gráfica 16

**figura d.** *Sea Ranch, Califórnia - espaço rural*; adaptação de imagem disponível em Lyndon *et al*, 2004: 214 | peça gráfica 16

**figura e.** *Sea Ranch, Califórnia - espaço rural*; adaptação de imagem disponível em Lyndon *et al*, 2004: 270 | peça gráfica 16

**figura f.** *espaço recintado*; adaptação de imagem disponível em Sorenson: 125 | peça gráfica 16

**figura g.** *espaço recintado*; adaptação de imagem disponível em Sorenson: 70 | peça gráfica 16

**figura h.** *Parque de Blenheim, Woodstock - estruturação da paisagem entre os espaços cheios e os vazios*; adaptação de imagem disponível em <http://googleearth.com> | peça gráfica 16

**figura i.** *Corredor Ecológico no deserto de Néguev, Israel - estruturação da paisagem entre os espaços cheios e os vazios*; adaptação de imagem disponível em Aronson, 2008: 152 | peça gráfica 16

**figura j.** *compartimentação da paisagem com sebes ao longo de vias*; adaptação de imagem disponibilizada por Global – Arquitectura Paisagista | peça gráfica 16

**figura k.** *compartimentação da paisagem com sebes ao longo de vias*; adaptação de imagem disponibilizada por Global – Arquitectura Paisagista | peça gráfica 16

**figura l.** *caminho pedonal*; adaptação de imagem disponibilizada por Global–Arquitectura Paisagista | peça gráfica 16

**figura m.** *caminho pedonal*; adaptação de imagem disponibilizada por Global–Arquitectura Paisagista | peça gráfica 16

**figura n.** *caminho pedonal*; adaptação de imagem disponibilizada por Global–Arquitectura Paisagista | peça gráfica 16

**figura o.** *caminho pedonal*; adaptação de imagem disponibilizada por Global–Arquitectura Paisagista | peça gráfica 16

**figura p.** *caminho pedonal*; adaptação de imagem disponível em Moller, 2008: 26 | peça gráfica 16

**figura q.** *passagem hidráulica*; adaptação de imagem disponibilizada por Global–Arquitectura Paisagista | peça gráfica 16

**figura r.** *modelação de terreno neolítico – aterro e escavação – em Witshire*; adaptação de imagem disponível em Albrecht e Benevolo, 1994 | peça gráfica 16

**figura s.** *modelação de terreno neolítico – aterro e escavação – em Witshire*; adaptação de imagem disponível em Albrecht e Benevolo, 1994 | peça gráfica 16

**figura t.** *modelação de terreno neolítico – aterro e escavação – em Witshire*; adaptação de imagem disponível em Albrecht e Benevolo, 1994 | peça gráfica 16

**figura u.** *modelação de terreno neolítico – aterro e escavação – em Avebury*; adaptação de imagem disponível em Albrecht e Benevolo, 1994 | peça gráfica 16

**figura v.** *modelação de terreno neolítico – aterro e escavação – em Noth Yorkshire*; adaptação de imagem disponível em Albrecht e Benevolo, 1994 | peça gráfica 16

**figura w.** *ha-ha*; adaptação de imagem disponível em <http://googleimages.com> | peça gráfica 16

**figura x.** *charca*; imagem adaptada disponível em <http://phomepage.mac.comzuvaPhotoAlbum6.html>, 2009 | peça gráfica 16

**figura y.** *tanque*; fotografia adaptada, fonte própria, 2005 | peça gráfica 16

**figura z.** *banco em madeira*; adaptação de imagem disponibilizada por Global–Arquitectura Paisagista | peça gráfica 16

**figura a'.** *bancos em pedra*; adaptação de imagem disponibilizada por Global–Arquitectura Paisagista | peça gráfica 16

**figura b'.** *banco em pedra*; adaptação de imagem disponibilizada por Global–Arquitectura Paisagista | peça gráfica 16

**figura c'.** *degraus esculpidos na rocha*; adaptação de imagem disponibilizada por Global–Arquitectura Paisagista | peça gráfica 16

**figura d'.** *escadas em pedra*; adaptação de imagem disponível em Moller, 2008: 26 | peça gráfica 16

**figura e'.** *escadas em pedra*; adaptação de imagem disponível em Moller, 2008: 27 | peça gráfica 16

**figura f'.** *miradouro*; adaptação de imagem disponível em <http://googleimages.com> | peça gráfica 16

**figura g'.** *filtro de luminosidade com ramos*; adaptação de imagem disponibilizada por Global-Arquitectura Paisagista | peça gráfica 16

**peça gráfica 17.** *Herdade do Barrocal – projecto de arquitectura e de paisagem*; fotografia adaptada, imagem disponibilizada por Global-Arquitectura Paisagista | peça gráfica 17

**figura a.** *Herdade do Barrocal e Núcleo dos Arrifes – proposta de intervenção*; desenho adaptado, original disponibilizado por Global-Arquitectura Paisagista | peça gráfica 17

**figura b.** *hotel, Arqº Souto Moura*; imagem adaptada disponível em <http://phomepage.mac.comzuvaPhotoAlbum6.html>, 2009 | peça gráfica 17

**figura c.** *polígono de implantação 5, Arqº Paulo David*; adaptação de imagens disponibilizadas por Global-Arquitectura Paisagista | peça gráfica 17

**figura d.** *polígono de implantação 10, Arqº J. Pawson*; adaptação de imagem disponibilizada por Global-Arquitectura Paisagista | peça gráfica 17

**figura e.** *polígono de implantação 9, Arqº Aires Mateus*; adaptação de imagens disponibilizadas por Global-Arquitectura Paisagista | peça gráfica 17

**figura f.** *polígono de implantação 13, Arqº J. P. Falcão de Campos*; adaptação de imagens disponibilizadas por Global-Arquitectura Paisagista | peça gráfica 17

**figura g.** *polígonos de implantação 7 e 8, Arqº Souto Moura*; adaptação de imagens disponibilizadas por Global-Arquitectura Paisagista | peça gráfica 17

**figuras h.** *Núcleo dos Arrifes e casas propostas para quatro polígonos de implantação – maquete*; adaptação de fotografias disponibilizadas por Global-Arquitectura Paisagista e fotografias de fonte própria, 2010 | peça gráfica 17

**figura i.** *polígono de implantação 12*; desenho adaptado, original disponibilizado por Global-Arquitectura Paisagista | peça gráfica 17

**figura j.** *fotomontagens da casa proposta*; adaptação de imagens disponibilizadas por Global-Arquitectura Paisagista | peça gráfica 17

**peça gráfica 18.** *Herdade do Mercador – processo em transformação*; fotografia adaptada, imagem disponibilizada por Global-Arquitectura Paisagista | peça gráfica 18

**figura a.** *Herdade do Mercador – estudo prévio*; desenho adaptado, original disponibilizado por Global-Arquitectura Paisagista | peça gráfica 18

**figura b.** *bar/restaurante flutuante, centro náutico e apartamentos*; fotografia adaptada, disponível em EP, 2005: 9 | peça gráfica 18

**figura c.** *hotel, apartamentos e centro cultural*; fotografia adaptada, disponível em EP, 2005: 10 | peça gráfica 18

**figura d.** *hotel, centro cultural e apartamentos*; fotografia adaptada, disponível em EP, 2005: 11 | peça gráfica 18

**figura e.** *zona de recreio balnear*; fotografia adaptada, disponível em EP, 2005: 13 | peça gráfica 18

**figura f.** *estrutura e tipologias de paisagem*; desenho adaptado, original disponibilizado por Global-Arquitectura Paisagista | peça gráfica 18

**figura g.** *proposta de centurição*; desenho adaptado, original disponibilizado por Global-Arquitectura Paisagista | peça gráfica 18

**figuras h.** *padrões de centurição em Norfolk*; imagens adaptadas disponibilizadas por Global-Arquitectura Paisagista | peça gráfica 18

**figuras i.** *padrões de centurição em Corinto*; imagens adaptadas disponibilizadas por Global-Arquitectura Paisagista | peça gráfica 18

**figura j.** *projecto*; desenho adaptado, original disponibilizado por Global-Arquitectura Paisagista | peça gráfica 18

**figuras k.** *perfis-tipo*; desenhos adaptado, originais disponibilizados por Global-Arquitectura Paisagista | peça gráfica 18

A – auto-estrada	PNPOT – Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território
a.C – antes de Cristo	POAP – Planos de Ordenamento de Áreas Protegidas
CCDR – Comissão de Coordenação de Desenvolvimento Regional	POAAP – Planos de Ordenamento de Albufeiras de Águas Públicas
DGOTDU – Direcção-Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano	POAAP – Plano de Ordenamento das Albufeiras do Alqueva e Pedrógão
DR – Diário da República	POOC – Planos de Ordenamento da Orla Costeira
EDIA – Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas de Alqueva, S. A.	PP – Plano de Pormenor
ha – hectar(es)	PPHB – Plano de Pormenor da Herdade do Barrocal
IP – itinerário principal	PROF – Plano Regional de Ordenamento Florestal
IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico	PROT – Planos Regionais de Ordenamento do Território
NME – nível mínimo de exploração	PROZEA – Plano Regional de Ordenamento da Zona Envolvente ao Alqueva
NPA – nível de pleno armazenamento	PU – Plano de Urbanização
OMT – Organização Mundial do Turismo	RAN – Reserva Agrícola Nacional
PAC – Política Agrícola Comum	RCM – Resolução de Conselho de Ministros
PCM – Presidência do Conselho de Ministros	REN – Reserva Ecológica Nacional
PDM – Plano Director Municipal	SAER – Sociedade de Avaliação de Empresas e de Risco
PENT – Plano Estratégico Nacional de Turismo	TER – Turismo em Espaço Rural
PEOT – Planos Especiais de Ordenamento do Território	TP- Turismo de Portugal
PIB – produto interno bruto	UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
PIN – projecto de Potencial Interesse Nacional	ZPE – zona especial de protecção
PIOT – Planos Intermunicipais de Ordenamento do Território	
PME – pequena e média empresa	

O presente trabalho trata o tema da transformação da paisagem, que sempre ocorreu de forma mais ou menos acentuada. Antes de qualquer acção antrópica, são os próprios agentes de erosão e transformação da natureza, tais como a circulação da água e do ar, o clima ou a tectónica, que operam mudanças constantes e criam a realidade geográfica sobre a qual se desenvolvem as actividades humanas. A apropriação do território pelo homem constitui mais um nível de transformação.

O conceito de paisagem está profundamente relacionado com o processo transformativo, já que é produto das marcas de cada momento, de cada geração, de cada cultura, que se sobrepõem no mesmo lugar. Se a paisagem é registo da transformação da sociedade, é normal esperar em cada mudança do modo de estar social, uma mudança na própria paisagem.

Neste sentido, o ponto de partida desta investigação passou pelo processo de transformação do espaço rural português e pelas mudanças induzidas pela indústria do turismo na sociedade e, conseqüentemente, no território.

Portugal foi um dos últimos países rurais da Europa e a sua modernização durante os dois últimos séculos deixou muitas paisagens quase intocadas na sua fisionomia e na vida dos seus habitantes. No entanto, os centros urbanos constituíram parte da solução para o abandono dos campos, causado entre outros factores pela mecanização agrícola. Os camponeses procuraram as fábricas para trabalhar e mudaram de classe. No interior, o espaço rural continuou rural, sobretudo porque não se desenvolveu e despovoou drasticamente. Nesta extensa faixa, as cidades médias raramente apresentaram níveis de crescimento importantes para gerar uma dinâmica capaz de inverter a desertificação dos campos e das aldeias envolventes.

A sociedade rural torna-se cada vez mais independente do sector agrícola não só porque ocorre a globalização de modelos e valores e uma modificação na sociedade, mas também porque o progresso tecnológico que se concretiza em várias frentes (por exemplo, factores de produção, transportes ou comunicações), o que leva a que a relação próxima e de dependência com o território e os seus habitantes se vá desvanecendo.

Após a desertificação e o empobrecimento do tecido social e produtivo das zonas rurais, o cenário mais corrente passa pela florestação artificial ou natural do solo ou pelo re-uso para finalidades turísticas ou de segunda residência que reutilizam os edifícios, mas não cultivam os campos. Noutros casos, mais promissores, produzem-se produtos biológicos e revalorizam-se os produtos tradicionais. Na maior parte dos casos, assiste-se à turistificação do campo, em que o papel da agricultura é remetido para um mero recurso estético.

O Alentejo é das regiões portuguesas que melhor ilustra o processo de desruralização com expressão no êxodo rural, diminuição da população e, pelas suas características paisagísticas, o aumento da atractividade turística. Com a construção da barragem do Alqueva no rio Guadiana perspectivaram-se novas mudanças e significativas transformações no território, quer de carácter físico, inerentes à submersão de uma vasta área e à

alteração das condições microclimáticas decorrentes da formação do plano de água, quer de carácter natural e patrimonial, pela destruição de recursos e valores existentes e potencial surgimento de novos, quer de carácter socioeconómico, pelas potencialidades de desenvolvimento de actividades económicas e de melhoria da qualidade de vida que a reserva de água representa. Perante tal evidência, nenhum outro espaço em transição do território português, à data do presente estudo, reflectiria uma abrangência tão significativa de condições limite para entender a actual relação entre a economia do turismo e o desenvolvimento do espaço rural. O território do Alqueva e os modelos de desenvolvimento propostos constituem, portanto, os objectos de estudo deste trabalho, através dos quais serão identificadas as oportunidades, os desafios e os constrangimentos inerentes à sua implementação e transformação paisagística.

Determinadas mudanças na paisagem reflectem um dinamismo na actividade humana e uma capacidade de reflexão e inovação, que resultam na concretização de novos modelos que se opõem à globalização e estandardização de outros já edificados. Os modelos de transformação em curso para a paisagem do Alqueva, tendem no geral a corroborar esta afirmação.

O método de investigação seguido apoiou-se na escolha de dois projectos estruturantes para o desenvolvimento turístico do Alqueva como paradigmas de reflexão, ambos eleitos como projectos de potencial interesse nacional (PIN's). Embora existam mais projectos PIN's na região, apenas foram desenvolvidos os projectos da Herdade São Lourenço do Barrocal e da Herdade do Mercador, por constituírem dois casos de estudo paradigmáticos que reflectem a inovação introduzida pela qualidade do produto que oferecem e que garantem o valor acrescentado para o desenvolvimento local, e porque, entre eles, apresentam situações de génese distintas, como o substrato geológico ou o contexto histórico-cultural, bem como uma diferente relação e envolvência com o plano de água do Alqueva.

Numa das herdades, a de São Lourenço do Barrocal, o plano de água do Alqueva não interferiu com o espaço da herdade, enquanto que no Mercador a barragem obrigou à inundaçãõ de cerca de 2/3 da propriedade original. Desta forma, o interesse na análise destas duas propriedades revela-se pelo facto de oferecerem dois pontos de partida de projecto muito distintos e consequentemente respostas projectuais bastante diferentes. No barrocal trata-se de uma consolidação e requalificação da paisagem existente, susceptível de absorver o novo programa turístico, mantendo as valências agro-silvo-pastoris existentes, enquanto que no Mercador houve a necessidade de uma reinvençãõ quase total da paisagem existente, quase exclusivamente a partir dos novos programas do turismo, uma vez que os sistemas de produçãõ existentes praticamente desapareceram, assim como caminhos e outras estruturas que permitiam o funcionamento da herdade. No Barrocal a hipótese de continuidade com o existente foi possível, daí que o projecto se apoiar muito nos elementos do sítio como matéria de invençãõ projectual. Na herdade do Mercador as perturbações territoriais foram de tal modo radicais que obrigaram a uma reflexão muito apoiada em referentes análogos a este território, recorrendo ao uso de tipologias e de estratégias de implantaçãõ, como é o caso da centuriacãõ romana, como conteúdo de construçãõ desta nova espacialidade.

O trabalho é desenvolvido ao longo três pontos fundamentais. O primeiro trata da descrição evolutiva e sociocultural e do sítio Alqueva e das perturbações territoriais induzidas pela construção da barragem. De seguida faz-se uma identificação das contribuições que os vários actores deste processo têm feito. Instituições, promotores e projectistas têm sido responsáveis pela formulação de modelos de desenvolvimento para o Alqueva, apoiados nos seus pontos de vista específicos e que, na sua globalidade, acabam por formatar e definir aquilo que é a estratégia de aproveitamento do Alqueva. Assim, o desenvolvimento das perspectivas e modelos de transformação desta paisagem é analisado a partir dos: modelo político e institucional, cuja responsabilidade é das entidades, responsáveis pela regulação e aprovação dos planos; modelo económico, da responsabilidade dos promotores; e o modelo arquitectónico e de paisagem, da autoria das equipas projectistas das duas herdades que se optou analisar. Por fim, são estabelecidas as considerações finais, em que ficará assente uma posição crítica em relação às questões desenvolvidas na dissertação e às expectativas criadas pelos vários modelos.

No desenvolvimento do modelo político e institucional foram os planos elaborados pelas instituições reguladoras os elementos determinantes para o esclarecimento do intuito da sua acção. Estes determinam, em geral, densidades de construção e apontam para modelos de ocupação com base na estrutura construída e na estrutura agrícola ou natural existente, de modo a preservarem a permanência das estruturas territoriais que garantem a continuidade dos sistemas naturais em harmonia com as actividades económicas de uso e exploração do solo e de suporte à sociedade que integram. Os planos em questão são o Plano Regional de Ordenamento da Zona Envolverte ao Alqueva (PROZEA), o Plano de Ordenamento das Albufeiras do Alqueva e Pedrógão (POAAP), o Plano de Pormenor da Herdade do Barrocal (PPHB) e o Plano de Urbanização da Herdade do Mercador (PUHM).

As expectativas dos promotores dos projectos e de empresas de estudos de mercado, assim como os objectivos e as possibilidades de desenvolvimento da indústria do turismo nesta região determinadas por agentes dinamizadores como o Conselho Estratégico para o Turismo ou a Agência Nacional do Turismo constituíram a base para a definição do modelo económico previsto, que conjuga os princípios de desenvolvimento económico com a implementação de projectos turísticos contemporâneos. Assim, é pretendida a preservação do valor cultural da paisagem que está na base do conceito de desenvolvimento económico, que prevalece ao longo dos projectos. A expressão da mais-valia económica dada pela actividade turística que representa a sustentabilidade da paisagem será no entanto respeitadora das várias marcas presentes no território, e constituirá uma nova expressão da contemporaneidade dada pela expressão arquitectónica de forte modernidade, ancorada num processo de continuidade que relaciona a actividade humana com o território, a paisagem ou práticas culturais e económicas.

O modelo arquitectónico e de paisagem que se desenvolve em ambos os casos de estudo reflecte sobre as estratégias de desenvolvimento espacial utilizadas, tendo-se para tal seleccionado um conjunto de ferramentas de projecto que são entendidas, no contexto desta tese, como fundamentais para o desenvolvimento de modelos de paisagem sustentáveis e culturalmente significativos – a interpretação do lugar, baseada na interpretação de marcas e sinais existentes, a reutilização ou reinvenção de processos tradicionais de construção e das

características tipológicas e topológicas do lugar – que permitem entender a paisagem como um processo dinâmico e intervir de forma integrada. Estes modelos, assim como a dinâmica da paisagem mediterrânica, assentam em modos de ocupação e de gestão do território intrínsecos aos recursos naturais como o solo, a água e a vegetação. O papel da arquitectura passa sobretudo pela integração sustentada dos factores ecológicos e socioculturais em todas as suas componentes. A apreensão deste modelo foi feita através da análise e interpretação dos planos e do contacto permanente com os autores dos projectos e promotores, sobretudo através da discussão de ideias com os arquitectos paisagistas envolvidos em ambos os processos, e o aprofundamento do conhecimento de referências que de uma forma mais explícita ou implícita surgiram nos projectos como elementos referenciais. Estes elementos de referência permitem, no contexto da tese, trazer uma leitura comparativa entre o caso do Alqueva e outros casos que já tenham sido consolidados a partir de programas análogos.

Esta abordagem ao tema proposto foi predeterminada pelo conhecimento e apreensão pessoal do local em estudo, pela leitura e consulta de um corpo teórico desenvolvido por diversos autores relativamente a estes temas, pelas conversas com agentes intervenientes na evolução da paisagem e da sociedade do Alqueva desde o tempo da Reforma Agrária, com opiniões sensatas sobre as transformações decorridas, pelas conversas com alguns dos intervenientes dos projectos e pela concepção prática em contacto directo com o desenvolvimento projectual em *atelier*. As ideias apresentadas resultam da reflexão de uma paisagem em concreto, das razões para as suas alterações, dos seus processos e resultados, que deve ser entendida como um lugar onde há uma permanente conjugação entre os campos político, económico e social, e o vasto campo da natureza e os seus diferentes graus de modificação cultural.

## 1. mudança de paradigma – da agricultura à indústria do turismo | síntese histórica

*«A interação do alentejano com o seu ambiente foi determinada pela sua “escolha” e pela “intenção”. Aplicou modificações artificiais ao ambiente, aceitou uma hereditariedade, mas nunca teve medo de ficar vinculado ao que aconteceu antes. Produziu continuamente novas combinações de elementos do passado para produzir novos tipos de adequação e de vida. Teve habilidades intencionais, inovadoras e criativas.»*  
(Saramago, 1997: 10)

O contexto territorial da zona envolvente do Rio Guadiana é fortemente condicionado pelos contornos da sociedade rural alentejana. A sua paisagem reflecte tanto a história natural como a cultural deste território e o seu carácter é reflexo do contexto e das relações recíprocas, que se viveram e ainda vivem, entre os elementos que a compõem.

O interior alentejano é um território que faz parte da “raia de Portugal, a fronteira do subdesenvolvimento” (Pintado e Barrenechea, 1972) (ver **figura d** da **peça gráfica 01**), que ocupa mais de metade do país, desde a Serra do Algarve até Trás-os-Montes, e só detém 14% da população rural portuguesa. O território raiano é “formado por nove distritos portugueses [Bragança, Vila Real, Viseu, Guarda, Castelo Branco, Portalegre, Évora, Beja e Faro] e seis províncias espanholas [Orense, Zamora, Salamanca, Cáceres, Badajoz e Huelva] e constitui – no seu conjunto – a sobrevivência mais notável e extensa de subdesenvolvimento de toda a Europa” (*idem*: 9). O subdesenvolvimento, neste território, resulta de uma combinação de factores ecológicos com a acção antrópica, que determinou aquilo que é hoje esta paisagem, quer em termos estruturais quer morfológicos.

As acentuadas carências hídricas que sempre condicionaram esta paisagem resultam da latitude, do relevo suave e da disposição de parte dos relevos numa linha paralela à costa, que separa o interior da costa litoral (ver **figura a** da **peça gráfica 01**). “Para uma precipitação média anual de 990 mm em todo o território [português continental], correspondem 2000 mm nas bacias hidrográficas do Noroeste e menos de 400 mm em zonas da região da Beira Interior e do Alentejo. Quanto à frequência média da precipitação, os contrastes traduzem-se em mais de 150 dias de precipitação nas montanhas do Noroeste e em menos de 50 no interior Sul do Alentejo. Cerca de 80% desta precipitação é concentrada no período que vai de Outubro a Março/Abril, registando-se um período estival com quase total carência de chuva” (Caldas, 2006: 158). Perante tal realidade, a presença de cursos de água, sendo o Rio Guadiana um dos mais notáveis, foi determinante na fixação permanente do homem neste território.

O Guadiana é um rio de regime hídrico extremamente irregular, sujeito a anos consecutivos de estiagem, por vezes de regime torrencial. É também um ecossistema privilegiado para os cíclicos processos de renovação da vida. Já na Pré-História, a biodiversidade deste espaço proporcionava aos caçadores nómadas um território propício à caça e à pesca. Mais tarde, há mais de 5000 anos, assumiu um papel determinante na sedentarização dos povos, já que as suas margens apresentavam recursos excepcionais para a domesticação de plantas e animais. Com a

agricultura e a pastorícia como base de sustento, construíram-se as primeiras casas, permitindo uma fixação permanente (ver **figura b** da **peça gráfica 01**). Ao longo do seu curso proporcionaram-se contactos entre povos, trocas comerciais e culturais entre comunidades.

Território rico em metais, desde muito cedo o Sudoeste Peninsular revelou-se um importante assento para a prospecção mineira e fomento das trocas comerciais. A franca abertura ao exterior, particularmente ao mundo mediterrânico, intensificou-se ao longo do último milénio a. C., condicionando importantes alterações na tipologia de povoamento. “O número de povoados parece reduzir-se mas em contrapartida estes ganham em dimensão e estratégia defensiva” (Silva, 1996: 9), o que evidenciava novas e complexas estruturas políticas e sociais. “O cruzamento sucessivo de influências exteriores, algumas claramente de raiz continental e indo-europeia, abre caminho ao aparecimento das primeiras cidades que se afirmariam plenamente com a colonização romana” (*idem*, 1996: 9).

O império romano no Alentejo construiu-se de uma forma lenta e segura, longe dos lusitanos, a partir de uma privilegiada relação de proximidade cultural de características marcadamente mediterrâneas, o que possibilitou o desenvolvimento territorial de “uma das regiões senão mais povoadas pelo menos melhor organizadas na época romana” (Ribeiro, 1998: 98).

Neste período não houve modificações estruturais no tipo de cultura, uma vez que a agricultura que se fazia neste território era do tipo mediterrânico. O que aconteceu foi uma intensificação de práticas culturais já existentes.

A exploração mineira e a necessidade de ligar diferentes povoações por vias, veio dinamizar uma parte do interior alentejano. Foi o Imperador Augusto o fundador das duas grandes urbes que condicionariam todo o futuro da região, que abrangia os territórios envolventes ao Guadiana e que integravam a província da Lusitânia. *Emerita Augusta* (Mérida), a capital da Lusitânia, que mais tarde viria conjuntamente com Badajoz a gerir o Alto Guadiana, e *Pax Julia* (Beja), sede de circunscrição judicial que controlaria os territórios e as rotas entre o oceano e o rio durante mil anos. A Augusto e ao seu império se deve a estrutura territorial, que uniu profundamente os territórios e os povos de ambas as margens do Guadiana. Esta estrutura “estimulou ou permitiu que, recobrando a identidade natural, um grande domínio de civilização lhe impusesse uma precoce e persistente unidade humana” (Ribeiro, 1987: 302). Esta unidade assentava, por um lado, no cultivo de “produtos agrícolas – trigo, aveia, centeio, cevada, azeite e vinho –, assim como na criação de gado – ovelhas, cabras, vacas, éguas e suínos” (Cutileiro, 1977: 31) e na organização rural que lhes era associada; por outro, numa relação intensa de trocas, entre a subsistência e o comércio, numa densa rede territorial já desenvolvida (ver **figura c** da **peça gráfica 01**).

O recurso à energia hidráulica para accionar mecanismos cada vez mais complexos revelou-se fundamental para a economia das populações ribeirinhas, em especial a partir do fim da Idade Média. “A Ribeira, como nalguns locais o Guadiana ainda hoje é chamado” era facilmente atravessada nos inúmeros vaus ou “portos”, o que proporcionou “durante muitos séculos todo um conjunto de actividades essenciais ou complementares ao ciclo

tradicional de subsistência económica” (Silva, 1999: 16). São disto exemplo os vários “moinhos de submersão”, com abóbadas muito resistentes, de forma hidrodinâmica, altura pequena, orifício de escape da almofada de ar, paredes robustas e contrafortadas, construídos em locais estrategicamente escolhidos, onde a configuração das margens ou o substrato rochoso facilitavam a construção de açudes e levadas com lajes de xisto imbricadas em cutelo (Silva, 1999: 16) (ver **peça gráfica 08**). Os hábeis gestores dos recursos fluviais que no Verão apresentavam uma diminuta força de caudal construíram moinhos sobre as linhas de água, aproveitando-as integralmente para gerar força, estando estes adaptados a uma submersão total, apresentando-se por isso bastante resistentes às fortes cheias.

A estrutura territorial construída no período romano não foi alterada pelas invasões “bárbaras”, nem pela presença islâmica, que influenciou o Sul do país durante 500 anos. Só após as guerras e assolações da Reconquista se deu a divisão artificial destas terras, condenando-as a uma marginalidade raiana sempre mal compreendida pelos seus habitantes. Assim se passou de uma região próspera a “um vasto matagal, entressachado de poucos, distantes mas populosos núcleos de povoamento” (Ribeiro, 1998: 98).

Algumas condicionantes políticas, económicas e tecnológicas provocaram grandes mudanças a partir de meados do século XIX, pelo que determinados aspectos da vida social dos habitantes deste território constituem ainda hoje a sua consequência directa. Neste período a cultura de cereais, os montados e os olivais tiveram um enorme incremento, principalmente devido à introdução dos adubos químicos e à abertura de estradas e caminhos-de-ferro, que impulsionaram o escoamento dos produtos para as zonas urbanas. A maior parte das grandes unidades agrárias passaram de charnecas pastoris ou coutos de caça a “áreas de sequeiro extreme, onde predominam o cereal e o montado” (Ribeiro, 1987: 125).

Num país com baixo índice de industrialização e tradicionalmente agrícola, a fonte de rendimentos prendia-se com a questão da posse da terra, que “assenta nos princípios estabelecidos aquando da remodelação da estrutura jurídica, administrativa e económica do País que se verificou durante as décadas seguintes ao derrube formal do *ancien régime*, após o termo da guerra civil em 1834 (...). O principal objectivo [da legislação liberal] constituiu em tornar a terra livre e alodial, com vista a defender os plenos direitos de propriedade individuais e aumentar a produção (...). Deste modo, foram postas à venda extensas áreas que haviam pertencido a ordens religiosas, a casas aristocráticas, à Coroa e à própria comunidade (as terras comunais), muitas das quais se encontravam completamente por cultivar ou mal aproveitadas para a agricultura” (Cutileiro, 1977: 10). Um novo grupo de proprietários rurais de origem não aristocrática surgiu na estratificação social de então.

A partilha dos terrenos baldios para o desenvolvimento de actividades agro-pastoris foi outra mudança socialmente significativa que se verificou no regime de propriedade da terra. As Campanhas do Trigo, iniciadas em meados do século XIX, que se prolongaram durante quase um século, assim como a necessidade de construir caminhos-de-ferro ou a carência de lenha para combustível durante as duas Grandes Guerras, contribuíram drasticamente para a substituição de áreas florestais por áreas agrícolas. Na 1ª República (1910-26), o principal

mote para o cultivo dos incultos seria o de “eliminar ou pelo menos diminuir a dependência alimentar do exterior” (Baptista, 1993: 13). A partir das arroteias em áreas quase despovoadas, aos agricultores/pastores foi-lhes concedido, “em regime de aforamento, pequenas *courelas* ou reservou-se à sua exploração uma parte da folha de cereal” (Ribeiro, 1987: 126). Assim, nas grandes propriedades, formaram-se núcleos de pequena exploração ou propriedade.

Os baldios podiam fornecer terra, mas os proveitos que proporcionavam não eram suficientes, e o facto de terem sido divididos em courelas tornou a sua exploração praticamente inviável. No entanto, esta situação teve uma duração efémera. A repartição das terras não era justa e, perante o descontentamento com a fraca produtividade, as courelas eram vendidas por muito pouco e os grandes proprietários eram quem mais lucrava com isso, pois reconstituíam assim os latifúndios. A repartição dos baldios “contribuiu para a concentração da terra nas mãos de um reduzido número de pessoas” (Cutileiro, 1977: 27). Sem terra própria os habitantes deixaram de ter uma fonte potencial de sustento ou receitas.

Neste contexto particular que associava a estruturação de relações sociais à questão da terra e à actividade agrícola, destacavam-se quatro grupos com diferenças bem vincadas. Os latifundiários/lavradores, o grupo mais reduzido e de maior riqueza, que se limitava a administrar as suas terras, deixando para outros a função de as trabalhar, e que não interagia com as populações mais desfavorecidas. Os proprietários também designados por lavradores, aqueles que viviam exclusivamente dos rendimentos que as terras lhes garantiam, sendo os mais notáveis e que empregavam nas suas terras homens que não pertenciam às suas famílias, viviam muito mais perto do resto da população, o que lhes permitia exercer uma certa influência sobre o mercado de emprego e a administração local. Os seareiros eram os que lavravam cereais, especialmente o trigo, em terras doutrem, entregando ao dono, em género, uma parte da colheita, e que geralmente “possuíam animais de tiro, o que lhes possibilitava aceitar explorações agrícolas em parceria” (Cutileiro, 1977: 72). Por fim, os trabalhadores rurais ou pastores, os únicos que não empregavam outros homens nem eram patrões de si próprios e que trabalhavam de sol a sol nos campos alentejanos, constituindo o grupo mais numeroso e mais pobre. Esta estratificação demonstra as fortes assimetrias que se sentiam nesta sociedade rural, pois a variação do número de indivíduos e de riqueza associada era muitíssimo discrepante.

Até meados do século XX, “a agricultura e a sociedade rural alcançavam a sua maior expressão demográfica (...). A agricultura, a sociedade rural e o espaço trilhavam destinos coincidentes” (Baptista, 1996: 36). A partir da década de 50, verificou-se um forte êxodo rural, com a deslocação da actividade agrícola para a indústria nas zonas urbanas próximas da cintura industrial de Lisboa e para os países mais industrializados da Europa. O decréscimo de população rural teve vários factores associados: o rápido crescimento demográfico; o fomento do desenvolvimento da indústria, resultante da aposta nacional nas indústrias de base e transformadora, com salários bem mais compensadores; a progressiva mecanização da agricultura, com a consequente substituição do trabalho dos assalariados; e o aumento do consumo de produtos comerciais, em detrimento dos produtos locais.

Progressivamente e até à actualidade o espaço rural tem surgido como “uma questão autónoma”, isto é, “a actividade dos que vivem e trabalham nas explorações agrícolas já não assegura plenamente a mediação entre a população e o território” (Baptista, 1993: 21). Deu-se uma drástica transição de um longo período de intensa simbiose entre o trabalho da sociedade rural e a agricultura para um outro período, dominado por uma agricultura capitalista praticada nos domínios dos latifundiários, subsistindo residualmente a agricultura familiar nas restantes propriedades.

O capitalismo agrário privado recorre frequentemente à mecanização, a adubos e fármacos, à “supressão de pousios, substituídos por leguminosas e forragens de sequeiro, [à] multiplicação de pequenos açudes para um regadio exclusivo de culturas de rendimento [e à] separação do cereal e do montado, que é um estorvo à lavoura mecânica” (Ribeiro, 1987: 127). Este tipo de agricultura teve uma grande responsabilidade no desaparecimento dos seareiros, um grupo social marcante nesta paisagem até há poucas décadas atrás.

Afastada a tentativa de alteração do regime de propriedade e exploração nesta região pela Reforma Agrária (1975–77), assiste-se à capitalização e intensificação da actividade nas áreas de melhores solos em simultâneo com a simulação do cultivo ou desactivação da produção para receber subsídios outorgados pela Política Agrícola Comum (PAC) (Oliveira, 2001: 94). Não só no Alentejo, mas também no restante território rural português, foi evidente o aumento do cultivo extensivo e das áreas de incultos. O cultivo extensivo por parte dos proprietários das terras alentejanas passa, a maior parte das vezes, por uma atitude extractivista, que se cinge à plantação de eucaliptos, extracção de cortiça nos montados, pecuária extensiva ou abertura de coutadas. As áreas mais degradadas são abandonadas, o “que, nalguns casos, se confunde com o avanço da desertificação” (Baptista, 1993: 28).

A evolução agrícola na região nas últimas décadas, profundamente marcada pelo êxodo populacional e por transformações tecnológicas e orientações políticas transnacionais, aponta, como já foi anteriormente referido, para a redução activa neste sector, para a restrição da área cultivada e consequente desertificação e abandono dos montes, lugares e aldeias.

A sociedade rural torna-se cada vez mais independente do sector agrícola e o espaço rural que era antes delimitado a partir do número de habitantes – aglomerados com menos de 2000 habitantes – é actualmente definido por “baixas densidades populacionais, em diferentes modos de povoamento (dos pequenos aglomerados ao povoamento disperso), por [depende] económica e simbolicamente de formas de exploração dos recursos naturais, quer na produção quer nos serviços, e por [nele] existir um modo de vida centrado na intensidade das relações locais de interconhecimento e na ligação à natureza como factor de identidade colectiva (dos residentes) e de produção de alternativas aos meios urbanos (para novos residentes e consumidores de origem urbana)” (Pedroso, 1998: 6).

No Alentejo interior (ver **figuras a e b da peça gráfica 02**) encontra-se um *rural de baixa densidade*, onde a densidade populacional “é extremamente baixa (14 hab/ km<sup>2</sup>), mostrando os indicadores uma população mais

envelhecida (23% com 65 e mais anos), com uma elevada inserção profissional através da agricultura, uma ligação igualmente forte a explorações agrícolas (55%) e uma significativa dependência das pensões como principal meio de vida (33%). Trata-se de um rural mais pobre, envelhecido e onde os rendimentos provenientes do exterior, nomeadamente das pensões rurais e de reforma, têm um peso decisivo na reprodução da população” (Baptista *et al*, 2000). Neste território há uma coexistência em diferentes graus de três tipos de espaço rural: a “economia produtiva agrícola”, associada aos latifúndios; o “espaço rural profundo”; e o “espaço rural de produção de serviços”, que está articulado com os aglomerados urbanos (Pedroso, 1998: 12). É neste contexto que mais dificilmente a agricultura tem sido substituída por ocupações do espaço rural alternativas, e é também aqui que alcançam maior expressão o analfabetismo e o baixo nível de instrução e onde mais fazem falta os equipamentos colectivos e o empreendedorismo.

A desertificação e o empobrecimento do tecido social e produtivo das zonas rurais, como o interior alentejano, decorrente das transformações introduzidas – decréscimo da população rural, de activos na agricultura e de área cultivada; maior segmentação do desempenho dos activos agrícolas; aumento do número de áreas protegidas; infra-estruturação e número de residências secundárias crescente – conduziram à formação e implementação de diferentes políticas nacionais e comunitárias de desenvolvimento rural. Tais políticas de resposta à chamada crise do mundo rural passam pelo aproveitamento do potencial agrícola dos campos, associado à elaboração de produtos agro-alimentares de marca, pela patrimonialização dos seus recursos naturais, paisagísticos, históricos e culturais e pela consequente turistificação dos mesmos (Silva, 2006: 304).

Este território em transição passou a ser reconhecido, após o desenvolvimento das sociedades urbanizadas e pós-industriais, como um espaço físico e social onde se encontram novas relações entre local e global e onde se articulam lógicas tradicionais e modernas de organização territorial. As expectativas da sociedade perante o espaço rural correspondem à valorização da “produção agrícola, produção florestal, protecção ambiental e conservação da natureza, a par da valorização económica dos recursos naturais, actividades territoriais (caça, desportos, contacto com a natureza, lazer, etc.), actividades associadas à herança rural (património material e imaterial), nomeadamente quanto à sua valorização económica” (Baptista, 2008: 4). A recomposição deste espaço rural resulta assim do reconhecimento das novas funções que lhe podem estar associadas e que devem ser potenciadoras de externalidades económicas positivas, contribuindo para o seu equilíbrio social e ambiental.

Para responder à valorização dos recursos naturais, uma das principais medidas tomadas nesta região foi a construção da barragem de Alqueva, cujas comportas se encerraram a 8 de Fevereiro de 2002. A ideia de represar as águas do Guadiana remonta ao século XIX. No entanto, esta ideia só é integrada em 1957 no Plano de Rega do Alentejo, viabilizada em 1968 pelo Convénio Luso-Espanhol sobre rios internacionais e aprovada em 1970, tendo sido relançada cinco anos depois e as obras iniciadas em 1977, que ficariam sem sequência durante vinte anos, com base em pareceres negativos do Banco Mundial. Em 1995 as obras foram novamente retomadas, com o apoio económico comunitário.

Ao “empreendimento de fins múltiplos de Alqueva” são associados “os grandes objectivos não só da constituição de uma reserva estratégica de água e da contribuição para regularização do rio Guadiana, como a produção de energia eléctrica, o fornecimento de água para a indústria e para a rega, a garantia de abastecimento público e ainda o desenvolvimento do turismo e o combate à desertificação” (Caldas, 1995: 128).

O desenvolvimento do projecto global vai durar até 2025, assegurando a construção de três subsistemas independentes – Alqueva, Pedrogão e Ardila –, com 680 km de canais de rega na rede primária e 4400 km nas redes secundária e terciária. Os sistemas de rega destinam-se ao regadio no Alentejo Central, no Baixo Alentejo e no Sul do distrito de Setúbal. Está prevista também a construção de 18 estações elevatórias para bombear a água. Pretende-se, deste modo, assegurar o regadio a 110 mil ha, potenciando culturas como a de beterraba, algodão, fruticultura, horticultura, ou permitir a instalação de unidades agro-industriais de tomate, pimento, rega de olivais, vinhas ou forragens (Matos, 2002: 18). Para a concepção, construção e exploração do vasto empreendimento, foi constituída a Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas de Alqueva, S. A. (EDIA).

No nível de pleno armazenamento (NPA), à cota de 152 m, a paisagem é agora completamente diferente, é marcada, principalmente nos períodos mais secos, pelo contraste entre a secura dominante na sua envolvente e a extensa albufeira, que se prolonga por 83 dos 260 km do curso do Guadiana em Portugal. Este lago artificial com 250 km<sup>2</sup> de superfície – dos quais 35 km<sup>2</sup> em Espanha – e 1100 km de margens, permite armazenar um volume total de 4150 hm<sup>3</sup> e revelar inúmeras ilhas, as colinas que ultrapassam a cota do NPA (ver **figura e da peça gráfica 02**).

Num contexto de domínio absoluto da grande propriedade, que condiciona as soluções para a produção e o emprego, em que são determinantes os incentivos por parte da União Europeia e da PAC à prática de uma agricultura extensiva, bem como a questão do preço a pagar pela água presente no novo quadro de referência relativo aos recursos hídricos, “a vertente hidroagrícola do empreendimento perdeu peso económico relativamente às restantes” (Caldas, 1995: 129), tanto ao nível da opinião pública como das oportunidades de negócios. Grandes expectativas estão agora dependentes de oportunidades de negócio associadas ao sector do turismo.

De acordo com o Plano Estratégico Nacional de Turismo (PENT), foram identificados sete novos pólos de atracção turística para desenvolver em Portugal, dos quais o Alentejo, o Litoral Alentejano e o Alqueva se destacam. Para estruturar a oferta turística no pólo Alqueva, foi criado pela EDIA um organismo específico com essa responsabilidade, a Gestalqueva. É uma estrutura vocacionada para a concepção, execução, gestão e promoção de projectos nas áreas do ambiente, qualidade urbana, turismo e património, que tem como grandes domínios de intervenção: desenvolvimento das aldeias ribeirinhas; articulação do espelho de água com o território; utilização do plano de água; desenvolvimento do núcleo da barragem; informação, divulgação e *marketing* (Silva e Dias, 2005: 26).

O grande lago do Alqueva e as aldeias a ele adjacentes – Campinho, São Marcos do Campo, Granja, Nova Aldeia da Luz, Amieira, Alqueva, Estrela, Telheiro e Póvoa de São Miguel – (ver **figura c da peça gráfica 02**), que

formarão no seu conjunto uma rede urbana ribeirinha, são os dois elementos que permitem impulsionar o Alqueva como destino turístico, a comercializar sob a marca “Terras do Grande Lago Alqueva” (Rodrigues, 2007: 14). A proposta sugerida é da aposta “nas características intrínsecas da paisagem alentejana, que se alicerçam em valores de marca como o romantismo, autenticidade e diversidade, baseados em atractivos recursos turísticos, quer materiais (natureza, cultura popular, património edificado) quer imateriais (gastronomia, vinhos, tradições, hospitalidade)” (Rodrigues, 2007: 2). O “turismo romântico”, que se pretende fomentar, contrasta claramente com o “turismo colectivo/de massas”, cujo desenvolvimento foi muitas vezes, ao longo do litoral português, completamente devastador ao nível da sua ordem estrutural, ecológica e urbanística. Este tipo de turismo valoriza a solitude, a privacidade e a pessoalidade das relações, as práticas culturais e o bem-estar físico e psicológico, de uma forma bastante elitista (Matos, 2008: 6).

Os *Resorts* e aldeias turísticas representam uma nova forma de turismo em locais privilegiados da paisagem rural e um novo nível de impacto sobre o território que ultrapassa os padrões de envolvimento tradicional do turismo em espaço rural (TER). Raros serão os exemplos que tenham exclusivamente projectos de exploração agrícola associados a projectos culturais e a sua maioria utiliza o recurso paisagem em benefício de agentes externos – promotores e turistas – sem que se estabeleçam relações de complementaridade e de desenvolvimento local. Prevê-se ainda a ocorrência de transformações significativas no mosaico cultural da paisagem pela introdução de modelos culturais importados, de que são exemplo os campos de golfe, bem como nos modelos de povoamento. Estes novos modelos de povoamento, cuja edificação está prevista na zona envolvente ao Alqueva, podem constituir um novo padrão de povoamento disperso, que contrasta fortemente com o padrão actual, no qual coexistem os aglomerados urbanos bastante densos e os montes dispersos ao longo da larga malha fundiária. Deste modo, o actual tipo de povoamento pode rapidamente transformar-se, podendo estes novos aglomerados urbanos constituírem “novas aldeias” estruturalmente diferentes das aldeias que hoje compõem parte da estrutura edificada.

No que respeita à conservação das características intrínsecas desta paisagem, o TER será, porventura, aquele que melhor responde à preservação da identidade local enquanto unidade sociocultural produtiva. As formas de TER desenvolveram-se como um ramo da actividade turística, que oferece o contacto com a natureza e com espaço rural, assente num modelo doméstico, inserido num tipo de turismo organizado, estruturado e associado à tematização das actividades culturais específicas da região e que se apoia no conceito de desenvolvimento social e económico como actividade complementar às práticas agrícolas e florestais. Através da implementação de percursos pedestres, centros de interpretação e núcleos museológicos, o TER proporciona actividades de contemplação, animação, desporto e natureza. As iniciativas de desenvolvimento económico assentam na patrimonialização da cultura, sobretudo no apoio à revitalização de festas e eventos, ranchos folclóricos, gastronomia e ainda na preconização de rotas diferenciadas ligadas ao património cultural da região.

Uma das modalidades de TER apoia-se no desenvolvimento florestal e especialização de determinadas monoculturas, subsidiado por políticas transnacionais, nomeadamente a PAC, que ganham relevo e são exploradas como circuitos turísticos temáticos. Nestes casos a actividade agrícola relativiza-se, sendo apreendida como imagem de promoção turística, ou seja, ocorre uma valorização da agricultura como produto da indústria do turismo e não como actividade produtiva fundamental.

Outra modalidade de TER advém do Programa de Animação das Aldeias Históricas em Portugal, instituído pela Comissão de Coordenação de Desenvolvimento Regional (CCDR) e Municípios, que incidiu na recuperação estrutural de aldeias como Monsaraz, através reabilitação patrimonial, obras infra-estruturais, criação de unidades de alojamento, centros de informação e de interpretação e apoios a iniciativas privadas na exploração e venda de produtos naturais (Matos, 2008: 12).

As unidades de alojamento agrupam-se de acordo com diferentes categorias de TER: Turismo de Habitação, Turismo Rural, Agroturismo, Hotel Rural, Casas de Campo, Turismo de Aldeia e Parques de Campismo Rural.

Relativamente ao Turismo de Aldeia existe actualmente um projecto para 14 aldeias alentejanas (ver **figura c da peça gráfica 02**), que integra a Rede Europeia de Turismo de Aldeia – com a marca *Genuineland* –, financiado pelo programa comunitário Interreg III C sob a forma de associação sem fins lucrativos, que integra 41 empresas e sete organismos públicos do poder local e regional. Esta pretende evitar a desertificação promovendo turisticamente espaços rurais com fortes tradições culturais, históricas, etnográficas e patrimoniais, mantendo a convicção de que, em cooperação, podem contribuir para a sustentabilidade da região e incentivar políticas mais eficazes ao nível do empreendedorismo e apoio às Pequenas e Médias Empresas (PME's), no âmbito da inovação e conhecimento (<http://www.genuineland.com>).

Com o desenvolvimento do sector económico associado ao turismo, o planeamento surgiu de uma forma fragmentada e pouco esclarecida, tornando a progressiva transformação do território insuficientemente sustentada, uma vez que não existe uma política geral de gestão territorial e uma ideia abrangente de paisagem. O planeamento foi concretizado com recurso a diversas ferramentas legais e a instrumentos nacionais e regionais de ordenamento do território, que salvaguardam as paisagens onde a crescente pressão exercida pela indústria turística poderia ser uma ameaça ao património paisagístico, natural e cultural, prevenindo eventuais abusos e pressão imobiliária – Plano da Bacia Hidrográfica do Alqueva, Plano Regional de Ordenamento Florestal do Alentejo, PROZEA, POAAP, Planos Directores Municipais, Planos de Pormenor. Contudo, o projecto PIN, uma figura legislativa de planeamento estratégico, que se tem suplantado a todas as directivas de protecção territorial em termos de conservação de recursos naturais, como a qualidade da água ou a preservação dos ecossistemas, que são defendidos na Directiva Quadro da Água, na Reserva Ecológica Nacional (REN) ou na Rede Natura 2000, tem tido um forte protagonismo na evolução desta paisagem. Com a finalidade de um desenvolvimento económico sustentável, este tipo de projectos encara o património ambiental como fonte de vantagem competitiva, como um recurso capaz de criar valor e ser capitalizado em novos serviços (Martins e Frazão, 2008: 18). Seis PIN's foram aprovados a

nível nacional na zona envolvente ao Alqueva: Parque Alqueva, em Reguengos de Monsaraz (940 milhões de euros e 2000 postos de trabalho); Herdade do Barrocal, em Reguengos de Monsaraz (90 milhões de euros e 105 postos de trabalho); Herdade do Mercador, em Mourão (55 milhões de euros e 200 postos de trabalho); Herdade dos Almendres, em Évora (181 milhões de euros e 288 postos de trabalho); e Évora Resort, em Évora (208 milhões de euros e 430 postos de trabalho) (ver **figuras c e d da peça gráfica 02**).

Verificou-se, em poucos anos, uma forte transacção de propriedades junto ao Alqueva. Um quarto da área de regadio para a produção de olival espanhol – “em apenas três anos, empresários do país vizinho revolucionaram a agricultura alentejana, investindo mais de 350 milhões de euros na aquisição de terras e na aplicação do novo modelo agrícola baseado na olivicultura” (Caldas, 2006: 165) –, enquanto que outras áreas foram compradas por grupos económicos nacionais para a instalação de empreendimentos turísticos, alguns associados ao turismo enológico, à caça e ao golfe. Estão em fase de projecto ou já em fase de construção 11 grandes unidades turísticas no distrito de Évora, que somam 22500 camas e um investimento de dois mil milhões de euros (1876 milhões). O projecto de maior dimensão é o Parque Alqueva, que prevê mil milhões de euros e a criação de dois mil postos de trabalho ao longo de duas décadas. O promotor é a Sociedade Alentejana de Investimentos e Participações de José Roquette. Classificado como PIN, o Parque Alqueva prevê aldeamentos turísticos, hotéis, agricultura biológica, campos de golfe, centros equestres e de conferências, desporto náutico e unidades de saúde (<http://dn.sapo.pt/2008/01/26/economia/alqueva.html>). A área de intervenção é composta por três núcleos distintos associados a três herdades: Herdade das Areias (858 ha); Herdade do Postoro, (477 ha); e Herdade do Roncão (739 ha).

Outro empreendimento que tem potenciado o desenvolvimento estratégico e turístico do Alqueva é a Amieira Marina, um investimento da empresa Nautialqueva de capitais totalmente privados (cerca de 4,5 milhões de euros no total), do qual resultou, numa primeira fase, a construção de uma marina onde se podem alugar barcos-casa, e resultará, numa segunda fase, a criação de uma unidade hoteleira (ver **figura c da peça gráfica 02**).

Ainda em termos de investimentos estratégicos é de referir a futura abertura do aeroporto de Beja ao tráfego de voos civis, especialmente para companhias *charters* e *low cost*. O aeroporto estará servido pelas vias rodoviárias da A2 e IP8, ficando a 170 km de Lisboa e a 100 km do Algarve, dois dos principais destinos do fluxo turístico nacional, e a 60 km da albufeira.

Apesar do forte desenvolvimento da indústria do turismo neste território, em que o espaço está dependente de expectativas externas, é de ressaltar a importância da iniciativa local como matriz ou base estrutural de todas as actividades que nele assentem. Este só será conseguido quando o poder autárquico potenciar projectos que estabeleçam parcerias entre os interesses da população e dos investidores, que se concretizem segundo uma estratégia pré-definida, e quando a Administração “garantir um grau de equidade na disponibilização de equipamentos, de infra-estruturas e de serviços colectivos que satisfaçam as necessidades básicas das populações” (Guerreiro, 2003: 518).

A introdução do turismo nesta paisagem é certamente um factor que poderá promover alterações culturais determinantes, no sentido da capitalização de uma cultura específica, sobrevalorizando a diversificação das actividades económicas rurais, a defesa e valorização dos produtos tradicionais de qualidade e a preservação do património edificado. No entanto, a actividade turística não pode ser tomada como único factor de desenvolvimento local, não só porque é sujeita muitas vezes à sazonalidade, às flutuações do mercado e às tendências da sociedade, o que revela uma certa instabilidade e vulnerabilidade, mas também pela razão do turismo apenas promover a “revitalização do tecido socioeconómico dos contextos que são objecto de um vasto processo de turistificação e nos quais existe um leque variado de produtos e serviços turísticos que consigam captar uma importante quota de mercado” (Silva, 2006: 299), o que seria contraproducente num espaço rural do interior como este, em que a sustentabilidade depende da relação harmoniosa entre a conservação, a rentabilização dos recursos envolvidos e as necessidades das populações locais.

Neste percurso de mudanças em que têm predominado os valores urbanos na subsistência deste território, marcados pelo individualismo em detrimento dos interesses colectivos e pelo consumo em detrimento da produção, verifica-se alguma continuidade na conservação e valorização da identidade rural. Esta continuidade é reforçada pela permanência de algumas famílias e de parte das ancestrais actividades, reforçadas por investimentos no domínio das explorações agrícolas modernas incorporando novos produtos e novas tecnologias, bem como da procura por parte de novas famílias de modelos, de perspectivas, de paradigmas, de sistema de valores, de ideias e de representações “anti-urbanas”, que revalorizam o rural e que sirvam de alguma forma como contrapontos ou compensações “face à crescente artificialidade, insegurança, estandardização, impessoalidade, saturação, dos modos de vida urbanos” (Ribeiro, 2003: 200). São principalmente estrangeiros que, atraídos pelos valores rurais desta paisagem mediterrânica, adquirem muitos dos montes alentejanos que se encontram no mercado e formam uma nova geração de agricultores com forte convicção ecologista (Mestre, 2007: 100).

A sedimentação da identidade rural alentejana pode também ser encontrada em projectos turísticos desenvolvidos no âmbito dos PIN, como é o caso dos projectos desenvolvidos quer para a Herdade do Mercador quer para a Herdade de São Lourenço do Barrocal, em que se pretende “induzir uma nova dinâmica na manutenção e valorização dos sistemas de produção” (Matos, 2008: 5), procurando um novo modelo de turismo assente no carácter da paisagem.

A paisagem do interior alentejano, à qual desde sempre o Guadiana esteve associado, é agora palco para novas actividades emergentes, onde o papel da agricultura já não é o de motor da economia rural. Este espaço rural terá de ter a capacidade de reunir e compatibilizar as tradicionais e as novas actividades e constituir um novo cenário de interacção entre os locais e os de fora.

## 2. sítio e perturbações territoriais

*«O Alentejo não é só a planície obstinada, a praia imensa dos trigais morrendo ao longe no céu – único mar que se avista. Não é só o grande espaço liso, o ar sem asas, sem vento, o silêncio de convento, a terra seca de fontes. Tem montes, o Alentejo; tem rios, correndo para outros rios; tem barrancos que são menos do que rios – caminhos de água de inverno, feridas secas de estio, bordejadas de loendros; tem um rio grande, o Guadiana, direito descendo ao mar, povoado de moinhos onde, junto com o grão, se moía pobreza e solidão.»*  
(Alarcão, 1999: 128)

### *estrutura física | grandes unidades de paisagem*

A compreensão da estrutura a partir da qual se organiza a paisagem é fundamental, pois é a partir dela que se pode interpretar alguma coerência e articulação na ocupação do território.

O clima que influencia este território apresenta fortes características mediterrâneas e continentais com um período estival seco, quente e bem definido, concentrando-se as chuvas nos meses mais frios. Os contrastes térmicos são bastante acentuados, com temperaturas superiores a 40°C no Verão e valores negativos no Inverno. A temperatura média anual no vale do Guadiana é da ordem dos 16°C e a precipitação média anual na região varia entre os 500 e os 600 mm. Os meses de maior precipitação são os de Novembro a Março, em que a média mensal está entre os 77 e os 94 mm. No verão a média mensal é bastante reduzida, ronda os 20 mm. A média anual da humidade relativa do ar está entre os 73 e os 77%, sendo os valores relativos ao Verão mais reduzidos, entre os 51 e os 58%, do que os respeitantes ao Inverno, na ordem dos 87 a 92%. No que respeita à nebulosidade, os dias de céu encoberto ocorrem predominantemente no Inverno, assinalando-se em média cerca de 40 dias com nevoeiro durante o ano. Está previsto que a presença da albufeira condicione o aumento destes valores. As geadas também predominam no Inverno, em média cerca de 30 ou mais dias (SAIP, 2007: 17).

O rio Guadiana nasce em Espanha, na província *Ciudad Real*, totalizando uma extensão de cerca de 810 Km, dos quais 235 km em Portugal, e desagua no Oceano Atlântico, entre Vila Real de Santo António e Ayamonte. É navegável nos últimos 48 Km, entre o Pomarão e a foz, onde a sua largura varia entre 100 e 500 m e a sua profundidade média é superior a 5 m. A sua bacia hidrográfica ocupa, em Portugal, uma área de 11.700 km<sup>2</sup> e em Espanha 66.960km<sup>2</sup> (<http://www.odiana.pt/rio/>) (ver **figura a da peça gráfica 03**).

Fisiograficamente a zona envolvente ao rio Guadiana caracteriza-se por ser muito aplanada nos planaltos, que são pontuados por elevações ocasionadas por relevos de dureza – Serra de Portel, Serra da Ossa, Serra de Monfurado, *Sierra de Salvatierra e Sierra de Aracena y Picos de Aroche*. Esta planície dá lugar a um relevo fortemente ondulado na aproximação dos vales do Guadiana e dos seus principais afluentes, na margem direita as ribeiras de Mures, Asseca, Lucefécit, Azevel e do Álamo e os rios Caia e Degebe e na esquerda as ribeiras de Cuncos, Alcarrache, Táliga e da Amoreira e os rios Olivença, Frigamiñoz e Ardila, cujas encostas apresentam um relevo vigoroso de declive muito acentuado (ver **figura b da peça gráfica 03**). Esta paisagem “inscreve-se no

maciço antigo e, em termos morfológicos, corresponde à peneplanície conservada do Alto Alentejo” (Abreu *et al*, 2004: 11).

Em termos litológicos, o território em estudo localiza-se na zona geológica da Ossa-Morena no sector Estremoz-Barrancos. Este sector abrange rochas com idades compreendidas entre o Câmbrio e o Devónico Superior. Predominam as rochas sedimentares xisto-grauváquicas com intercalações de rochas metamórficas.

Sobre os granitos e quartzodioritos encontram-se geralmente solos litólicos não húmicos em fase delgada e manchas de litossolos, associados às zonas mais acidentadas, e em locais onde o relevo é mais suave predominam os solos mediterrâneos normais, para-barros e os solos litólicos não húmicos. Nos xistos, que estão associados aos vales encaixados do Guadiana e seus afluentes ou à Serra de Ossa, em situações de relevo mais acidentado predominam os litossolos e os solos mediterrâneos normais em fases delgadas e naquelas em que o relevo é mais aplanado prevalecem os solos mediterrâneos normais, parcialmente delgados (Abreu *et al*, 2004: 11) (ver **figura d** da **peça gráfica 03**).

Os grandes grupos de ocupação do solo são a estepe cerealífera, o montado, em que há uma predominância natural de *Quercus rotundifolia* (azinheira), e a policultura mediterrânea, essencialmente na envolvente dos aglomerados urbanos. Geralmente, os montados ocupam as planícies associadas aos granitos, em que há frequentes afloramentos de grandes blocos à superfície, o olival medra nos calcários e os xistos estão cobertos de matos, eucaliptais ou montados.

Mesmo perante um relevo em geral suave é de salientar a importância dos fenómenos erosivos como agentes transformadores desta paisagem. A sua intensa acção, provocada sobretudo pelas características da precipitação e da erodibilidade do solo, é evidente aquando da formação de cursos de água torrenciais que transportam uma grande quantidade de sedimentos, deixando para trás de si sulcos provocados pelo escorrimento nas superfícies não protegidas pela vegetação. Outro importante factor erosivo presente é o próprio sistema de exploração da terra, preconizado durante séculos de intensa relação de dependência entre o homem e a agricultura.

A albufeira do Alqueva tem três braços principais que se desenvolveram ao longo do Guadiana, do Degebe e de Alcarrache. O braço principal tem cerca de 91 km e uma largura média de 2100 m, que é bastante variável ao longo do seu percurso. A sua profundidade máxima varia entre os 80 m junto à barragem até valores quase nulos junto a Juromenha. O braço do Degebe tem 34 km de comprimento e uma largura média de 700 m, já o de Alcarrache alcança os 19 km de comprimento e os 1500 m de largura média (ver **figura c** da **peça gráfica 03**).

A albufeira constitui um sistema híbrido entre um lago e um rio, uma vez que regula e retarda o seu fluxo com uma taxa de renovação mais lenta que a de um rio e mais rápida que de um lago (INAG, 2006: 35). Esta pode potenciar a constituição de novos ecossistemas, desde que se promova a qualidade da água armazenada e a variação mínima do nível das águas.

## *padrões e tipologias da ocupação antrópica*

A teoria tipológica defende que os tipos decorrem “de uma construção mental deduzida a partir da análise de um conjunto de objectos, aos quais se lhes reproduz a complexidade, para se identificar a estrutura básica de organização dos mesmos” (Raposo, 2000: 34 e 35). As tipologias constituem o essencial de uma realidade concreta, que é sujeita a um enquadramento histórico e socioeconómico que conduziu ao aparecimento de determinadas formas de construção da paisagem, isto é, cada tipologia incorpora uma dimensão antropológica, resultante do facto desta corresponder a uma organização espacial, que expressa uma interpretação cultural de condições ecológicas específicas (Magalhães, 1996: 191).

A construção da paisagem é o resultado de intervenções sobre os aspectos físicos e culturais de cada lugar, nos quais os processos históricos têm um papel preponderante, onde as tipologias podem ser indicativas de opções formais, sem condicionarem excessivamente a imagem projectual resultante da identificação das mesmas (Raposo, 2000: 36). “O facto das tipologias serem identidades abstractas, conduz a que estas possam ser utilizadas e manipuladas pela criatividade de cada projectista a ponto de se obterem imagens projectuais absolutamente diferentes, mesmo nos casos em que os projectos tenham tido como referência as mesmas tipologias. (...) a essência abstracta dos tipos revela-se fundamental para a livre utilização das tipologias no projecto contemporâneo, uma vez que estas acabam por funcionar enquanto meios de formalização de intenções estético-compositivas e não como elementos que concretizem funções ou usos específicos” (*idem*, 2000: 37 e 38).

As tipologias e padrões definem espacialidades resultantes de características morfológicas, que no Alentejo se estabelecem predominantemente através dos usos do solo e do regime de propriedade, através das quais é reconhecível o carácter e identidade da sua paisagem.

Os tipos e padrões que se estabelecem na paisagem do Alqueva são determinados não só pelo suporte biofísico, mas sobretudo pelos sistemas agrícolas que se desenvolveram ao longo dos tempos. Estes permitem estruturar e organizar o conhecimento do espaço através da interligação de uma vasta multiplicidade de factores (ver **peça gráfica 04**).

O padrão dominante é de uma extensa planície ondulada, onde a malha da paisagem é bastante larga, associada a usos extensivos e à prevalência da grande propriedade. A ocupação cultural actual deste território pode subdividir-se em culturas arvenses de sequeiro, culturas de regadio, culturas permanentes, olival, áreas agro-silvo-pastoris, montados de sobre e azinho, outros povoamentos florestais e matos.

No que respeita às zonas agrícolas são as culturas arvenses de sequeiro que ocupam maior área, em campo aberto ou associadas ao montado. Os sistemas intensivos de culturas arvenses fazem-se em rotações contínuas de cereais com oleaginosas, proteaginosas ou leguminosas, e ocupam os melhores solos em modelos produtivos que integram as actividades pecuárias de bovinos e ovinos. Estes constituem um elemento fundamental no equilíbrio da paisagem e manutenção dos recursos faunísticos da região. Os sistemas extensivos deste tipo de culturas desenvolvem-se em rotações descontínuas com pousios relativamente longos, estabelecem assim um sistema único

de produção vegetal e animal, que, devido aos condicionalismos da PAC, se transformaram progressivamente em zonas de pasto bastante degradadas. A área ocupada pelas culturas de regadio tem tendência a aumentar devido à maior disponibilidade de água garantida pela albufeira do Alqueva. Estas correspondem aos espaços com solos com maior potencial para a produção agrícola com rentabilidade económica, onde se podem desenvolver vinha, olival, pomares ou outras culturas intensivas. Aqui é recorrente a utilização de tecnologias avançadas e elevadas incorporações de capital mecânico e agroquímico. A maioria dos pomares e das vinhas constituem as culturas permanentes que, conjuntamente com o olival, estabelecem uma importante componente desta paisagem agrária. São plantações antigas e tradicionais de produção extensiva ou medianamente intensiva que ocupam relevos planos em plantações alinhadas.

É nas zonas de declive mais acentuado que os sistemas de mato se reproduzem. Estes podem ser constituídos por matos herbáceos e arbóreo-arbustivos, que conjuntamente com galerias ripícolas e zonas húmidas de vegetação endémica, garantem um enorme potencial para a manutenção do equilíbrio faunístico deste território e protecção contra a erodibilidade do seu substrato.

No que diz respeito à ocupação florestal, predominam as florestas de folhosas, sobretudo eucaliptos, azinheiras e sobreiros. Os eucaliptais têm vindo a proliferar, tanto em povoamentos extremos como em mistos, principalmente em solos associados a xistos, com limitadas capacidades de produção. Estes ao consumirem os fracos recursos dos solos contribuem drasticamente para o avanço da desertificação.

Nas áreas agro-florestais estabelecem-se os sistemas agro-silvo-pastoris, que correspondem a culturas arvenses, a pastagens ou a montado rarefeito, geralmente em situação de abandono. Como se encontram em áreas de fraco potencial agrícola, estes sistemas constituem elementos importantes do sistema ecológico, nomeadamente para a avifauna, pelo que devem ser valorizados com usos complementares de apoio à pastorícia, desenvolvimento cinegético, actividades de recreio e turismo sustentáveis, introdução de sistemas agrícolas de conservação, como a agricultura biológica (PCM, 2002: 3407).

Os montados constituem os ecossistemas melhor adaptados às condições edafo-climáticas da região envolvente à albufeira e por esse motivo são o tipo de ocupação dominante (ver **figuras a e b da peça gráfica 05**), sendo que cerca de 40% desta é povoada por sistemas de montado denso ou esparso de azinho, ficando apenas 12% ocupada sistemas de montado de sobreiro, extremos ou consociados com azinho (PCM, 2002: 3394). A sua maioria deriva de antigos sobreirais ou azinhais, florestas de sobreiros (*Quercus suber*) ou de azinheiras, respectivamente, que constituíam sistemas monofuncionais com marcado aproveitamento de floresta densa, medianamente alta, com estrato arbustivo, sem as componentes pecuária e agrícola. Deste modo, os montados conseguem compor um grande e variado ecossistema devido ao seu carácter de transição entre florestas fechadas e os campos abertos, e por serem uma tipologia tão marcante nesta paisagem merecem um desenvolvimento mais detalhado no presente estudo.

## montado

A origem do termo remonta à Idade Média em “que montado, montático, montádigo ou montádego vem do latim *montaticum* e consistiu num dos principais encargos (...) a que estavam sujeitos os donos de gado bovino e ovino quando os seus animais aproveitavam terrenos para pastar, quer fossem de domínio senhorial, quer dos alfozes comunais do concelho” (Coelho, 2007: 188). Este termo deriva do verbo montar que consistia na acção de se servir dos montes comuns para actividades relacionadas com a pastorícia, limpeza de matos (madeiras e lenhas) ou com a caça. A partir do Antigo Regime o conceito de montado modifica-se, reflectindo a realidade actual, uma vez que a partir das alterações profundas ocorridas a nível do direito de propriedade, da posse da terra e das condições económicas que favoreceram o cultivo dos cereais, ocorreu a inevitável propagação das arroteias dos terrenos de charneca. Os montados são agora reconhecidos como sistemas antrópicos com elevada aptidão para uma utilização diversificada e complementar, onde se associa uma cultura arbórea em povoamentos abertos de baixa densidade a uma cultura agrícola em sub-coberto e a pecuária extensivas.

A acção humana desde sempre foi a principal geradora do mosaico da paisagem mediterrânea e, como tal, responsável pelos processos de sucessão nos ecossistemas. A manipulação intencional dos azinhais e sobreirais, com a finalidade de desenvolver actividades pecuárias e agrícolas, foi responsável pela conformação sucessional deste biótopo florestal. A sequência de estádios de vegetação deste biótopo desenvolve-se em cinco fases e é degradativa, podendo coexistir diferentes estádios no mesmo montado. Numa primeira fase a arroteia individual ou moderada de árvores cria condições favoráveis para a competição por arbustos altos das orlas, nomeadamente os carrascos (*Quercus coccifera*), as aroeiras (*Pistacea lentiscus*) e os zambujeiros (*Olea europaea* var. *sylvestris*). A segunda fase corresponde à destruição, normalmente por queimada, que elimina temporariamente os arbustos altos e origina o predomínio espacial de um prado de gramíneas vivazes, podendo este ser mantido pelo pastoreio. A fase de mato, que constitui a terceira etapa, tem origem em novos arroteamentos da vegetação vivaz para o desenvolvimento agrícola, o que permite a ocupação por arbustos heliófilos, de grande dimensão e fácil propagação, de que são exemplo os estevais de cistáceas e leguminosas arbustivas (tojos, giestas). Numa quarta fase, a roça ou queima do mato dá origem a comunidades de herbáceas anuais de pouca biomassa, que secam completamente no período estival. Com a perda de biomassa e a consequente perda dos horizontes superficiais do solo ocorre a última fase, que, excepto raras excepções, conduz à desertificação e à extinção do montado (Capelo e Catry, 2007: 125 e 126).

Os produtos específicos dos montados mais procurados são a cortiça e o porco preto. As bolotas das azinheiras são bastante apreciadas pelo porco de montanha. A montanha (engorda dos suínos com produtos silvestres) é uma actividade fundamental para a sustentabilidade do montado e da economia local e regional (ver **figura e da peça gráfica 05**). Este tipo de exploração tem um enorme potencial, actualmente

apenas está a rentabilizar cerca de 7% da capacidade de produção numa área total de montados que ronda 1,2 milhões de ha. Já a valorização da cortiça, que ocorreu a partir do século XIX, bem como a exploração do sobreiro orientada para uma produção sustentada de cortiça (ver **figura c e d da peça gráfica 05**) – “subericultura” em montado –, promovem um desenvolvimento económico bastante importante não só ao nível regional mas sobretudo ao nível do país. “A área mundial de sobreiro está estimada em 2,3 milhões de ha e a produção mundial de cortiça em 340 mil toneladas anuais. Portugal possui um pouco mais de 30% da área total mundial e produz cerca de 190 mil toneladas de cortiça, ou seja, mais de 50% do total” (Costa e Pereira, 2007: 20). O sobreiro é uma espécie de crescimento lento, de grande longevidade, podendo atingir os 300 anos. Contudo, a sua explorabilidade económica não ultrapassa os 200 anos, o que equivale a cerca de 14 tiradas consecutivas de cortiça, que se fazem periodicamente de 9 em 9 anos a iniciar por volta dos 40 anos da árvore. A cortiça é uma casca suberosa de grande espessura que cobre o tronco e ramos da árvore, e que se mantém durante toda a sua vida, regenerando-se integralmente quando é retirada.

São inúmeras as vantagens relativas à produção e à conservação desempenhadas pelos montados (ver **figuras f da peça gráfica 05**). Para além das actividades produtivas anteriormente mencionadas, outras há que permitem a criação de produtos complementares com elevado valor económico. A pastorícia, se for praticada de forma sustentável de modo a garantir a regeneração do arvoredo, continuará a ser uma das componentes estruturantes destes sistemas, assim como o aproveitamento dos resíduos arbustivos ou arbóreos para combustível ou dos produtos silvestres, como o mel ou os cogumelos (míscaros e boletos) para a alimentação.

Relativamente à biodiversidade, os montados são sistemas únicos quer em termos de valor paisagístico quer em riqueza biológica. A diversidade faunística atinge cerca de 400 espécies de vertebrados, das quais algumas são protegidas, nomeadamente a águia imperial (*Aquila heliaca*) ou a cegonha negra (*Ciconia nigra*). A quantidade de espécies de aves que pode ser encontrada apenas é igualada nas zonas húmidas, em época de migração invernal. A flora é também muito diversa, com 140 espécies aromáticas, medicinais e melíferas. As variações sazonais na floração permitem revelar a diversidade ecológica desta paisagem agro-pastoril, para além desta constituir uma fonte propícia à actividade apícola com elevado potencial durante praticamente todo o ano.

A diversidade faunística que ocorre nos montados contribui ainda para o desenvolvimento de actividades cinegéticas, que têm atraído muitos caçadores para as zonas de caça existentes na região, e que têm permitido algum desenvolvimento local. Espécies como a perdiz (*Alectoris rufa*), a rola (*Streptopelia turtur*), o pombo-torcaz (*Columba palumbus*), o coelho (*Oryctolagus cuniculus*), a lebre (*Lepus granatensis*), o javali (*Sus scrofa*) e o veado (*Cervus elaphus*) permitem que a caça revitalize a economia e sociedade rural e facilite a conservação dos recursos naturais e da biodiversidade, já que os gestores e concessionários das

coutadas asseguram a limpeza dos espaços florestais, instalam culturas específicas para a fauna e asseguram a vigilância, entre outras acções de gestão dos habitats (Carvalho, 2007: 169).

A manutenção deste tipo de paisagem é fundamental a vários níveis, dado que os montados permitem sustentar uma biodiversidade relevante e podem ser a base de múltiplas actividades económicas, garantindo a sustentabilidade e a preservação ambiental.

O sistema geral de acessibilidades, que faz parte da estrutura edificada, é composto por infra-estruturas rodoviárias, ferroviárias e aeroportuárias. As ferrovias de proximidade são constituídas pela rede complementar com ligações Portalegre-Elvas e pela rede secundária. Os povoamentos mais próximos da albufeira com ligação a estas infra-estruturas são Reguengos de Monsaraz, Moura e Vila Viçosa. As acessibilidades aeroportuárias previstas são o aeroporto militar de Beja e os aeródromos de Évora, Amareleja e da Herdade do Esporão. A rede rodoviária é a mais desenvolvida e a que constitui suporte efectivo à zona envolvente ao plano de água. A auto-estrada A6 a Norte, o itinerário principal IP2 a Oeste e o IP8 a Sul são os três eixos que compõem o sistema viário fundamental, que serve os eixos estruturantes (segundo nível). Entre vias nacionais e regionais este nível liga os concelhos referidos e outros núcleos populacionais importantes. O terceiro nível de acessos locais (rede complementar) serve as restantes freguesias e núcleos populacionais e é constituído por vias regionais e municipais. Há ainda um quarto nível que estabelece o acesso à albufeira (INAG, 2006: 8-10).

Na estrutura edificada deste território pode encontrar-se um tipo de povoamento claramente concentrado, bem definido e limitado em aldeias (ver **figura d** da **peça gráfica 06**), em vilas (ver **figura c** da **peça gráfica 06**) ou em cidades de reduzida dimensão, com excepção de Évora (ver **figura b** da **peça gráfica 06**). Os concelhos que delimitam a albufeira do Alqueva são, de Norte para Sul, Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Portel a Oeste e a Leste, também de Norte para Sul, Mourão, Barrancos e Moura (ver **figura a** da **peça gráfica 06**). Apesar do povoamento apresentar na sua maioria características tradicionais de concentração, existe também uma tendência para a dispersão desordenada à volta dos centros urbanos, que ocorre principalmente ao longo dos principais eixos rodoviários.

Segundo Orlando Ribeiro, comparativamente às restantes aldeias portuguesas, “a aldeia alentejana é maior (...) mais cerrada (...). As casas são térreas, sempre escrupulosamente caiadas, providas de ampla chaminé, às vezes muito estreitas e compridas, com um corredor que põe a entrada em comunicação com todas as divisões e conduz a uma *quadra* onde se guarda o burro. Ruas e largos, quintais exíguos, uma sucessão de muros cegos rodeados umas vezes de uma cintura de hortas, árvores de fruto e culturas permanentes (*ferragiais*), outras afogadas no meio da própria seara. (...) Algumas casas opulentas (de andar) pertencem a *lavradores* (...); pouco numerosas, não existem em todas as aglomerações. (...) Em torno [das aldeias] há, e nem sempre, uma exígua cintura de pequena propriedade; o conjunto fica rodeado pelas herdades e, uma ou outra vez, encravado numa única. (...) Dentro do seu

âmbito acanhado, a aldeia, quanto mais aumenta em população, mais se cerra. Só quando uma grande propriedade foi dividida em foros se espalham em torno dela os salpicos da dispersão recente” (Ribeiro, 1991: 362 e 363).

A arquitectura vernacular (ver **figuras de f a m da peça gráfica 06**) caracteriza-se por construções térreas, geralmente em taipa, com paredes espessas caiadas de branco, frequentemente ornadas de cores garridas, aberturas reduzidas ao mínimo indispensável e com cobertura em telha (Abreu *et al*, 2004: 12). A construção da aldeia e da vila é mais permeável à inovação e objecto de maior atenção ornamental. Embora as tipologias construtivas não sejam redutíveis a um único modelo, é possível estabelecer denominadores comuns ao casario urbano alentejano.

Para além de núcleos habitacionais, esta paisagem encontra-se pontuada por montes (ver **figura e da peça gráfica 06**), que sempre foram determinantes na estruturação do seu espaço rural. Situados geralmente em zonas proeminentes, não podem ser vistos como apenas o local de habitação de uma herdade com policultura associada, os montes são o resultado de um vasto conjunto de traços culturais, e como tal têm de ser reconhecidos como elementos identitários únicos. Por esta razão segue-se uma descrição mais aprofundada.

#### **monte**

A formação do monte alentejano, enquanto assento de lavoura das médias ou grandes propriedades, é determinada pela evolução histórica que condicionou a base da sua actual identidade.

O sistema agrário romano foi sendo reproduzido ao longo do tempo, a herdade corresponde ao *latifundio* e o seu monte à *villa rustica* com a mesma variedade de construções (Araújo *et al*, 2000).

Nos séculos XV e XVI o enriquecimento generalizado do país face aos proveitos das campanhas no Norte de África e dos Descobrimentos potenciou um novo alinhamento social de novos ricos, transversal às antigas famílias nobres, que adquiriram terras no Alentejo e contribuíram para o desenvolvimento de conjuntos arquitectónicos que ainda perduram nesta paisagem. O século XIX foi outro período importante, que corroborou a alteração da estrutura social dominante, após a venda em hasta pública dos bens da Igreja, da Casa Real e da Aristocracia. As terras e os edifícios passaram a pertencer a famílias de fora, sem proximidade e sem ligação tradicional às herdades, bem como a famílias tradicionais. Este período reorganizou a estrutura fundiária tal como é actualmente conhecida, e com o fomento da actividade agrícola extensiva durante meio século, os montes alcançaram o auge do seu desenvolvimento. Ligados a grandes unidades agrárias, os montes constituíam, a par das aldeias e vilas, uma forma de concentração do povoamento. Como refere Orlando Ribeiro, “cada herdade tem o seu monte (...) onde vive quem explora o solo, com a multidão de clientes, trabalhadores agrícolas permanentes e temporários, artífices de vários mesteres, que fazem andar a máquina complicada de uma grande lavoura. (...) Com as habitações e cómodos para resguardo dos gados, de colheitas e de alfaias agrícolas dispostas à roda de um pátio interior, voltando à vastidão da seara largas paredes quase sem aberturas” (Ribeiro, 1998: 96).

A maioria dos montes está implantada abaixo de pequenas linhas de fecho para garantir um melhor abrigo dos ventos, segundo a orientação entre os quadrantes Este-Oeste, que lhes garante um maior conforto bioclimático durante o ano. Esta disposição territorial permitia ainda que se desenvolvessem relações de vizinhança por via de um acompanhamento visual entre os montes (Mestre e Aleixo, 2007: 105).

A área envolvente à albufeira do Alqueva é pontuada por montes, verificando-se a concentração desta tipologia de povoamento em algumas áreas, em especial no troço norte, no concelho de Alandroal, na margem esquerda e em torno da ribeira de Alcarrache, e nos concelhos de Moura e Mourão (ver **figura a da peça gráfica 07**). A exploração agrícola permanece na maioria destes montes, o que não acontece nos que se encontram junto à aldeia da Estrela e nos montes não habitados na envolvente às albufeiras (INAG, 2006: 93).

Com todas as alterações introduzidas na sociedade rural alentejana a partir dos anos 60 do século XX e a conseqüente falta de manutenção e abandono da terra, a actividade agrícola entrou em declínio e grande parte dos montes deixaram de ter função residencial e as suas instalações tornaram-se obsoletas, o que conduziu ao seu abandono e à sua progressiva degradação.

Um novo ciclo na existência dos montes está em curso. Alguns montes têm sido total ou parcialmente recuperados e utilizados como habitações secundárias ou como unidades de TER. Contudo, é importante ressaltar que é determinante que se estabeleça um elo profundo entre estes e a defesa e valorização de uma unidade paisagística que reflecte a condição alentejana e que sempre condicionou a economia, o tipo de arquitectura rural, a estruturação da paisagem, as hierarquias do trabalho e as relações sociais e familiares.

Os planos de água que se distribuem neste território resultam da construção de barragens e açudes, infra-estruturas de diferentes dimensões, que permitem o armazenamento de água em maior ou menor quantidade, recurso indispensável a uma grande quantidade de actividades. Evidentemente, é a albufeira do Alqueva o “plano de água permanente” mais significativo. Este é delimitado pelo nível mínimo de exploração (NME), que corresponde a cerca de 33% do plano de água delimitado pelo NPA, à cota 152 m. A “faixa intermédias inferior” é estabelecida entre o NME (cota 130 m) e a cota média 140 m, abrange 14% do plano de água delimitado pelo NPA e corresponde à zona integralmente desmatada, e a “faixa intermédias superior” pode ir do 140 aos 152 m, o que corresponde a 53% do plano de água delimitado pelo NPA e que foi parcialmente desmatada (INAG, 2006: 68 e 69) (ver **figura c da peça gráfica 03**). Tal condição determina a existência de uma área de marnel/regolfo, que ocasionalmente se revela, e que pode contribuir para a formação de um ecossistema único neste território. Com a extensa área de marnel, de configuração bastante imprevisível, colocam-se prementes questões de gestão fundamentais para o ordenamento desta paisagem e sua gestão num contexto programático necessariamente diferenciado do actual (EP, 2005: 4).

## *inscrições na paisagem*

A paisagem, enquanto suporte e meio de experimentação, constitui o resultado de sequências espaço-temporais fruto da manipulação de sinais que, em diferentes momentos, constroem a história de um lugar. Estes elementos são marcas indeléveis de uma participação humana num determinado lugar, definindo, cada um deles, parte de um todo, e contribuindo para a solidarização e estabelecimento da coerência entre os vários elementos que compõem o espaço (Alfaiate, 2000: 5). João Nunes refere que paisagem “significa precisamente o conjunto de marcas deixadas no território pelas diversas comunidades que o compartilham enquanto suporte individual e colectivo de sobrevivência, sobrepostas às marcas da génese do próprio território e às deixadas pelas transformações a que é alheia a comunidade viva. Paisagem será, ainda, o complexo sistema de relações a que tais marcas correspondem enquanto manifestações perceptíveis da vida, enquanto sinais que codificam relações que se desenvolvem entre indivíduos da mesma comunidade, entre indivíduos de comunidades diferentes, entre comunidades diferentes, colectivamente, e entre todos e o território” (Nunes, 2006: 28).

Desde há muito, o homem descobre e fixa elementos na paisagem, com os quais vai marcando o seu território simbólico. Com o tempo as comunidades apropriam-se desses espaços imprimindo-lhes novos significados. O tempo condiciona a construção social e cultural, historicamente actualizada pelos discursos e memórias que se vão reconstruindo em torno das marcas do passado. Revitalizando as marcas culturais, as sociedades tornam-nos inteligíveis e deles se apropriam em determinados contextos históricos. Os vários monumentos presentes no território do Alqueva são simultaneamente parte integrante da paisagem no presente e testemunhos visíveis do passado.

É verdadeiramente notável a herança cultural deste território, em especial o de natureza arqueológica, urbana, arquitectónica e etnográfica. A título de exemplo, na área de intervenção do POAAP foram identificados sete *Imóveis de Interesse Público* e três em vias da mesma classificação. Para além destes, o Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) identificou ainda 45 elementos de património potencialmente classificável.

Foram várias as acções físicas exercidas sobre o património construído com o avançar do tempo: alguns monumentos foram utilizados para usos temporários sem modificações nos mesmos; outros foram transformados para diversos fins (utilitários e sagrados); uns sofreram uma destruição total ou parcial, cujos materiais foram reaproveitados para outros fins; e os que foram resistindo devido à conservação e restauro com vista à sua revalorização como património colectivo. Esta última acção ganhou grande relevância nas últimas décadas, tempo da globalização e da permeabilidade entre fronteiras, em que a valorização dos elementos diferenciadores e identificadores de uma cultura é o último reduto da permanência de uma identidade. É por esta razão que o PROZEA apresenta enquanto premissas no que respeita ao património arqueológico “conhecer em maior profundidade o devir histórico e etapas da ocupação humana deste território e identificar elementos cuja preservação e salvaguarda seja relevante, podendo estes, inclusivamente constituir factores de atractividade para o conhecimento da região” (PCM, 2002: 3404).

O património arqueológico existente localiza-se maioritariamente nos concelhos do Alandroal, Reguengos de Monsaraz e Mourão, sendo que o que apresenta valor elevado pertence geralmente aos períodos Neolítico, Calcolítico e Romano (ver figuras da **peça gráfica 08**).

Do povoamento neolítico que acompanhou o desenvolvimento da agricultura e da pastorícia subsistiram inúmeras estruturas construídas a partir de grandes blocos de pedra. Estas correspondem ao padrão emergente das sociedades agro-pastoris primitivas, que no território português se desenvolveram durante o 4º e 3º milénios a.C., e a um fenómeno que se denomina por megalitismo, que é “constituído pelo monumento, ritos e prescrições mágico-religiosas que envolvem a sua construção e utilização (...) no contexto das práticas funerárias de enterramento colectivo” (Oliveira, 2001: 33). Ainda segundo a mesma autora, o megalitismo pode verificar-se em dois tipos de monumentos: sepulcros de enterramento colectivo – *dolmens* ou antas (termo vulgar), *tholoi* e grutas artificiais, semelhantes pela forma, função, conteúdo e cronologia; menires – grandes pedras cravadas verticalmente no solo, isoladas ou agrupadas sob a forma de alinhamentos ou delimitando recintos circulares (cromeleques). Novas perspectivas arqueológicas defendem que os menires, que têm sido interpretados como lugares de culto da fecundidade, sinais de orientação na paisagem e marcas territoriais, corresponderiam a uma fase de penetração no território, no 5º milénio a.C., enquanto que as antas surgiam num contexto de maior estabilização em que a posse da terra se legitima pelo culto da memória dos antepassados (Oliveira, 2001: 34). Um exemplo importante de um monumento deste período neste território é o cromeleque do Xerez (ver **figuras h e i** da **peça gráfica 08**).

Do período romano podem encontrar-se numerosos vestígios associados às actividades agrícolas e mineiras. Entre os sítios de maior significado destacam-se o Castelo da Lousa (Mourão), “importante e complexo entreposto agrícola e comercial construído no século I a.C. junto ao Guadiana” (Silva, 2003: 15) (ver **figura l** da **peça gráfica 08**), e as ruínas da *villa* do Outeiro dos Castelinhos (Alandroal) (ver **figura m** da **peça gráfica 08**).

Da época moderna e medieval podem referir-se as monumentais ruínas da Ponte de Nª Sª da Ajuda (Elvas) (ver **figura a'** da **peça gráfica 08**) e as fortalezas associadas à Reconquista ou à defesa da fronteira (Juromenha, Terena, Monsaraz ou Mourão) (ver **figura s** da **peça gráfica 08**), para além de numerosos traços de pequenos núcleos de povoamento disperso, resultante de tempos de maior estabilidade, possivelmente da época islâmica.

O património arquitectónico está normalmente associado aos centros urbanos, especialmente aos lugares de culto, como mosteiros, igrejas, capelas ou ermidas (ver **figuras z e b'** da **peça gráfica 08**).

No sentido da valorização patrimonial estão em curso vários projectos e iniciativas estaduais e privadas para a criação de núcleos museológicos que permitam preservar e tornar público o património local, bem como a sua activação através da criação de circuitos ou rotas que preconizem, tanto quanto possível, a reutilização dos elementos patrimoniais de valor como estratégia de salvaguarda e manutenção. Assim, no PROZEA é proposto que se criem “museus temáticos” em todos os concelhos, vocacionados para os recursos e actividades específicos de cada um, assim como os seguintes circuitos históricos/arqueológicos/patrimoniais: “circuito do megalitismo”, que tem

por base o núcleo museológico a criar no eixo Monsaraz-Mourão e o Museu Regional de Arqueologia; “circuito romano”, que tem como ponto principal o Santuário Endovélico e que incide especialmente no concelho do Alandroal; “circuito árabe” (Moura-Barrancos-Noudar); “circuito dos castelos e centros históricos” (Juromenha, Alandroal, Terena, Monsaraz, Mourão/Vila Velha, Portel, Moura, Santo Aleixo da Restauração, Barrancos e Noudar); “circuito da paisagem e ambiente”; “circuito da água”; e a “rota dos vinhos do Guadiana”, estruturada pelos principais centros de produção vitivinícola (PCM, 2002: 3405).

As iniciativas referidas virão acrescentar valor às já existentes na região, que também se baseiam em recursos materiais e imateriais organizados em circuitos, como por exemplo a Rota dos Vinhos, a Rota do Azeite ou a das Terras do Pão e do Vinho. Estas, particularmente ligadas à gastronomia, pretendem divulgar saberes que foram transmitidos de geração em geração, ou seja, dão a conhecer produtos ou práticas alimentares que resultam dos modos de vida e são expressão da cultura local e da memória colectiva. É a partir deste conceito, que a prática agrícola ganha um novo papel no desenvolvimento económico deste espaço rural. Para tal, a sua produção deverá cingir-se a nichos de mercado que têm como base a qualidade dos produtos, integrando simultaneamente preocupações ambientais e económicas – o comércio tradicional.

Para além do património material já referido, que pode estar associado a bens construídos, bens móveis, paisagens, produtos classificados ou de qualidade, esta paisagem é também rica em património imaterial, que para além de incluir as técnicas e o saber-fazer, apresenta características únicas relativamente aos dialectos locais, à música, à literatura oral com origem em tradições, modos de sociabilidade ou formas particulares de organização social.

| 45

### ***perturbações***

Uma perturbação pode ser entendida como “qualquer acontecimento relativamente discreto que for caracterizado por uma frequência, intensidade e severidade fora de um limite previsível, e que desfizer estruturas populacionais, comunitárias ou dos ecossistemas, e que altere recursos, disponibilidade de substrato ou ambiente físico” (Pickett e White, 1985).

O sistema estruturante de um território pode ser fortemente condicionado por uma perturbação. “Uma perturbação nos ecossistemas constrói um questionamento à evolução sistémica” (<http://www.overdete.blogspot.com>). Uma das consequências possíveis pode ser a resistência ou persistência do sistema, outra pode ser o desgaste total do sistema quando a sua estrutura for incapaz de assimilar e transformar-se num novo estágio de desenvolvimento. Contudo, a resposta mais frequente a uma perturbação implica uma reestruturação e retoma do estado inicial – resiliência – ou a evolução para um novo estágio de complexidade diferente do actual.

As perturbações causadas pela acção do homem, resultantes do aproveitamento dos recursos naturais disponíveis, geralmente conduzem a uma inevitável transformação da paisagem. Deste modo, a construção de uma

barragem, como a do Alqueva, condiciona os sistemas afectados e estimula uma reacção. Os sistemas afectados – hídricos, micro-climáticos, micro-fitogeográficos, faunísticos, florísticos, agro-pecuários, sócio-económicos ou culturais – pela sua implantação podem reorganizar-se e transformar-se em sistemas mais simples ou mais complexos, conforme o tipo de resposta a que forem condicionados e à sua capacidade de reacção.

A alteração mais significativa prende-se com a existência de uma extensa albufeira que pode atingir os 250 km<sup>2</sup> de superfície. O aumento da disponibilidade hídrica modifica primeiramente o clima na zona envolvente ao plano de água. Este, pela sua dimensão, faz com que ocorra uma diminuição acentuada da temperatura média do solo no Verão nas zonas afectadas ou nas irrigadas, bem como o aumento da humidade relativa no período quente e a formação de um efeito de brisa significativo.

A área em estudo será profundamente marcada pelas oscilações significativas do nível do plano de água, não só ao longo do ano mas também inter-anualmente, que determinarão a paisagem e condicionarão a sua utilização. Esta paisagem em mutação sucessiva pode, ao nível mínimo, apresentar-se sob a forma de enormes faixas sem vegetação, por vezes lamacentas, e com um estreito fio de água no fundo, sendo que nos vales secundários do Guadiana muito provavelmente não existirá sequer um fio de água ou reduzidas charcas (Abreu *et al*, 2004: 57). Embora a situação do plano de água a uma cota intermédia seja a mais frequente, esta imagem extremada pode eventualmente ocorrer e o revelar das faixas inter-níveis numa extensa área dificilmente usufruível, comparando com as margens estabilizadas do Guadiana antes da edificação da barragem. Esta zona de marnel terá características diversas consoante a natureza do solo, a presença de afloramentos rochosos, o declive das encostas ou a presença ou não de vegetação. O aparecimento dos primeiros juncos em zonas de marnel evidencia o início da reestruturação e da reposição de um estado semelhante ao anterior (<http://www.overdete.blogspot.com>).

O relevo e a vegetação, os principais componentes físicos desta paisagem (vertentes do vale do Guadiana), sofreram uma destruição sistemática, alterando-se profundamente a matriz que a sustenta. Em termos geológicos, os impactes verificados estão intimamente relacionados com a ocorrência de fenómenos de instabilidade de vertentes, com escorregamentos nas margens da albufeira, bem como a sua erosão por acção das vagas de vento, que potencia o desprendimento de terras a cotas mais altas, carregando sedimentos para o interior do lago. A circulação interna das águas infiltradas a partir da albufeira pode afectar vários aquíferos, podendo provocar ou a melhoria da produtividade ou a contaminação dos solos. Se a componente hidroagrícola do empreendimento Alqueva for fomentada, os aquíferos tornar-se-ão mais vulneráveis, uma vez que os níveis freáticos sobem à custa dos volumes de água utilizados na rega, ficando mais susceptíveis à poluição por fertilizantes e pesticidas. Esta utilização terá um impacte directo na maior recarga dos aquíferos e um impacte indirecto devido às menores extracções de águas subterrâneas para rega (Chinita, 1995). Relativamente à vegetação, verificou-se uma substituição de comunidades vivas por uma massa de água a que poucas comunidades de plantas sobreviverão. As zonas ripícolas foram as mais afectadas, perdendo-se um habitat único para muitos animais para repouso, reprodução e abrigo. “Desapareceram de forma violenta, a golpe de motosserra e corta-fio, os bosques de freixos

que bordejavam o Guadiana, os montados de azinho das encostas e todos os matos a ele associados” (Pereira, 2003: 96). A submersão que se verificou implicou a destruição de fitocenoses climáticas e ripícolas, que eram portadoras de características evolutivas e históricas precisas.

O alagamento do vale do Guadiana e de grande parte da unidade de paisagem associada, com enorme valor paisagístico, trouxe grandes impactes visuais, para além das alterações significativas no sistema fluvial. Estas alterações não só são sentidas a montante da barragem, como também a jusante. A montante a redução da influência da maré e o aumento do tempo de residência de nutrientes no estuário podem provocar alterações a nível da estrutura da cadeia trófica.

Vários factores condicionarão a qualidade da água, nomeadamente o facto do rio Guadiana ser um rio internacional, cujo controlo da poluição a montante é altamente condicionado pelas medidas tomadas não só em Portugal, mas sobretudo em Espanha (são os efluentes da margem esquerda do Guadiana os que mais contribuem para a degradação da água da albufeira), ou o aumento previsível da presença humana neste território, que provocará a contaminação por óleos e matéria orgânica provenientes da utilização da albufeira por barcos de recreio e turismo. Outros factores que contribuem significativamente para a contaminação química e microbiológica da água prendem-se com a actividade agro-pecuária ou o não tratamento dos efluentes domésticos ou urbanos lançados directamente para a albufeira, cujo tempo de residência aumenta substancialmente. Esta poluição difusa provocada por inúmeras causas pode ser actualmente comprovada pela existência de valores elevadíssimos de coliformes fecais e totais e em alguns pontos estreptococos, condicionando qualquer actividade de contacto directo, a ocorrência de salmonela em alguns pontos e a existência de valores elevados de microcistinas (toxinas de cianobactérias) em muitos dos pontos e vários meses por ano, que prejudicam as actividades recreativas e os usos para a agricultura e abastecimento. Assim, se estas actividades não forem controladas por medidas concretas de resolução dos problemas de poluição de uma forma integrada, nos períodos secos, quando os níveis de armazenamento de água forem baixos, será facilmente perceptível a degradação da água com graves problemas de eutrofização, a ausência de vida ou mesmo graves problemas de toxicidade, causados por *booms* de algas (Abreu *et al*, 2004: 58).

No que respeita à área de regadio, esta perturbação trará não apenas outro tipo de paisagem como também alterações na sua génese ecológica e no seu ambiente cultural. Poderá introduzir-se um sistema cultural que, sendo estranho ao meio local, poderá não ter condições para um aproveitamento integral – o que nos últimos anos se tem comprovado com um muito maior investimento no sector turístico em detrimento do sector agrícola. Contudo, o sector da indústria transformadora parece apresentar enormes potencialidades de expansão, podendo contribuir para o desenvolvimento industrial da região e de um sector agrícola mais modernizado e produtivo (Chinita, 1995).

O desenvolvimento da actividade turística associada às “terras do grande lago” pode contribuir para alterações profundas da paisagem do Alqueva. A paisagem urbana e rural poderá sofrer alterações significativas

face às novas dinâmicas e pressões a que está sujeita. A multiplicação de PIN's, que influenciam comunidades locais e muito para além delas, evidenciam a aquisição de complexidade dos sistemas socioeconómicos (<http://www.overdete.blogspot.com>). Deste modo, é fundamental que exista uma gestão racional dos recursos e dos modelos de desenvolvimento, contrariando a especulação em torno da actividade turística. Contudo, independentemente da gestão territorial vão ocorrer alterações, sobretudo nos modelos de povoamento e nas formas de os habitar, que estarão significativamente sujeitas à sazonalidade, bem como nos novos usos do solo.

O potencial desenvolvimento socioeconómico deste território face às alterações verificadas com o incremento das actividades agrícola, industrial extractiva e transformadora e turismo poderá inverter o padrão dominante de subdesenvolvimento desta região. Pode trazer mudanças ao nível das garantias de emprego para mão-de-obra local e regional para suprir as necessidades futuras, o que favorecerá o aumento demográfico, sobretudo dos grupos etários mais jovens, a regressão da taxa de analfabetismo e a consolidação do tecido social. Este desenvolvimento poderá ser alcançado se, a par da consolidação económica e social, se verificar a construção e melhoria de infra-estruturas de transportes, comunicações, saneamento básico, equipamento social educativo, de cuidados de saúde e cultural, capazes de motivar uma diversificação de mercado de trabalho local.

Finalmente, há que referir outra perturbação significativa resultante de acções influenciadas pela formação da albufeira do Alqueva e condicionadas pelas exigências de natureza ambiental e pelas condições de navegabilidade. Estas acções caracterizaram-se pelo desaparecimento definitivo de importantes marcas patrimoniais arqueológicas, arquitectónicas e etnográficas, por submersão ou realocização.

A percepção da paisagem cultural molda as experiências no tempo e do espaço e, com estas alterações profundas, as memórias colectivas associadas a uma forte dimensão espacial e a lugares como as margens do rio Guadiana serão também alteradas. Assim, pinturas rupestres ou inúmeras ruínas de diferentes épocas arqueológicas, construções típicas ligadas ao rio – açudes, moinhos, azenhas, atalaias, chafurdos, abrigos de pastor, colmeais, poços, fontes, reservatórios de água, entre outros –, montes, edifícios ou conjuntos de edifícios de valor arquitectónico, ou infra-estruturas importantes como a ponte de Mourão, que foram construídas ao longo das margens e curso do rio desapareceram fisicamente e irão desaparecer da memória colectiva com o tempo. Procedeu-se, no entanto, à salvaguarda do Castelo da Lousa, recorrendo-se a processos de impermeabilização da sua estrutura, para resistir à submersão permanente pelo plano de água, ou à transladação do cromeleque do Xerez do seu lugar original para um novo local, situado junto ao Convento da Orada. É ainda de referir a construção da Nova Aldeia da Luz em substituição da aldeia Luz que foi destruída para não restarem ruínas da sua existência. A nova aldeia foi totalmente reproduzida, com alguns melhoramentos estruturais, mas fundada a cotas não susceptíveis de submersão pela água do Guadiana, num processo de transferência de uma espacialidade por um outro lugar que, como se conclui, determina uma noção de perda bastante acentuada ao nível da relação do homem com os lugares que escolheu para habitar.

Todos os novos estados sistêmicos que se referiram irão evoluir e recriar um novo sistema. "A paisagem, com o tempo, evidenciará claramente todos os processos que manipulam o território e assinalará as necessidades que uma geração definiu como prementes. A persistência no território e a influência na paisagem das intervenções humanas há-de ser a imagem dessa necessidade" (<http://www.overdete.blogspot.com>).

### 1. enquadramento territorial e paisagístico

A **Herdade São Lourenço do Barrocal** situa-se a Norte da albufeira do Alqueva e a Sul da Serra de Motrinos, nas imediações da vila de Monsaraz (cerca de 2 km a poente). Esta é uma propriedade indivisa, cujo limite fundiário está cercado, limitando, em toda a sua extensão, cerca de 778 ha.

Apesar da presença da albufeira a poucos metros, junto ao limite Sul da propriedade, a relação visual mais forte dá-se primeiramente com o festo de Monsaraz (ver **figura a** da **peça gráfica 09**).

A zona nuclear da herdade desenvolveu-se conjuntamente com a estrutura edificada para alojamento e apoio à lavoura – o Monte. O Monte do Barrocal constituía até há pouco tempo atrás “um referencial na sua organização e complexidade, sendo notoriamente uma unidade de produção agrícola inovadora no seu tempo” (Mestre, 2007: 94). Foi mandado construir por Manuel Papança (1818–1886) para sua casa pessoal e para sede agrícola das suas propriedades na área de Monsaraz, que perfaziam cerca de 7000 ha, e alojava, em meados do século XX, cerca de 70 famílias, num total de mais de 200 trabalhadores (PPHB, 2007: 11). O Monte está edificado ao longo de uma linha de festo, destacam-se estruturas construídas que, pela sua dimensão, reflectem a referida complexidade. O eixo central é composto por uma imponente calçada de cubos de granito que divide dois grandes grupos de edifícios. De um lado o lagar, as oficinas e as alfaias, do outro, a casa principal, os pavilhões agrícolas, o pombal, o canil, a pocilga e o colmeal.

As restantes parcelas estão exclusivamente afectas à actividade agrícola com destaque para o montado, as culturas arvenses, o olival, a vinha e ainda uma horta de grandes dimensões. Pode encontrar-se a Noroeste do Monte uma pedreira em exploração (PPHB, 2007: 8) (ver **figura g** da **peça gráfica 09**). Esta ocupação foi determinada ao longo dos ciclos económicos instalados desde a pré-história, desenvolveu-se progressivamente a componente agro-pastoril em regime de montado aberto ou denso. São visíveis vestígios de olival em malha, em compartimentação ou dispersos, e culturas de vinha persistentes em lugares desde há séculos, conhecidas pelos topónimos das parcelas. A importância da exploração de matos para apicultura é notória na dimensão da estrutura circular do apiário novecentista, situado na proximidade da cumeada de barrocas que delimita a cabeceira da bacia do Vargel. A presença da mata é provavelmente a componente mais degradada pela rarefacção de manchas consolidadas de azinhal, e pela composição do montado dominada pelo zambujeiro e oliveira, o que tem determinado um pastoreio débil e uma gestão um pouco indeterminada destas áreas (PPHB, 2007: 55).

A Herdade do Barrocal insere-se na zona fitogeográfica do Nordeste Setentrional, podendo encontrar-se as seguintes comunidades vegetais: bosques e matagais mediterrânicos com maior expressividade nas barrocas, com predomínio da azinheira, aroeira (*Pitascia lentiscus*) e murta (*Myrtus communis*), grande parte da área é ocupada

por oliveiras muito antigas que estão rodeadas por espécies características de matagais; vegetação arbórea ripícola que surge nas linhas de água muito ténues, de carácter torrencial e com pouca expressividade; giestais mediterrânicos; juncais que surgem na orla das lagoas e nas áreas mais planas das linhas de água; prados higrófilos que surgem nas margens de represas de água; pastagens vivazes silícolas associadas às pastagens que ocorrem preferencialmente nas clareiras e orlas dos matagais; vegetação antrópica; e comunidades de depressões húmidas que inclui comunidades de prados e juncais higrófilos características de zonas de depressões húmidas inundadas durante um curto período de tempo.

Os principais eixos de circulação na propriedade foram sendo substituídos pelas actuais estradas nacionais e municipais, no entanto a estrutura de caminhos mais antiga permanece intacta na sua essência, bem como os elementos pontuais que a ela foram sendo associados pelas várias etapas do povoamento.

A ribeira de Vargel, um afluente do Guadiana, percorre esta propriedade no sentido Noroeste-Sudeste (ver **figura c da peça gráfica 09**). A forma de encaixe desta linha decorre do seu posicionamento numa zona de contacto entre as formações graníticas do Maciço Granodiorítico de Reguengos de Monsaraz e os xistos cinzentos da Formação de Barrancos. Na zona de contacto das duas formações a linha de água desvia o seu curso do sentido nascente a partir do ponto de inflexão para um perfil mais encaixado e recortado (PPHB, 2007: 13). Esta ribeira estabelece um forte contraste morfológico, de um lado o ondulado suave no seguimento da peneplanície nas zonas de granito, por outro uma zona de relevo mais acidentado associada aos xistos, no qual as encostas declivosas obrigam ao encaixe do curso de água, concentrando-se o escoamento no seu leito principal (ver **figura d da peça gráfica 09**).

Do ponto de vista pedológico predominam os solos mediterrâneos. A variação da fertilidade deve-se sobretudo à variação do declive e disponibilidade hídrica, bem como pela presença de afloramentos rochosos. O contacto da plataforma granítica com o relevo irregular de xistos expressa-se por uma contínua extensão de solos em fase pedregosa. As limitações para a produção originadas por esta circunstância determinam a presença de um uso silvo-pastoril, em regime de montado aberto, ao longo de toda esta faixa. A área granítica é pontuada por afloramentos rochosos ou barrocas, filões e alinhamentos de pedra granítica, que geram descontinuidades topográficas, marcando direcções no território e diferenciando padrões de produtividade ao nível pedológico. A Norte da propriedade ocorrem situações pedológicas de maior fertilidade, associadas a duas manchas de solos mediterrâneos para-barros, que justificam a instalação de culturas como o olival e a vinha (PPHB, 2007: 15 e 16) (ver **figuras b, e e f da peça gráfica 09**).

Na margem esquerda da albufeira, junto à fronteira com Espanha, localiza-se a **Herdade do Mercador**, estando a cerca de 1,5 km de Mourão e a 4 km a Sudeste de Monsaraz. A localização desta Herdade tem as particularidades de se encontrar numa posição central relativamente aos extremos Norte e Sul da albufeira e de

pertencer a um dos concelhos cuja área territorial foi mais afectada pela submersão no seu enchimento e, portanto, constituir um dos troços em que o plano de água atinge maior dimensão contínua.

Dos 803 ha que a Herdade do Mercador abrange, cerca de 65% foram submersos pela albufeira do Alqueva, restando cerca de 280 ha para ser objecto de intervenção turístico-imobiliária. Dos 280 ha 26.3% estão afectos à REN, 2.8% à RAN, restando cerca de 44 ha de área afectada não condicionada (Neoturis, 2008: 15).

Esta Herdade tem uma relação visual privilegiada com o espelho de água da albufeira, com a colina de Monsaraz, que se encontra na margem oposta, e com a vila de Mourão. Toda a área sujeita a intervenção está localizada a menos de 500 m do plano de água, formando uma baía que permite um enquadramento singular com o mesmo (ver **figura a da peça gráfica 10**).

O espaço edificado existente resume-se ao núcleo do Monte do Mercador, que se encontra em estado de semi-degradação, não apresentando qualquer valor arquitectónico ou patrimonial relevante.

A propriedade é caracterizada em termos morfológicos por um relevo suavemente ondulado, definido entre a cota 152 (NPA) e as cotas 160 a 170 nos cabeços mais proeminentes (ver **figura b da peça gráfica 10**). Esta planície, que se desenvolve sobre um substrato de natureza xistosa, constitui uma paisagem em que as culturas arvenses, assim como os pastos permanentes explorados sobre solos delgados, têm uma presença dominante (ver **figuras d, e e f da peça gráfica 10**). A quase ausência de elementos arbóreos sugere os comportamentos agro-pecuários preconizados milenarmente neste território. Deste modo, as estruturas arbóreas constituem proto-estruturas ripárias, com azinheiras dispersas ou isoladas, o que as torna comparáveis a uma estrutura de tipo estepário (EP, 2005: 4).

Com o enchimento da albufeira, constituiu-se um promontório, de direcção Este-Oeste, e uma linha marginal bastante recortada formando uma baía com inúmeros entalhes e várias bolsas. Nesta propriedade a área de marnel é claramente superior à área enxuta.

A integração nas redes viária urbana regional e infraestrutural previstas para a zona envolvente à albufeira do Alqueva está assegurada pela proximidade da Herdade à EN 256 e à EM 1133.

Neste momento em que a presença da albufeira é uma realidade inevitável, o lugar da Herdade do Mercador evidencia “a perda da condição agrícola que justificou a sua origem e da qual apenas permanece a construção do monte e uma fracção de território afecto a culturas arvenses, sem expressão de produção” (Raposo, 2009: 1).

## 2. modelo político e institucional

O sector do turismo português tem implementado uma estratégia em que a elaboração de Instrumentos de Gestão Territorial é fundamental e de extrema relevância para assegurar os seus objectivos para um ordenamento turístico concertado. É através destes instrumentos políticos e de uma eficaz articulação intersectorial no

processo de ordenamento do território que se pretende alcançar a qualidade urbanística, ambiental e cultural, garantindo uma especificidade única e diferenciadora no contexto da actividade turística mundial.

Neste sentido, o Programa Nacional da Política de Ordenamento do Território (PNPOT), aprovado pela Lei nº. 58/2007, de 4 de Setembro, é um instrumento de gestão territorial de âmbito nacional, que estabelece as grandes opções com relevância para a organização do território nacional, consolida o quadro de referência a considerar na elaboração dos vários instrumentos de gestão territorial e constitui um instrumento de cooperação entre todos os Estados-Membros para a organização do território da UE (<http://www.turismodeportugal.pt>). Defende como “Objectivo Estratégico 2 – reforçar a competitividade territorial de Portugal e a sua integração nos espaços ibérico, europeu, atlântico e global”, estabelecendo como objectivo específico “Implementar uma estratégia que promova o aproveitamento sustentável do potencial turístico de Portugal às escalas nacional, regional e local, designadamente através da implementação do (...) PENT, da implementação das estruturas definidas nos Instrumentos de Gestão Territorial e na diversificação da oferta estruturada de produtos turísticos numa perspectiva territorial” (AR, 2007: 6126).

Os Planos Regionais de Ordenamento do Território (PROT) são os instrumentos de gestão que “definem a estratégia regional de desenvolvimento territorial, integrando as opções estabelecidas ao nível nacional e considerando as estratégias municipais de desenvolvimento local, constituindo o quadro de referência para a elaboração dos planos municipais de ordenamento do território” (<http://www.turismodeportugal.pt>). Cabe à CCDR a elaboração dos PROT, sendo posteriormente determinada por Resolução de Conselho de Ministros (RCM). O Turismo de Portugal (TP), enquanto entidade com competências no sector, integra a Comissão Consultiva, que tem por objectivo assegurar a implementação das políticas do sector e a sua articulação com os restantes interesses sectoriais, ou outros, que convergem no mesmo território (*idem*).

Tendo em conta a transformação paisagística da zona envolvente ao Alqueva, área abrangida pelos municípios de Alandroal, Barrancos, Moura, Mourão, Portel e Reguengos de Monsaraz, devido à construção da barragem e à constituição da respectiva albufeira, decidiu-se proceder à elaboração de um PROT, cujas linhas orientadoras de uma actuação estratégica serão de seguida desenvolvidas.

### **PROZEA | plano regional de ordenamento do território da zona envolvente da albufeira do Alqueva**

De acordo com o Decreto-Lei nº. 380/99 (artigos 53º e 54º), de 22 de Setembro, que estabelece o regime jurídico dos instrumentos de gestão territorial, o PROZEA apresenta opções estratégicas, traduzindo objectivos e princípios de desenvolvimento para a região, um modelo de organização territorial, normas orientadoras do uso do território e um programa de execução das intervenções propostas.

Genericamente os objectivos do PROZEA são “delimitar uma estratégia de ocupação da zona envolvente da albufeira do Alqueva; garantir a diversificação e compatibilização de usos e actividades, definindo padrões de ocupação; e contribuir para a criação de uma solução integrada na envolvente de novas estruturas e reorganizar as infra-estruturas e acessibilidades” (PCM, 2002: 3391). Para responder aos

objectivos propostos este plano baseia-se no conceito de desenvolvimento sustentável, que é definido por “aquele que, tirando o melhor benefício dos recursos existentes e potenciais, assegure as necessidades do presente sem pôr em causa a possibilidade das gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades” (PCM, 2002: 3391).

A metodologia seguida apoiou-se, primeiramente, no estudo dos sistemas agrícolas e na sua articulação com a avaliação dos valores paisagísticos, e, posteriormente, na avaliação da estrutura ecológica, no sentido de determinar as capacidades de suporte dos sistemas essenciais para garantir a manutenção dos processos ecológicos. Deste modo, a proposta de estruturação do território que constitui a base do PROZEA pretende responder de igual modo aos seguintes princípios: “garantir a sustentabilidade ecológica da zona; promover o desenvolvimento das actividades económicas e do emprego, dentro de critérios de utilização racional do espaço, organização das infra-estruturas e conservação dos valores paisagísticos; consolidar a identidade sub-regional construída em torno do aproveitamento equilibrado de uma infra-estrutura comum a cinco dos seis concelhos em causa (a albufeira do Alqueva), garantindo uma repartição equitativa dos benefícios; reforçar as redes de equipamentos e infra-estruturas considerados básicos quer para o bem-estar da população residente, quer para o apoio a novas actividades económicas; e assegurar a integração da sub-região nos planos e programas de âmbito regional e nacional” (PCM, 2002: 3391).

O modelo de organização territorial proposto no PROZEA é constituído por cinco sistemas: sistema de protecção e valorização ambiental; sistema agrícola e de desenvolvimento rural, sistema urbano e de acessibilidades; sistema social; e sistema turístico-cultural. A criação do sistema turístico-cultural é justificada pela “forte pressão turística que as actuais expectativas fazem prever após o enchimento da albufeira, bem como o elevado valor do património natural, edificado e histórico” (PCM, 2002: 3408). Este sistema atribui orientações para uma localização adequada de infra-estruturas e equipamentos de apoio ao turismo com diversas valências – turismo no espaço rural (turismo de habitação, turismo rural, agroturismo, turismo de aldeia e casa de campo), núcleos urbanos de interesse patrimonial, aldeias de água e áreas de localização preferencial de equipamentos turísticos estruturantes. Para a eficaz concretização deste sistema são ainda designados como critérios para o desenvolvimento sustentável do turismo: “a identificação, em termos programáticos, do tipo de infra-estruturas, equipamentos e funções que podem actuar como suportes, ou catalisadores, da competitividade do sector do turismo; a organização espacial das áreas de localização preferencial, tendo como objectivo a racionalização dos investimentos à infra-estruturação, bem como a diminuição dos consumos de energia; o desenvolvimento de regulamentação urbanística incentivadora da criação de áreas de tipologia diversificada, função do perfil dos eventuais promotores, e que garantam uma plena fruição em adequadas condições de segurança; a conservação e reabilitação do património edificado, biológico, paisagístico e cultural como suporte da ‘identidade local’; e a

consolidação da estrutura verde como espaço de articulação e equilíbrio ambiental, e a criação de espaços verdes, com o tratamento adequado para contribuir para um aumento da biodiversidade” (PCM, 2002: 3412).

No PROZEA é sugerido que o desenvolvimento turístico não ocorrerá por si só, pois está em profunda dependência de questões socioeconómicas e do funcionamento do mercado. Como tal, cabe ao Estado intervir na gestão do território e conservação da natureza, na rede de equipamentos, infra-estruturas e serviços de suporte, na imagem e promoção institucional da área, na atracção, enquadramento e apoio financeiro a investimentos privados, na sinalização e informação turística e na formação de recursos humanos (PCM, 2002: 3398).

As duas Herdades em estudo localizam-se no eixo de desenvolvimento turístico designado por “Eixo Reguengos-Monsaraz-Mourão-Nova Aldeia da Luz, [que constitui] um dos principais sistemas de atravessamento da sub-região” (PCM, 2002: 3400). Associadas a empreendimentos turísticos estruturantes, a Herdade do Barrocal corresponde à área “T2 – Corval-Monsaraz” e a Herdade do Mercador à área “T4 – Ferrarias-Mercador-Margalha” (PCM, 2002: 3401) (ver figuras da **peça gráfica 11**).

Seguindo a hierarquia dos instrumentos políticos aplicados na gestão territorial, surgem os Planos Sectoriais que programam as políticas de desenvolvimento económico e social com incidência espacial, determinando o respectivo impacte territorial. A sua elaboração compete às entidades públicas que integram a administração directa ou indirecta do Estado, sendo determinada por despacho do respectivo ministro. O TP é consultado em sede do procedimento de acompanhamento da elaboração do plano, com o objectivo de assegurar a sustentabilidade territorial (<http://www.turismodeportugal.pt>).

Os Planos Especiais de Ordenamento do Território (PEOT) constituem instrumentos regulamentares elaborados pela Administração Central. São “um meio supletivo de intervenção do Governo, tendo em vista a prossecução de objectivos de interesse nacional com repercussão espacial” (*idem*). Através de regimes de salvaguarda de recursos e valores naturais, pretendem assegurar a permanência dos sistemas indispensáveis à utilização sustentável do território. Estes planos podem assumir as seguintes tipologias: Planos de Ordenamento de Áreas Protegidas (POAP); Planos de Ordenamento de Albufeiras de Águas Públicas (POAAP); Planos de Ordenamento da Orla Costeira (POOC); Planos de Ordenamento de Parques Arqueológicos; e Planos de Ordenamento dos Estuários. A sua elaboração compete ao Governo, sendo determinada por RCM. Cabe ao TP integrar a Comissão Mista de Coordenação que acompanha os trabalhos de elaboração, alteração e revisão dos PEOT.

### **POAAP | plano de ordenamento das albufeiras de Alqueva e Pedrógão**

Segundo a RCM nº. 95/2002, de 13 de Maio, a área de intervenção do POAAP integra o plano de água das albufeiras do Alqueva e Pedrógão e uma faixa de protecção terrestre de 500 m definida a partir da cota do NPA, que pertence aos municípios envolventes – Alandroal, Elvas, Évora, Moura, Mourão, Portel, Reguengos de Monsaraz, Serpa, Vidigueira e Vila Viçosa (PCM, 2002: 4434).

Tendo sido elaborado em articulação com o PROZEA, o POAAP constituiu até à data o primeiro caso nacional em que a elaboração do plano foi anterior à existência real da albufeira. Este estabelece as regras de utilização do plano de água e da zona de protecção, que salvaguardem a qualidade da água, a defesa, valorização e reposição de valores naturais, e que regulem a ocorrência e o desenvolvimento de actividades ligadas ao recreio, lazer e turismo directamente relacionado com o plano de água, numa perspectiva de diversificação da actividade económica e de melhoria da qualidade de vida das populações (PCM, 2002: 4434). Para além das disposições gerais – natureza jurídica e âmbito, objectivo, composição, definições e servidões administrativas e restrições de utilidade pública –, o seu regulamento apresenta ainda as disposições gerais relativas ao uso e ocupação na área de intervenção – plano de água, zona de protecção e zona reservada –, o zonamento da área de intervenção e as normas de edificabilidade, construção e saneamento básico. Os seus objectivos passam por: “compatibilizar os diferentes usos e actividades existentes e ou a serem criados com a protecção e valorização ambiental e as finalidades principais das albufeiras; definir regras de utilização do plano de água e da zona envolvente das albufeiras, por forma a salvaguardar a defesa e qualidade dos recursos naturais, (...); definir os usos, o regime de gestão do solo e as medidas e acções que permitam gerir a área objecto de plano, numa perspectiva dinâmica e interligada, no sentido de se adaptar às exigências que se colocam na transformação de um território que passará a ter condicionantes decorrentes da existência das albufeiras; identificar no plano de água as áreas mais adequadas para a conservação da natureza, incluindo as ilhas, quase-ilhas e penínsulas (...), e as áreas mais aptas para actividades recreativas, prevendo as compatibilidades e complementaridades entre as diversas utilizações; aplicar as disposições legais e regulamentares vigentes, quer do ponto de vista de gestão dos recursos hídricos quer do ponto de vista do ordenamento do território; planear de forma integrada as áreas dos concelhos que se situam na envolvente das albufeiras; garantir a articulação com planos e programas de interesse local, regional e nacional (...); garantir a articulação com o Plano de Gestão Ambiental do Alqueva e com o estudo integrado de impacte ambiental do Empreendimento de Fins Múltiplos do Alqueva e considerar o resultado dos estudos realizados no âmbito do Plano de Minimização de Impactes no Património Cultural; garantir a articulação com os objectivos tipificados para o Plano da Bacia Hidrográfica do Guadiana” (PCM, 2002: 4434 e 4435).

O zonamento da área de intervenção é feito em dois âmbitos, no do plano de água e na zona de protecção. Assim, relativamente ao zonamento e actividades no plano de água foram delimitadas zonas interditas, restritas, de navegação restrita, de navegação sem motor, livre, de recreio balnear, de apoio à navegação e de protecção às pontes. As zonas de protecção podem ser espaços rurais, espaços de conservação ecológica, espaços de protecção complementar, espaços com aptidão para a instalação de empreendimentos turísticos, espaços com aptidão para a instalação de actividades recreativas, espaços de

investigação e experimentação científica, zona de respeito da barragem, espaços sociais (espaços urbanos e espaços urbanizáveis), elementos de património cultural ou unidades operativas de planeamento e gestão.

O projecto desenvolvido para a Herdade do Mercador desenvolver-se-á, segundo o POAAP, num dos espaços com aptidão para localização de empreendimentos turísticos que é designado por "TA – Ferrarias-Mercador", tendo sido eleito devido "às suas características de acessibilidade, proximidade à vila de Mourão e características físicas, nomeadamente a relação visual com Monsaraz. Consiste numa área adjacente ao espaço turístico definido no PROZEA como T4 – Atalaia das Ferrarias-Mercador-Margalha" (PCM, 2002: 4439) (ver **figura a e b da peça gráfica 12**). A este espaço, designado por TA, são atribuídos os seguintes parâmetros e índices de edificabilidade: área total do terreno – 387.85 ha; número máximo de camas – 80; dimensão mínima da parcela – 75000 m<sup>2</sup>; habitantes/ha – 4; coeficiente de ocupação do solo – 0.015; coeficiente de afectação do solo – 0.015; coeficiente de impermeabilização do solo – 0.017; e 2 pisos. A legislação actualmente em vigor diz respeito à revisão do POAAP aprovada em 2006 (DR 150 SÉRIE I-B de 4 de Agosto).

A articulação entre o plano regional e os planos municipais de ordenamento do território em áreas territoriais que, pela interdependência dos seus elementos estruturantes, necessitam de uma coordenação integrada pode ser assegurada pelos Planos Intermunicipais de Ordenamento do Território (PIOT). Compete aos municípios ou às associações de municípios, após aprovação, respectivamente, pelas assembleias municipais ou pela assembleia intermunicipal, a elaboração dos PIOT, ficando o TP com a responsabilidade de integrar a Comissão Consultiva, que acompanha os trabalhos de elaboração, alteração e revisão dos mesmos.

O instrumento legal que estabelece a estratégia de desenvolvimento territorial, a política municipal de ordenamento do território e de urbanismo e as restantes políticas urbanas e que garante o modelo de organização espacial do território municipal é o Plano Director Municipal (PDM). Fica a cargo da Câmara Municipal a sua elaboração, sendo determinada por deliberação a publicar no Diário da República e a divulgar através de vários meios de comunicação social. O TP integra a Comissão de Acompanhamento que segue os trabalhos de desenvolvimento do PDM em questões de interesse para o sector.

A elaboração dos Planos de Pormenor (PP) cabe à Câmara Municipal e a sua determinação ocorre por deliberação a publicar no Diário da República, cuja divulgação é concretizada através da comunicação social. Estes planos "desenvolvem e concretizam propostas de organização espacial de qualquer área específica do território municipal, estabelecendo regras sobre a implementação das infra-estruturas e o desenho dos espaços de utilização colectiva, a forma de edificação e a disciplina da sua integração na paisagem, a localização e inserção urbanística dos equipamentos de utilização colectiva e a organização espacial das demais actividades de interesse geral" (<http://www.turismodeportugal.pt>). Durante a fase de proposta do PP, o TP é consultado para a emissão de parecer, "sempre que as respectivas disposições quanto ao uso, ocupação e transformação do solo preconizadas, a proximidade da sua área de intervenção relativamente a empreendimentos turísticos ou a áreas vocacionadas para

tal uso, bem como as disposições de outros planos em vigor para a área justifiquem tal consulta tendo por objectivo ponderar os interesses do sector” (*idem*).

### **PPHB | plano de pormenor da Herdade do Barrocal**

Segundo as directrizes do PROZEA a Herdade do Barrocal está inserida numa área com a designação de “T2 – Corval – Monsaraz”, onde está prevista a localização preferencial de empreendimentos turísticos estruturantes. Não estando directamente articulada com o plano de água da albufeira, esta Herdade apresenta “aptidão para implantação de empreendimentos turísticos, instalações desportivas e equipamentos de recreio e lazer, tirando simultaneamente benefício da centralidade de São Pedro do Corval relativamente ao artesanato regional ” (PCM, 2002: 3409).

Para desenvolver a proposta de organização espacial da Herdade do Barrocal foi elaborado um PP. Este seguiu-se à publicação em Diário da República (2ª Série, nº. 249) do aviso nº. 8547/2006 de 29 de Dezembro que deliberou a sua elaboração, em modalidade simplificada de Projecto de Intervenção em Espaço Rural conforme previsto no nº. 2 do artigo nº. 91 do Decreto-Lei nº. 310/99 de 22 de Setembro (PPHB, 2007: 7).

O PPHB pretende disciplinar o uso, a ocupação e transformação do solo para a sua área de intervenção nos termos do Decreto-Lei nº. 380/99, de 22 de Setembro, alterado pelo Decreto-Lei nº. 310/2003, regulamentado pela Portaria nº. 389/2005 e demais legislação aplicável, que abrange uma área com 778 ha (coincidentes com os limites fundiários da actual propriedade), correspondente a um total de dois prédios mistos inseridos numa unidade agrícola conhecida por Herdade do Barrocal de S. Lourenço, inscrita na matriz predial sob o artigo nº. 007.0249.000, localizada na freguesia de Monsaraz (PPHB, 2007: 7).

Uma vez que a Herdade do Barrocal constitui um lugar em que a condição agrícola e rural ainda permanece – montado, vinha, olival e culturas cerealíferas –, o desenvolvimento turístico sustentado do projecto só fará sentido com o estudo aprofundado e desenvolvimento da singularidade histórica, agrícola e paisagística da herdade simultaneamente com as perspectivas socioeconómicas locais. Deste modo, pretende-se estabelecer “os pressupostos de base para uma intervenção turística de escala reduzida que visa não apenas a fruição por parte dos futuros hóspedes mas também a revitalização de uma extensa propriedade agrícola pertencente ao património do concelho de Reguengos de Monsaraz” (PPHB, 2007: 7).

Após um breve enquadramento aos níveis territorial e de paisagem natural e cultural, o PPHB segue uma metodologia que se subdivide em três fases: caracterização e análise; avaliação e diagnóstico e proposta. A estrutura final do Plano abrange peças escritas e peças desenhadas.

A primeira fase é concretizada a partir da informação base disponível (bases cartográficas – carta de Portugal, cartas geológicas, cartas de solos e de capacidade de uso do solo –, fotografias aéreas, levantamentos topográficos pontuais, ortofotomapas) para elaborar cartografia de análise à escala do

Plano (1:5000), de modo a “identificar os principais sistemas ecológicos e culturais em presença e interpretar a sua dinâmica, estrutura e morfologia” (PPHB, 2007: 12).

Na segunda fase, após a justaposição da área do Plano com os restantes instrumentos de ordenamento do território, são esclarecidas as potencialidades e condicionantes e faz-se uma breve análise e avaliação ao actual sistema de gestão do espaço agrícola (ver **figura a da peça gráfica 13**).

A terceira fase corresponde à proposta, em que se faz uma descrição qualitativa e quantitativa, dando especial relevo “à integração do programa turístico/cultural no contexto natural e no sistema agrícola em presença” (PPHB, 2007: 12) (ver **figura b da peça gráfica 13**).

Juntamente com o Plano é apresentado o Regulamento do PPHB, elaborado com a finalidade de que, na fase de concertação, se possam introduzir acertos, correcções e alterações por parte das entidades envolvidas.

A área do PPHB encontra-se sob a vigência de quatro planos hierarquicamente superiores: o PDM de Reguengos de Monsaraz (DR 239 SÉRIE I-B, 16 de Outubro de 1995; alteração, DR 49 SÉRIE I-B, 27 de Fevereiro de 1999; alteração, DR 196 SÉRIE I-B, 11 de Outubro de 2007); o PROZEA (DR 83 SÉRIE I-B, 9 de Abril de 2002); o POAAP (revisão, DR 150 SÉRIE I-B, 4 de Agosto de 2006) e o PROF do Alentejo Central (Decreto Regulamentar nº. 36/2007, de 2 de Abril). Em relação ao PDM, a área do Plano abrange algumas manchas de RAN (relativas a solos classificados como B na carta de capacidade de uso) e manchas de REN (áreas com risco de erosão). No que respeita ao PROZEA, como já foi anteriormente referido, a área de projecto pertence à área de influência da zona de localização preferencial de empreendimentos turísticos estruturantes T2 do Sistema Turístico Cultural e numa área de Sistema Agrícola e de Desenvolvimento Rural. Relativamente ao POAAP apenas uma pequena parte da área de intervenção (no extremo sudeste) é abrangida, “estando classificada na planta de síntese na categoria de ‘Zona de Protecção’, classe de ‘Áreas de protecção e Valorização de Recursos e Valores Específicos’, e nas sub-classes de ‘Áreas Agrícolas e Áreas Florestais’ e ‘Áreas de Valorização Ambiental e Paisagística’, integrando de forma residual a área com vocação turística UT1, Arreiras-Pipas” (PPHB, 2007: 50). Já em relação ao PROF esta área integra a sub-região homogénea de Campos de Évora e Reguengos.

Finalmente, os Planos Urbanização (PU) podem abranger qualquer área do território do município incluída em perímetro urbano ou em solo rural complementar, bem como outras áreas que possam ser destinadas a usos e funções urbanas, nomeadamente empreendimentos turísticos e equipamentos e infra-estruturas associadas. Estes são elaborados pela Câmara Municipal e determinados por deliberação a publicar no Diário da República e a divulgar através da comunicação social ([http:// www.turismodeportugal.pt](http://www.turismodeportugal.pt)). Tal como no caso dos PP, o TP é consultado para emissão de parecer sobre as propostas de PU caso se justifique por questões relacionadas com o sector.

## PUHM | plano de urbanização da Herdade do Mercador

A elaboração do PUHM ocorreu por deliberação da Câmara Municipal de Mourão a 5 de Fevereiro de 2007. O PUHM pretende “promover de modo integrado o desenvolvimento regional sustentado, com especial enfoque no turismo de excelência dirigido ao mercado nacional e internacional que, pela dimensão e interações que estabelece com o património ambiental, cultural e social e com a economia local, se posiciona como estruturante para o Concelho e para a região” (PUHM, 2009: 4).

O PUHM estabelece-se sobre os princípios defendidos nas linhas estratégicas de desenvolvimento do turismo e do Alqueva, nomeadamente nos que assentam no conceito de desenvolvimento sustentável, “respeitador da cultura e do ambiente, preocupado com a realidade socio-económica local e regional e virado para a excelência e para a diferença, acompanhando as modernas tendências da procura turística” (PUHM, 2009: 4). Assim, o projecto que se apresenta concorre para um modelo de turismo diversificado, qualificado e diferenciado, que seja ambientalmente sustentável, no qual sejam reiterados a “qualificação arquitectónica urbanística e paisagística, a reinterpretção contemporânea de casas pátio mediterrânicas, a utilização da vinha e dos pomares tradicionais mediterrânicos como elementos estruturantes da paisagem e da experiência turística (permitindo aos utilizadores a produção individualizada de produtos rurais)” (PUHM, 2009: 4).

Estudos de caracterização e de avaliação ambiental e uma proposta de estrutura ecológica precederam e condicionaram a concepção do Plano.

A estrutura deste PU contempla os seguintes elementos constituintes: numa primeira parte o regulamento e as plantas de zonamento e a de condicionantes; na segunda parte o relatório geral, a proposta de modelo de desenvolvimento turístico (ver **figura a da peça gráfica 14**), o programa de execução e plano de financiamento, aos quais se associam peças desenhadas como a planta de enquadramento, extractos de plantas síntese e planos relevantes, a planta da estrutura ecológica, plantas de estrutura e tipologia da paisagem, plantas de infra-estruturas ou a planta de classificação acústica; o relatório ambiental juntamente com plantas de caracterização da situação existente e mapas de ruído constituem a terceira parte.

Na planta de implantação é representado o regime de uso, ocupação e transformação da área de intervenção e na planta de condicionantes são identificadas as servidões e restrições de utilidade pública em vigor que possam constituir limitações ou impedimentos a qualquer uso.

O relatório contém a fundamentação técnica das soluções propostas no plano, suportada na identificação e caracterização objectiva dos recursos territoriais da área de intervenção e a avaliação dos factores económicos, sociais, culturais e ambientais para a sua execução.

No relatório ambiental são identificados, descritos e avaliados os eventuais efeitos significativos no ambiente resultantes da execução do plano e as recomendações que tenham em conta os objectivos e o âmbito de aplicação territorial respectivos.

No relatório geral é mencionada ainda a conformidade com os instrumentos de gestão territorial que lhe são hierarquicamente superiores, nomeadamente com o Plano de Bacia Hidrográfica do Rio Guadiana, o PROF do Alentejo Central, o PROZEA, O POAAP e o PDM de Mourão.

A área de intervenção do PUHM integra a designada "UT 2 – Mourão Norte". A referida área é considerada pelo POAAP como "Áreas com Vocação Turística", que o próprio POAAP define como sendo "as áreas que reúnem condições potenciais para o desenvolvimento turístico, numa perspectiva de complementaridade e de compatibilização de funções e de aproveitamento das potencialidades únicas e inimitáveis dos recursos presentes, em especial do plano de água" (PCM, 2006: 5551).

Para além dos Instrumentos de Gestão Territorial referidos, há que mencionar ainda um outro instrumento de extrema importância para o desenvolvimento turístico e territorial – o Projecto de Potencial Interesse Nacional (PIN). Segundo a Resolução do Conselho de Ministros nº. 95/2005 "Portugal precisa de mais e melhor investimento. A construção de uma economia mais competitiva exige empresas fortes, dinâmicas, social e ambientalmente sustentáveis e capazes de serem concorrenciais num ambiente económico globalizado" (PCM, 2005: 3518). Assim, o objectivo central é o de dinamizar o investimento empresarial em actividades diversificadas, que garantam empregabilidade qualificada e apresentem características que gerem maior valor acrescentado. Ainda segundo o mesmo diploma "o que se pretende é favorecer a concretização de diversos tipos de projectos de investimento [nos planos económico, social, tecnológico, energético e de sustentabilidade ambiental], assegurando um acompanhamento de proximidade, promovendo a superação dos bloqueios administrativos e garantindo uma resposta célere, sem prejuízo dos dispositivos legais necessários à salvaguarda do interesse público, nomeadamente ao nível da segurança e do ambiente. Estes objectivos serão prosseguidos não apenas por via da institucionalização de um adequado sistema de acompanhamento e monitorização dos projectos, mas também por via das alterações legislativas necessárias" (PCM, 2005: 3519).

São reconhecidos como PIN os projectos que, sendo susceptíveis de adequada sustentabilidade territorial e ambiental, representem um investimento global superior a 25 milhões de euros e/ou apresentem um impacto positivo em pelo menos quatro dos seguintes domínios: produção de bens e serviços transaccionáveis, de carácter inovador e em mercados com potencial crescimento; efeitos de arrastamento em actividades a montante ou a jusante, particularmente nas pequenas e médias empresas; interacção e cooperação com entidades do sistema científico e tecnológico; criação e/ou qualificação de emprego; inserção em estratégias de desenvolvimento regional ou contribuição para a dinamização económica de regiões com menor grau de desenvolvimento; balanço económico externo; eficácia energética e/ou favorecimento de fontes de energia renováveis.

Podem também ser reconhecidos projectos PIN de valor igual ou inferior a 25 milhões de euros desde que apresentem uma forte componente de investigação e desenvolvimento (I&D), de inovação aplicada ou de importante valor ambiental e que se integrem nos domínios já referidos (<http://www.iapmei.pt>).

Os projectos PIN beneficiam do procedimento especial de acompanhamento, sendo o seu reconhecimento dependente da apresentação de requerimento pelos interessados, nos termos definidos pelo Despacho Conjunto nº. 606/2005, de 22 de Agosto. Para tal efeito foi criada a Comissão de Avaliação e Acompanhamento dos projectos PIN que é constituída por representantes dos seguintes serviços e organismos: Agência Portuguesa para o Investimento (coordenação); Direcção-Geral da Empresa; Direcção-Geral do Turismo; Direcção Geral do Ordenamento do Território e Desenvolvimento Urbano; Instituto do Ambiente; e Instituto da Conservação da Natureza (<http://www.iapmei.pt>).

O reconhecimento dos projectos propostos para as Herdades do Barrocal e do Mercador como PIN na área do turismo alentejano é a confirmação do interesse público dos empreendimentos. Reflectem a inovação introduzida pela qualidade do produto, bem como o valor acrescentado ao desenvolvimento local, que os converte num paradigma de desenvolvimento da oferta turística.

### **3. modelo económico**

| 62

Com o novo cenário criado pelo plano de água do Alqueva – espelho de água com 250 km<sup>2</sup> de superfície, cerca de 1100 km de margens, 85 km de comprimento e aproximadamente 440 ilhas, das quais 100 apresentam áreas superiores a 1 ha –, alterou-se a capacidade de suporte do território para actividades de turismo, recreio e lazer e criaram-se grandes expectativas de desenvolvimento territorial.

Do ponto de vista económico, o desenvolvimento territorial depende sobretudo de modelos associados ao funcionamento estruturado de um sistema, que integre um sistema de empresas, de actividades e de sectores que assegurem a sua viabilidade continuada dentro da matriz de modernização/inovação que é predominante em cada período. O processo laboral é fundamental para a sobrevivência das empresas, ou seja, é determinante para a criação de capital. Este processo nunca “está predeterminado em qualquer sistema económico; pelo contrário, é negociado entre o capital, o trabalho (individualmente e através de organizações colectivas) e o Estado (através do seu papel regulador)” (Williams, 2004: 87).

A criação de produto turístico é baseada não só no “valor de marca” do turismo como no trabalho, capital e recursos naturais utilizados na produção (Williams, 2004: 84).

Inúmeros indicadores revelam que a actividade turística se configura como um dos maiores sectores da actividade económica do século XXI. Contudo, apesar de esta ser significativamente relevante a diversos níveis para o desenvolvimento de um país ou região, há a previsão de não trazer grande valor acrescentado no PIB de cada economia. Pode vir a fortalecer o indicador “emprego no sector/população activa” (SAER, 2005: 519).

Segundo a OMT, em 2003 o turismo global alcançou cerca de 700 milhões de turistas internacionais, tendo sido a Europa a principal região emissora, responsável por mais de 57% desse valor. Isto deve-se ao facto desta região apresentar maior estabilidade política, económica e de apoio social, maior rendimento familiar disponível, estruturas familiares de menores dimensões e um nível médio etário da população residente mais elevado, para além de que a Europa, comparativamente às outras regiões emissoras, é a que apresenta uma diversidade nacional e cultural transfronteiriça mais vasta. Entre os anos 2000 e 2020, a OMT prevê que o número de turistas internacionais cresça cerca de 4.3% ao ano, atingindo cerca de 1000 milhões em 2010 e 1560 milhões em 2020. É previsível que em 2025 este número supere os 1900 milhões, mantendo-se semelhante taxa de crescimento anual, e que a Europa se mantenha a principal região emissora, seguindo-se a Ásia e Pacífico e as Américas (SAER, 2005: 827).

Contrariamente ao que se passava no passado muito recente, as gerações contemporâneas dispõem de condições de mobilidade geográfico/espacial, laboral/profissional e afectiva, que está directamente relacionada com uma maior e mais diversificada procura de produtos “espaço-tempo”. Esta mobilidade está associada a novos padrões de comportamento, cada vez mais caracterizados pelo individualismo, pela possibilidade de escolha entre diferentes formas de uso do tempo e em particular dos tempos livres. A emergência desta nova forma de estar/ser – *mosaic living*, definida como a fragmentação e a diferenciação da vida familiar e da maior parte das instituições que integram o funcionamento tradicional da sociedade que conduz a uma coexistência de vários mosaicos culturais e de estilos de vida – levou a que se desenvolvessem novos produtos, que são em grande parte fornecidos pela indústria do turismo.

Com o desenvolvimento da indústria do turismo para servir novas necessidades sociais, preferências culturais e contingências económicas foram-se reproduzindo novos tipos de paisagem. “A novidade [dessas] paisagens no tempo presente, contudo, está, em vez de na sua natureza, escala e características geográficas, no cruzar das mais tradicionais tipologias de ambientes turísticos. (...) Práticas que compreendemos hoje através do lazer/turismo fundem-se com outras áreas da vida (...). O que acontece é uma crescente diferenciação no espaço do lazer e do turismo (...). Assim, no contexto dessa nova economia dos espaços (...) é tendência crescente de todas as paisagens assumirem características de paisagens de lazer e de turismo, enquanto a distinção entre lazer e turismo se torna (...) mais esbatida” (Terkenli, 2004: 389).

Nas últimas décadas Portugal tem sido fortemente conotado, para o mercado internacional, como destino “Sol e Praia”, tendo como concorrência directa Espanha, Baleares e Canárias, Turquia, Tunísia, Marrocos e Chipre. Comparativamente com Espanha, e tendo em conta qualquer das dimensões relativas nacionais, nomeadamente população, espaço geográfico, extensão costeira, estabilidade social e política, Portugal não tem atraído o mercado internacional de turismo, uma vez que Espanha capta quase 90% dos 54 milhões de turistas internacionais que chegam à Península Ibérica, restando cerca de 6 milhões que se dirigem a Portugal (SAER, 2005: 831). Deste modo, o PENT tem como objectivo rever a imagem e estratégia para captar o mercado internacional de turismo tendo em

conta o posicionamento geoestratégico do país e as suas atractividades intrínsecas, considerando a evolução externa e o nível de competitividade, das alterações do poder de compra e da tendência de incremento de consumo de determinados produtos e serviços turísticos.

Segundo a SAER, “um dos factores mais determinantes para o sucesso do turismo em Portugal é a concepção, construção e manutenção de uma ‘cadeia de valor’ [ver figura 1] bem articulada e inovadora, em que todos, públicos e privados, trabalhem em conjunto e numa visão comum para Portugal” (SAER, 2005: 849). Entende-se por ‘cadeia de valor’ um conjunto de actividades interligadas e organizadas de forma a obter o máximo valor acrescentado, em cada um dos elos da cadeia e, conseqüentemente, no consumidor final, cuja satisfação constitui o grande objectivo de toda a cadeia (SAER, 2005: 849).

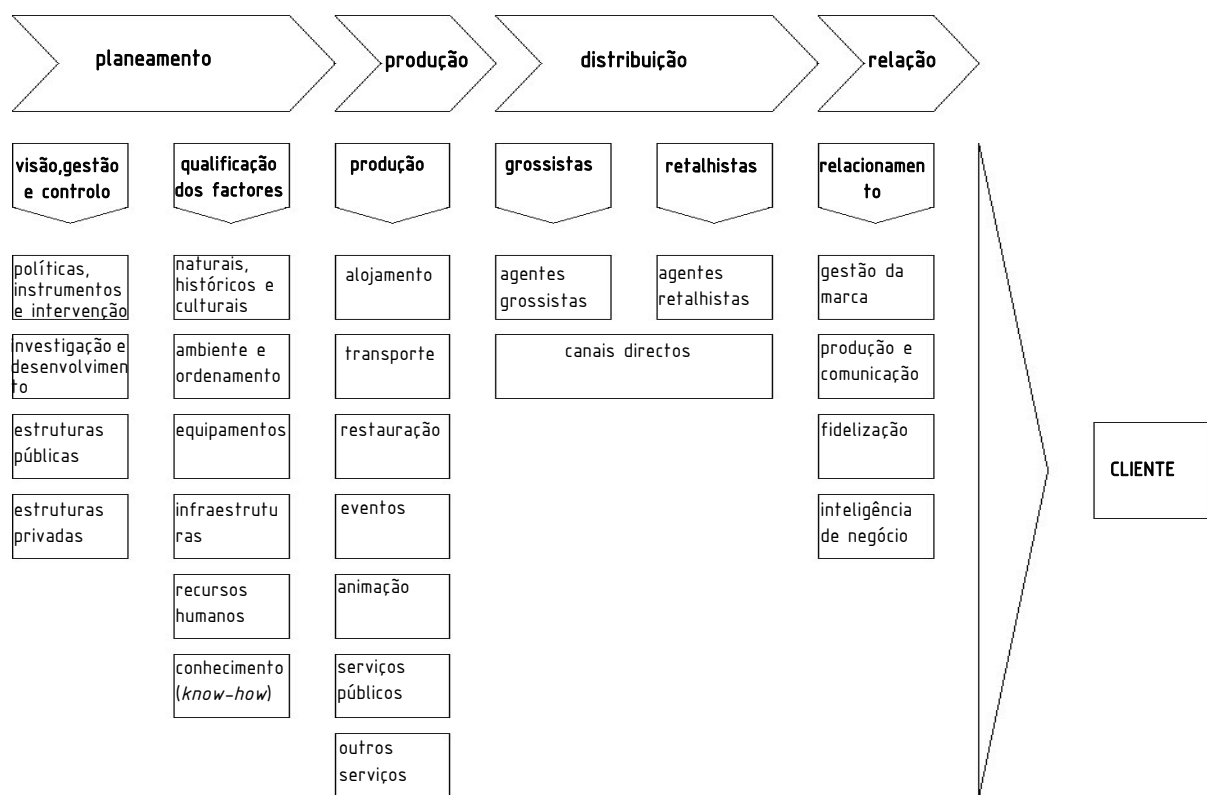


figura 1 – a cadeia de valor do turismo (adaptado de SAER, 2005: 850)

Só o envolvimento activo e conjunto por parte dos agentes públicos e dos agentes privados pode alcançar o desenvolvimento da cadeia de valor do turismo, nomeadamente através da concretização de *Master Plans* integrados e no âmbito de macroestruturas institucionais a criar para o efeito, devendo estas constituir os agentes dinamizadores de todo o processo. A título de exemplo, estas podem ser o Conselho Estratégico para o Turismo, a Agência Nacional do Turismo ou o Fórum Empresarial para a Excelência e Cooperação, entre outros (SAER, 2005: 850).

Para dar resposta à necessidade de criar um valor específico e intrínseco do turismo português é necessário responder às seguintes fases do processo, que engloba diferentes políticas e medidas encadeadas: segmentação

da oferta; diferenciação da oferta; qualificação do país e dos seus activos estratégicos; gestão de marcas e promoção; e conhecimento e dinamização da procura. Este processo depende mais uma vez da acção integrada dos vários agentes intervenientes, quer os públicos quer os privados. Assim, fazem parte da acção dos agentes públicos as seguintes medidas: “planear a longo prazo ao nível nacional, regional e local; criar um ambiente empresarial competitivo que evite a fiscalidade desadequada, garanta a transparência, e ofereça regras mais atractivas para os accionistas; assegurar estatísticas de qualidade e disponibilidade de informação para os processos de tomada de decisão; trazer novo profissionalismo, financiamento e coordenação para a área de promoção e marketing, necessidades de emprego e treino, infra-estruturas e políticas regionais e locais; desenvolver o capital humano requerido para o desenvolvimento para o crescimento do sector; os governos devem liderar o investimento em recursos humanos (...) para ajudar a planear antecipadamente as necessidades futuras (...); liberalizar o comércio, transportes e comunicações e facilitar as barreiras às viagens e ao investimento; promover acções que conduzam a uma maior confiança de clientes e investidores em termos de segurança; promover a diversificação de produtos que aumente a procura; planear a expansão sustentável do turismo de forma a manter a cultura e personalidade próprias; investir em tecnologias avançadas para facilitar o desenvolvimento seguro e eficiente do turismo, com sistemas de navegação por satélite” (SAER, 2005: 862).

Dos agentes privados deve esperar-se um papel baseado em: “expandir mercados ao mesmo tempo que promover e proteger recursos naturais e heranças e estilos de vida locais; desenvolver carreiras, educação, relações com os empregados, promover empresas pequenas, aumentar a consciência ambiental, e ajudar à sua maneira a preencher o *gap* entre *haves and have not's*; provisionar de forma sensível de produtos tradicionais de turismo e diversificação imaginativa de produtos que reduza a sazonalidade e aumente o rendimento; melhorar a qualidade dos produtos e serviços turísticos, e aumentar o *value for money* ao mesmo tempo que aumenta a escolha do cliente; acordar e implementar standards de qualidade em todos os níveis e em todas as áreas, incluindo formação das equipas; transferir capacidades e melhores práticas da indústria que espalhem os benefícios de forma vasta e eficiente; medir de forma mais precisa e crescentemente sofisticada da actividade do sector (...); comunicar mais efectivamente com o mundo em que opera (...) ao nível estratégico e local” (SAER, 2005: 862).

Neste contexto, o desenvolvimento da actividade turística para o Alqueva foi estruturado por estudos estratégicos desenvolvidos em vários planos, baseados no conceito da cadeia de valor do turismo. O PROZEA elegeu como factores chave do ordenamento turístico do território: “implantação de empreendimentos turísticos e de lazer, usos do plano de água e valorização do património cultural e natural” (PCM, 2002: 3398).

As opções estratégicas para este território no que respeita à articulação entre o ordenamento territorial e o desenvolvimento turístico defendem os seguintes objectivos: “qualidade dos produtos turísticos em correspondência com os critérios de satisfação dos clientes potenciais em mercados segmentados; conservação da natureza; qualidade ambiental; salvaguarda do património histórico-cultural e das identidades culturais; identidade e

diferenciação da oferta turística”. Acrescentam-se ainda os seguintes valores de ordem política: “crescimento económico com criação de emprego para fixar a população; distribuição dos benefícios do desenvolvimento turístico de forma tão equitativa quanto possível pelos municípios” (PCM, 2002: 3398).

O desenvolvimento estratégico da actividade turística no Alqueva partiu de uma base inicial de estruturação da oferta, que assenta em actividades ligadas aos recursos disponíveis – rotas culturais, gastronomia, enoturismo, artesanato, caça e pesca turística, TER –, e promove, actualmente, o investimento em empreendimentos turísticos de alojamento e animação mais atractivos, que estimulem um maior *input* económico.

A implementação de empreendimentos turísticos deverá articular as componentes ambiental, sociocultural e económica, de acordo com a macroestrutura territorial em que elas se inserem. Deste modo, estão presentes no PROZEA os seguintes modelos, padrões e critérios de actuação geral:

“– no âmbito da interacção com a componente económica e de mercado – o desenvolvimento do turismo assenta na qualidade dos recursos humanos e na competitividade das empresas. As iniciativas que sejam implementadas, para obterem maior competitividade, deverão neste sentido ter correspondência adequada ao nível dos apoios infra-estruturais e funcionais que se integram no espaço que serve de suporte à actividade turística; dotar os empreendimentos turísticos dos meios infra-estruturais e da concentração de funções complementares da actividade dos sectores produtivos específicos da zona sob a sua influência, permite, ainda, assegurar as condições de sustentabilidade económica, contribuindo, assim, para a qualificação do meio;

– no âmbito da interacção com a componente sociocultural – no domínio social, um desenvolvimento turístico sustentável pressupõe critérios de planeamento e a criação de equipamentos e espaços públicos, incentivadores de estilos de vida saudáveis, da integração social, do contacto de culturas, como forma da expressão da identidade cultural;

– no âmbito da interacção com a componente ambiental (biofísica) – minimização/optimização do consumo dos recursos naturais; racionalização dos fluxos e consumos associados às infra-estruturas; minimização dos níveis de poluição sonora, do ar, da água e do solo; compatibilização do aumento da biomassa com a manutenção da biodiversidade” (PCM, 2002: 3412).

Devido ao aumento significativo da procura em toda a Europa e em especial nos países nórdicos por retiros familiares em lugares de paisagem rural e cultura genuínas, com clima ameno e soalheiro, desafectos de construção massiva e dotados de infra-estruturas qualificadas, as duas Herdades em estudo foram apontadas por vários instrumentos legais como áreas de localização preferencial de equipamentos turísticos estruturantes. Os projectos apresentados para ambas concorrem para um modelo económico assente nos princípios atrás referidos, bem como nas tipologias de *Resort* Integrado e Turismo Residencial.

*Resort* Integrado é uma designação que se aplica a qualquer empreendimento totalmente planeado e submetido a uma gestão integrada, ou seja, o planeamento de todas as suas componentes é muito rigoroso, com regras de funcionamento bastante rígidas. Distingue-se de outras tipologias turísticas pela sua dimensão, por se destinar a

vários tipos de cliente ou segmento de mercado, por proporcionar várias actividades e experiências ou por disponibilizar diversidade de tipologias e categorias de alojamento (THR, 2006: 9 e 10).

Geralmente neste tipo de empreendimentos está presente um recurso âncora, como é o caso do golfe, que é utilizado como factor de atracção de procura por uma multiplicidade de segmentos de mercado. É de extrema importância a clarificação, desde as primeiras fases de concepção projectual, do conceito de desenvolvimento, bem como a estruturação de todo o negócio. De igual modo relevante é associar uma marca hoteleira, bem como uma multiplicidade de marcas e promotores, que contribuam para o sucesso do empreendimento, e integrar inúmeras valências como atenuantes da sazonalidade, que normalmente é associada à actividade turística.

Segundo um estudo elaborado pelo grupo THR, as oportunidades para Portugal no mercado de Resorts Integrados prendem-se com os seguintes factores: crescimento do mercado – valor que cresce entre os 8 e os 10% ao ano; novas necessidades a satisfazer – novas experiências, variedade de actividades, exclusividade, segurança, ambiente cuidado; novos segmentos de mercado (proprietários) – residente alternativo (profissionais liberais e empresários que alternam a residência entre o país de origem e um país de clima agradável), *retired communities* (pessoas de terceira idade que compram uma propriedade para passar a sua reforma) e os investidores (pessoas que vêm na compra de uma propriedade o melhor investimento económico); novos segmentos de mercado (turistas) – pessoas que querem realizar uma grande quantidade de actividades ou as que simplesmente procuram desfrutar dos seus *hobbies* ou gostos de uma forma mais aprofundada; erros da concorrência aos níveis de posicionamento, dos modelos de negócio ou nos sistemas de gestão (THR, 2006: 11).

Turismo Residencial tende a ser considerado de uma forma simplista alojamento adquirido como 2ª habitação com motivações de lazer. As unidades de alojamento deste tipo de turismo são adquiridas em regimes de propriedade plena ou em co-propriedade. Geralmente, os proprietários usufruem delas por períodos de tempo mais longos que os turistas tradicionais, aumentando ao longo do tempo a duração da sua estada, e, quando não têm disponibilidade, colocam-nas em exploração turística de curta duração, normalmente de uma a duas semanas (Neoturis, 2008: 29).

O mercado do turismo residencial tem crescido significativamente, cerca de 8% ao ano. Cerca de 4 milhões de europeus têm um tipo de propriedade de alojamento no estrangeiro, dos quais 1.2 milhões em Resorts Integrados. Os europeus compram anualmente 120 mil casas para férias fora dos seus países, sendo os britânicos (45%) e os alemães (20%) os principais compradores e Espanha o principal país destino desse mercado, com 50% que equivale a 60 mil casas por ano. Assumindo que a procura permanece estável e que Portugal alcança uma quota de mercado de 10%, há um presumível potencial de vendas anuais entre 10 e 15 mil casas (THR, 2006: 14).

Há uma relação directa entre o turismo e o turismo residencial, sendo a primeira condição necessária para o sucesso da segunda, por vezes com um lapso de tempo bastante assinalável (Neoturis, 2008: 33).

A rentabilidade e sustentabilidade de qualquer *Resort* Integrado turístico dependem maioritariamente do seu modelo de negócio. Este modelo integra quatro componentes, que tem uma relação directa, e que, caso seja

introduzida uma mudança em qualquer uma delas, se gera um novo modelo. A interação entre as diferentes componentes deste modelo pode ser melhor apreendida através da figura 2.

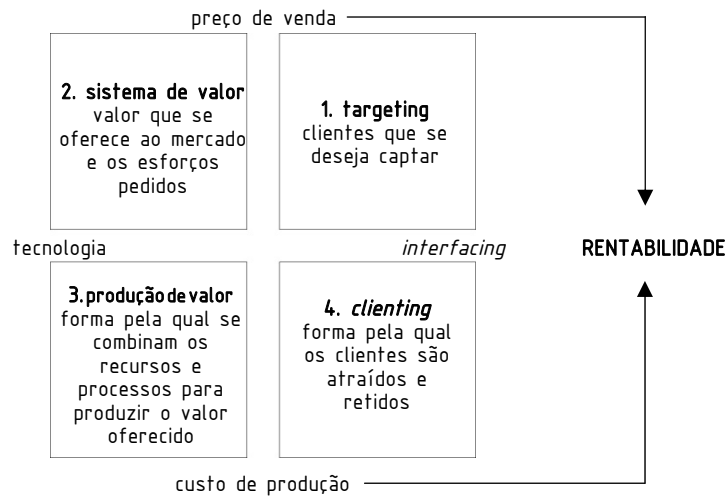


figura 2 – estrutura do modelo de negócio (adaptado de THR, 2006: 18)

O *targeting* e o sistema de valores determinam o preço que o mercado estará disposto a pagar pelo *Resort*. A produção de valor e o *clienting* determinam os custos de produção. Consequentemente, o benefício e a rentabilidade do *Resort* dependem da forma que é adoptada pelos seus componentes (THR, 2006: 18).

Por último, deve referir-se ainda que há modelos a seguir para o desenvolvimento sustentado deste tipo de mercado turístico em Portugal, modelos que, apoiados pelo Estado, apresentem uma mais-valia para o desenvolvimento territorial. Deste modo, *Resorts* que assentem em propriedades locais, com regime de solo em concessão a longo prazo, que valorizem os investidores locais, uma baixa densidade, isto é, um consumo de cama por solo razoável, que garantam uma tipologia variada de utilizações e de produtos e que apresentem soluções/oferta para um público diferenciado constituirão modelos competitivos, capazes de dar elevado valor aos clientes, graças a uma gestão integrada, para além de contribuírem para o desenvolvimento local. Este desenvolvimento cumpre-se sobretudo ao nível do impacto social, pois o *Resort* deve contribuir para a preservação e recuperação da identidade e culturas locais, mas também ao nível ambiental, quando bem implementado gera baixos custos e introduz medidas compensatórias, e ao nível do envolvimento das populações locais, uma vez que os postos de trabalho devem ser ocupados maioritariamente pela população e empresários locais.

Para dar continuidade à 'cadeia de valor' que se quer garantir para o território em estudo, a Associação de Promotores do Alqueva encomendou a uma Empresa de Estudos de Mercado britânica – a Winkreative – um parecer para dinamizar o elo da cadeia que tem que ver com a relação, no sentido da gestão da marca, produção e comunicação. Procuram-se sobretudo soluções criativas que seduzam os consumidores, que vinquem uma imagem identitária de um lugar e que sejam capazes de antecipar as suas necessidades futuras.

Tendo em conta que a indústria da publicidade é muito importante na criação de sinais e que está imbuída de relações materiais, esta, com a sua dinâmica própria, constitui um forte elemento de instrumentalização. Consciente desta constatação, a Winkreative estabelece como prioridade identificar três parâmetros-chave para o desenvolvimento da marca de uma região: determinar o público alvo para a marca regional – visitantes, compradores e empresários locais ou nacionais; visitantes e empresários internacionais; investidores; imprensa; entidades governamentais, autoridades locais e agentes decisores; plataforma turística; explorar a identidade (narrativas multidimensionais e herança cultural) – história, língua, artes (arquitectura, cinema, música, literatura, folclore,...), religião, política, iconografia, gastronomia, comércio, paisagem, talento nacional; dinamizar um sistema de comunicação (divulgação de prestígio e reputação de uma identidade) – comunicações de marketing (imprensa *online*, eventos, relações públicas), exportações, experiência em turismo, embaixadores e divulgadores de cultura (Winkreative: 40).

A evolução da marca identitária do Alqueva com o objectivo de multiplicar o público-alvo depende de um processo bem programado e faseado. Assim, numa primeira fase a Winkreative estabeleceu quatro etapas: processo e planeamento; recolha de informação e constituição da base de dados; definição da identidade de base; estímulo à discussão de ideias sobre o conceito de desenvolvimento equilibrado para o território por parte da Associação de Promotores. As fases futuras passam pela definição de ícones (desenvolver produtos e serviços apropriados que respondam ao conceito inicial), imagem (conceito de comunicação interna e externa) e desenvolvimento dos projectos para suporte real do conceito, pela transmissão da marca ou imagem representativa e, por fim, pela avaliação da percepção do público e reavaliar se necessário (Winkreative: 46 e 47).

Numa fase recente do desenvolvimento dos empreendimentos turísticos baseados nos conceitos de turismo residencial e Resort Integrado na zona envolvente ao Alqueva procedeu-se, em 2009, à elaboração de um estudo com o objectivo de assegurar uma estatística de qualidade para disponibilizar informação para os processos de tomada de decisão no âmbito do conhecimento e dinamização da procura potencial em destinos em transformação. Este estudo, levado a cabo por duas empresas de consultadoria estratégica em turismo, o Grupo ILM e a THR, teve base na recolha de informação efectuada no Verão de 2009 através de um questionário a turistas e transeuntes, em Tróia, Soltróia, Comporta, Évora, Marina da Amieira, Alcácer do Sal e Grândola, tanto na rua, como em unidades de alojamento, agências imobiliárias, postos de turismo e restaurantes locais. A amostra totaliza 200 respostas recolhidas, das quais 62% foram provenientes de potenciais proprietários (ILM-THR, 2009: 1). Pode concluir-se com a estatística efectuada que: cerca de 93% dos potenciais proprietários do Alentejo são portugueses; 82.5% têm entre 25 e 54 anos; cerca de 75% vive em família; 21% dos entrevistados respondeu auferir um rendimento médio anual entre os 36 500 e os 51 100 euros; a maioria dá preferência a moradias isoladas onde os potenciais proprietários procuram a tranquilidade e o contacto com a natureza; a fuga dos meios urbanos e a procura da tranquilidade são o principal factor motivacional para a compra de uma segunda propriedade; quase 50% dos inquiridos consideram 295 mil euros como orçamento aceitável para a compra de uma

segunda habitação, que tencionam usar para férias e fins-de-semana ou até arrendar; 36% refere a internet como o principal meio de acesso à informação. Outros meios também mencionados foram as agências imobiliárias, os amigos e as visitas ao local (ILM-THR, 2009: 2 e 4).

As duas Herdades em estudo, enquanto projectos turísticos estruturantes, apresentam excelentes qualidades projectuais para o desenvolvimento territorial e paisagístico do Alqueva, assim como enorme potencial ao nível de atractividade do mercado no sector do turismo. Na figura 3 faz-se uma análise competitiva entre alguns dos projectos em desenvolvimento para a zona envolvente ao Alqueva.

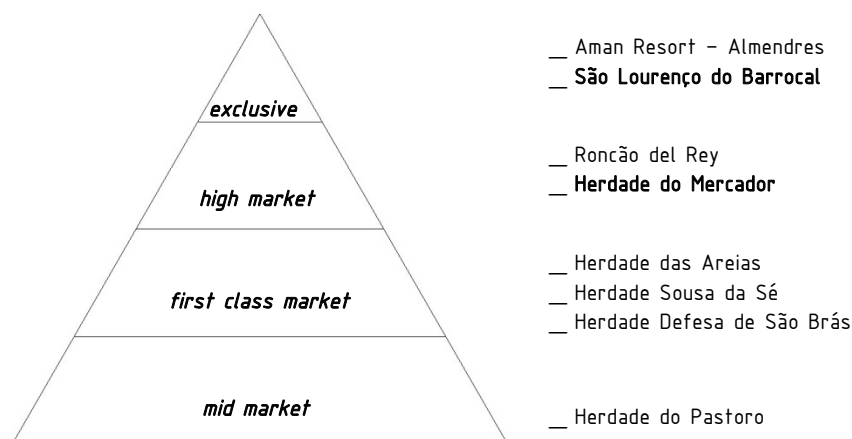


figura 3 – pirâmide do posicionamento do mercado face à qualidade projectual (adaptado de Neoturis, 2008: 62)

A Herdade São Lourenço do Barrocal está no patamar 'exclusive', já que oferece um número limitado de unidades e uma localização única. "Sustentado pela localização *premium* da propriedade e pelos *amenities* existentes, nomeadamente spa, marina ou golfe" (Neoturis, 2008: 62), o posicionamento da Herdade do Mercador ocorre no patamar precedente 'high market'. Os seguintes níveis da pirâmide estão relacionados com empreendimentos assentes numa âncora, como por exemplo o golfe, e na grande dimensão do *Resort* ao nível imobiliário e turístico, no caso do patamar 'first class market', ou com empreendimentos associados a um produto mais massificado (apartamentos e *townhouses*) com uma menor dimensão média por unidade, no caso do último patamar designado por 'mid market'.

A procura por projectos com as características das Herdades em estudo incide nas seguintes tipologias de *clienting*: a) 'sénior/saúde' – famílias sénior do norte e centro da Europa em busca de estadia permanente ou de longa duração durante as estações menos quentes; b) 'short break local' – habitantes do mercado ibérico que pretendem restabelecer forças durante o fim-de-semana numa casa ou hotel; c) 'negócios' – profissionais em congressos ou *workshops* oriundos de toda a Europa; d) 'short-medium breaks' – casa para famílias que escolhem a qualidade ambiental para as suas férias, vindos de toda a Europa; e) 'activo/natureza' – turistas em viagem pelos pontos histórico-culturais e de riqueza natural única (PPHB, 2007: 111).

O empreendimento turístico São Lourenço do Barrocal assenta na transformação do espaço agrário num espaço de uso múltiplo, no qual a economia de exploração agro-pastoril se articula com a introdução da exploração turística.

O conceito para o desenvolvimento deste projecto selecciona como principais recursos a paisagem, a arqueologia, a agricultura e a economia do processo, colocando-os desde o início no mesmo nível de interacção. O Turismo é aqui lido como "o modo de permanência num contexto em acção: a possibilidade de estar, assimilar e experimentar um lugar aonde a Agricultura e a Pastorícia se fazem como actividade produtiva há milhares de anos" (PPHB, 2007: 51).

A vontade de sentir novamente o pulsar de uma Herdade alentejana em actividade, quase inexistente desde as últimas décadas do século XX, partiu de José António Uva, actual presidente da Associação de Promotores do Alqueva e filho da proprietária Maria do Carmo Martins Pereira, que junto com os seus sócios propuseram o desenvolvimento e consolidação do uso do solo, instalado nesta paisagem há milhares de anos, bem como na construção de habitat em circunstâncias historicamente diferenciadas e reconhecidas através do uso turístico. O que começou por ser a mera reabilitação do Monte para turismo de habitação em espaço rural, passou a ser um projecto muito mais vasto com um conceito bem mais abrangente e integrado para o desenvolvimento paisagístico da herdade. Esta mudança de perspectiva só foi possível devido a todas as possibilidades de desenvolvimento regional promovidas pelo 'empreendimento de fins múltiplos do Alqueva' e toda a logística a ele inerente.

O usufruto de uma arquitectura contemporânea coerente e neutra relativamente a uma paisagem agrícola posiciona o empreendimento turístico da Herdade do Barrocal no mercado do turismo exclusivo europeu. No sentido de retirar o máximo partido de uma forte componente cultural, associada à excelência dos serviços hoteleiros e de saúde sustentados em formação qualificada e em sistemas de tecnologias especializados, os promotores do empreendimento associaram-se ao grupo empresarial Aquapura, Hotels, Resorts e Spa (consórcio internacional de promoção turística com um projecto no Vale Abraão, no Douro, e com outros projectos em estudo no Brasil, Macedónia, Itália, entre outros). Desta parceria construir-se-á numa fase futura, no local da actual pedreira de exploração de granito, uma unidade hoteleira e um spa de cinco estrelas com 70 quartos (PPHB, 2007: 111 e 112).

Para além do hotel e spa, estão previstos também um aldeamento turístico de cinco estrelas com 156 unidades de habitação (distribuídas por cinco núcleos distintos), um centro de conferências, um centro hípico, um centro náutico, uma adega e um lagar de azeite. Constituindo o cerne do empreendimento, o projecto de reabilitação do Monte histórico da herdade far-se-á na primeira fase juntamente com a obra de infra-estruturas, que deve começar a ser construída em 2011. O projecto será desenvolvido ao longo de sete fases e conta com a certificação ambiental pelas suas características de génese e pelo fornecimento de energias renováveis, entre elas a solar, a geotérmica e biomassa.

O programa em desenvolvimento proposto para a Herdade do Barrocal está sobretudo direccionado, como já foi referido, para o mercado de luxo ou exclusivo, e abrange os segmentos estratégicos 'Sénior/Saúde' (residencial,

saúde, desporto, cultural), 'Negócios/Short Breaks' (centro de conferências, spa) e 'Activo/Natureza' (aventura, ecoturismo, ambiental, enoturismo, etc.) (PPHB, 2007: 111).

O projecto procura revelar uma lógica de ocupação, assente na identidade do lugar e na relação simbiótica entre um sistema agrícola e a economia do turismo, distinguindo-se claramente de modelos comerciais seguidos em alguns empreendimentos turísticos, que utilizam campos de golfe como principal atracção. Esta distinção é nítida no que concerne ao envolvimento com a população local e nas permanentes trocas culturais que se virão a estabelecer.

Neste contexto, desde 2004 que têm sido organizados *workshops* de fotografia pelos promotores do projecto, com o intuito de constituir um levantamento fotográfico da transformação paisagística daquele lugar, da acção do tempo e da vontade humana. Estes eventos iniciaram o projecto cultural do Barrocal, que pretende vir a ser um estímulo para as comunidades locais. A segunda fase deste projecto passa pela criação de residências de trabalho para artistas de artes plásticas e a criação de um centro de estudos para o património arqueológico do Alentejo no Monte da Herdade. Os serviços educativos serão programados ao longo de todo o ano. Pretende-se ainda que o centro cultural esteja permanentemente articulado com as demais actividades do centro comunitário, nomeadamente a área comercial e de lazer pública, mercado hortícola da herdade, loja de vinhos, casa de chá, restaurante, biblioteca e espaço para crianças (PPHB, 2007: 112).

O Núcleo de Arqueologia tem como principal objectivo aprofundar o conhecimento das diversas fases da ocupação humana deste território, dando assim continuidade aos trabalhos arqueológicos ao longo da implementação dos diversos projectos do empreendimento e garantir a monitorização de todas as actividades e, consequentemente, salvaguardar a integridade dos vestígios arqueológicos.

Para o centro comunitário que ocupará o actual Monte estão previstas as seguintes infra-estruturas: recepção do empreendimento, loja, salão de estar, sala de exposições, sala de conferências, sala de jogos, restaurante/bar, serviços administrativos do condomínio, biblioteca/sala de leitura, núcleo museológico, núcleo de olaria, alojamento de pessoal e guardas, posto de primeiros socorros, espaço infantil, canil/gatil, picadeiro coberto com tribuna, boxes para cavalos, sala de arreios, sala de duchas, casa do ferrador e posto veterinário (PPHB, 2007: 58).

No que se refere ao desenvolvimento agrícola o projecto prevê recuperar a tendência de usos dominantes agro-pastoris em regime de montado de azinho sobre prados permanentes a desenvolver, e a intensificação nos melhores solos da vinha e do olival após regeneração dos mesmos. Nas zonas de mata, para além dos usos turísticos previstos nas clareiras das barrocas, é proposta a reabilitação da actividade apícola (PPHB, 2007: 55).

Espera-se que a Herdade continue a desenvolver a sua actividade na agricultura e pecuária, nomeadamente em cereais (trigo e aveia), azeitonas, uvas, bovinos e cavalos de raça Lusitana. Os bovinos e as culturas arvenses estão actualmente certificados como produtos de agricultura biológica. Produtos como as uvas e as azeitonas são entregues à Cooperativa Agrícola de Reguengos de Monsaraz, dando origem a uma vasta gama de vinhos e azeites premiados.

As áreas de pastoreio serão ajustadas ao novo plano e colocar-se-ão bebedouros em todas as cercas de pastoreio de modo a evitar a circulação diária do gado entre cercas. Esporadicamente o pastoreio será feito nas áreas afectas ao turismo, com a finalidade de garantir a manutenção e limpeza dos solos.

A área da vinha será duplicada de 8 para 15 ha para igualar a produção de uvas brancas e tintas. Os 60 ha de olival serão re-enxertados e drenados para melhorar a sua eficiência produtiva. Quanto à horta, pretende-se reactivar a sua produção, de forma biológica (PPHB, 2007: 56).

O incremento da capacidade produtiva está relacionado com a criação de uma marca própria da Herdade articulada com o projecto turístico. A comercialização dos seus produtos far-se-á maioritariamente na loja do Monte/centro comunitário, mas também para o exterior através de diversos canais de distribuição.

O centro náutico irá localizar-se junto da barragem das Lameiras, no acesso ao plano de água do Alqueva. Está previsto um conjunto de *boat-houses* para albergar embarcações que estão ao serviço de utentes do conjunto turístico do Barrocal. O aluguer de embarcações inclui um navegador credenciado e oferece um programa variado de rotas para passeios e desportos náuticos (PPHB, 2007: 112).

Este empreendimento turístico prevê um investimento de 90 milhões de euros, numa primeira fase, e a criação de 200 postos de trabalho directos, sendo que cerca de 169 postos servirão a actividade turística, 15 para a actividade agrícola e 20 para as actividades no Monte.

O projecto do empreendimento turístico integrado desenvolvido para a propriedade designada por Herdade do Mercador tem sido promovido pela empresa Sousa Cunhal SGPS SA. Constituída em 2000, a Sousa Cunhal “pretende ser um grupo de referência na área da exploração agro-silvo-pecuária, contribuindo para o desenvolvimento social e económico sustentado das regiões onde está inserida, para maximizar o valor para os accionistas e para assegurar a valorização pessoal e profissional dos seus colaboradores” (<http://www.sousacunhal.pt>). Para além da produção de bens agrícolas, pecuários e derivados (segundo práticas biológicas), esta empresa está a fortalecer a sua acção na área dos serviços, nomeadamente no ecoturismo e no turismo sustentável, com o intuito de garantir ao consumidor produtos que se distingam e valorizem pela sua qualidade intrínseca.

O projecto turístico do Mercador, em fase de desenvolvimento do Plano de Urbanização, contempla um conjunto integrado, com hotel, seis aldeamentos turísticos, um centro náutico com apartamentos turísticos e áreas para entretenimento e lazer, que se localizam ao longo dos cerca de 280 ha, 35% da área total da propriedade que não se encontra submersa pela albufeira (EP, 2005: 1).

O conceito de desenvolvimento proposto para esta propriedade foi baseado no estudo elaborado pela empresa Deloitte Consulting, que estabelece como prioridade “potenciar a diferenciação e a valorização do projecto turístico” através da qualidade intrínseca dos serviços turísticos a prestar, da qualidade ambiental garantida pela construção e gestão sustentável e a qualidade urbanística, arquitectónica e paisagística do empreendimento (EP, 2005: 4). Deste modo, recorrendo a técnicas arquitectónicas e de construção adequadas para que os impactos no

meio ambiente sejam mínimos, pretende-se o desenvolvimento de um conceito integrado, num território onde a sustentabilidade ambiental e paisagística assume posição primordial.

O conceito integrado ao qual se aspira neste projecto está assente em quatro referências centrais: a singularidade, a excelência, a relação com a água e a genuidade (Neoturris, 2008: 63).

A singularidade prende-se com a localização relativamente ao plano de água, à envolvente rural associada ao Monte e à relação com as Vilas de Mourão e Monsaraz. Estabelece-se também a partir da possibilidade de estar numa relação harmoniosa com o meio envolvente, tanto rural/tradicional como urbano/contemporâneo (novo modelo de povoamento introduzido com o empreendimento turístico e novas actividades) e com a divulgação de uma imagem/marca única, bem enquadrada com a tipologia de mercado alvo.

A excelência do projecto estabelece-se a partir da exigência de uma oferta de bens que corresponda às principais tendências da procura, da qualidade de todo o serviço prestado, do compromisso por parte de todos os intervenientes para o sucesso do mesmo e da maximização contínua da experiência, bem como da avaliação sistemática da experiência dos seus utilizadores (residentes, turistas ou visitantes).

Apoiado na relação com a água, que funciona como veículo de transmissão de tranquilidade, o projecto que se desenvolve junto à albufeira do Alqueva apoia-se no desenvolvimento e operação de spa de referência, que proporcione experiências em harmonia com a natureza.

No que respeita à genuidade, o projecto garante características ímpares e diferenciadoras, pois constitui um elemento de continuidade “sofisticada” na paisagem. A história e a génese cultural da Herdade devem reflectir-se não só na arquitectura, na utilização de produtos e modos de fazer locais, como também ao nível do *marketing* e *merchandising*. É proposto o desenvolvimento de uma componente agrícola que integre vinha, olival ou outras culturas locais, e que sirva de ponto de apoio ao empreendimento. É esperado ainda um forte envolvimento com a população local, desenvolvendo um diálogo e uma participação contínuos com a administração pública, as empresas locais e a população. A utilização do centro cultural será crucial para o envolvimento da comunidade local com o empreendimento (Neoturris, 2008: 67).

Relativamente à envolvente socioeconómica do projecto podem destacar-se como principais vantagens, no que respeita à sua localização, a distância a poucas horas relativamente a vários centros urbanos portugueses e espanhóis, a proximidade de alguns dos principais eixos viários, do aeroporto de Lisboa e do futuro aeroporto de Beja e a proximidade a outros empreendimentos turísticos projectados para a zona envolvente ao Alqueva. Contudo, existem constrangimentos que podem vir a ser suprimidos a longo prazo, nomeadamente o facto de a região ser ainda um destino turístico com fraca notoriedade a nível internacional (apesar de Évora ser considerada património mundial reconhecido pela UNESCO), tal como a marca ‘Alqueva’ enquanto destino turístico, ou o facto de haver a possível oferta simultânea de um vasto número de empreendimentos turístico-imobiliários.

Segundo a Deloitte Consulting, o impacto socioeconómico de um projecto com estas características poderá ser muito importante no contexto regional, primeiramente no que respeita à criação de emprego, prevendo-se 70

postos de trabalho (20 no hotel, 10 nos aldeamentos turísticos, 15 na zona de entretenimento e lazer, 20 no clube náutico e 5 para outros serviços). Em segundo lugar o volume de investimento directo associado a este empreendimento será sempre superior a 35 milhões de euros. Em terceiro lugar, no que respeita às receitas turísticas associadas ao projecto, prevê-se que estejam na ordem dos 6.5 milhões de euros ao ano, não incluindo o gasto com o alojamento turístico, valor calculado assumindo a despesa média por turista de 1400 euros ao dia e uma taxa de ocupação anual de 50% para as mil camas previstas neste cenário. Este valor subirá substancialmente se forem incluídos os gastos dos visitantes que não pernoitam na Herdade, mas que dela fazem uso durante o dia. Por último, relativamente aos vários efeitos socioeconómicos, directos e induzidos, que o desenvolvimento deste projecto pode representar para a região, pode-se dizer que a população presente no concelho pode atingir um aumento de 30%, o que condicionará a fixação da população local, o desenvolvimento de estabelecimentos de restauração e pequeno comércio, a criação de postos de trabalho e atracção de emprego qualificado, a preservação da cultura e produtos locais e a exposição mediática de sentido positivo (EP, 2005: 21 e 22).

A grande variedade de equipamentos que são previstos para a Herdade do Mercador destina-se a promover alguns dos produtos turísticos que o PENT pretende desenvolver, nomeadamente a gastronomia e vinho, o *touring* cultural e paisagístico, a saúde e bem-estar, o turismo residencial, o turismo de natureza, o golfe ou o turismo náutico.

Considerando a dinâmica e a localização do mercado turístico, existem, segundo a previsão da Neoturis, vários segmentos que serão geradores de procura para as diversas valências do projecto, entre os quais o segmento 'Lazer e Desporto' e o segmento 'Corporate/Negócios'. Ao primeiro sector podem associar-se actividades como o golfe, o *touring*, a náutica, o spa ou a equitação, já actividades como reuniões, incentivos, eventos, congressos, convenções e seminários estarão incorporadas no segundo sector (Neoturis, 2008: 40).

O golfe poderá impulsionar a promoção da componente imobiliária do Alqueva e do projecto Herdade do Mercador, possibilidade que pode ser corroborada pelos seguintes argumentos: "a envolvente rural e cultural do empreendimento permitirá a criação de experiências diferenciadas e diferenciadoras; beneficia da relativa proximidade ao aeroporto para o mercado internacional, contribuindo a fácil acessibilidade para a sua competitividade; beneficia da oferta ainda considerada escassa na região; beneficiará no futuro do desenvolvimento de outros campos de golfe em empreendimentos semelhantes; e beneficiará da integração num empreendimento com uma grande variedade de oferta de alojamento turístico permitindo o desenvolvimento de *packages* e eventos" (Neoturis, 2008: 50). No entanto, existem à partida algumas desvantagens sobretudo relacionadas com a inexistência de um destino turístico de golfe associado ao Alentejo, o reduzido mercado habitacional residente, a incapacidade de utilização dos campos de golfe no período mais seco do ano e o provável aumento da oferta não acompanhado pelo aumento da procura que levará a uma competição pelo preço, o que conduz a uma qualidade mais precária (Neoturis, 2008: 50).

Para a Herdade do Mercador é pretendido um projecto turístico de dimensão singular, com condições para atenuar as ameaças associadas à sazonalidade e motivação mono-produto da procura, e que tire partido do enquadramento paisagístico proporcionado por Monsaraz e Mourão, pelos Montes, montados e planícies alentejanas e da proximidade ao plano de água da albufeira. Um projecto que se comprometa também com a questão ambiental e os respectivos factores de valorização e diferenciação, que se prendem com a avaliação global dos impactos durante o processo de concepção, a qualidade a sustentabilidade da arquitectura, a integração e valorização paisagística, a minimização e compensação dos impactos associados, a gestão de resíduos e a gestão eficiente de energia.

#### 4. modelo arquitectónico e de paisagem

*«O propósito da arte não é reproduzir ou inventar umas formas, mas captar determinadas forças. A arquitectura, para além de as captar, tem de as organizar, de descobrir a sua essência e as suas possibilidades de uso. Da mesma forma que a arquitectura, a arte acaba por depender da paisagem que a envolve, porque ensina a dialogar com o contexto. Na actualidade, a intervenção na paisagem é uma necessidade que dá forma à cultura moderna. A paisagem e a arte tornaram-se instrumentos através dos quais é possível representar uma ideia de espaço que envolva corpo e mente»*  
(Lucas, 2006: 20)

| 76

A atitude projectual depende da compreensão de um conjunto vasto de dimensões tão essenciais como o entendimento da realidade física do espaço em causa, do contexto histórico-cultural da sua formação, da transformação da sua envolvente, ou das simbólicas e significados determinados pelas vivências de cada tempo. Só assim se pode esperar que os lugares a intervir possam vir a oferecer leituras pertinentes, susceptíveis de permitir a sua efectiva reapropriação. A construção da paisagem é assim condicionada por um processo de percepção pessoal do sítio, em que as características específicas deste são determinadas na concepção de lugares que possam ser referenciáveis.

Neste contexto torna-se clara a distinção entre paisagem como experiência perceptiva e construção cultural, e o lugar como sítio a partir do qual se vive essa mesma experiência.

É no lugar que o homem constrói a sua vida e marca a sua presença. Para Norberg-Schulz, o lugar é “uma totalidade formada por coisas concretas com substância material, forma, textura e cor. Juntas, estas coisas determinam um ‘carácter ambiental’ que é a essência do lugar” (Norberg-Schulz, 1980: 6). O contexto ecológico tem extrema importância na construção antrópica, mas o “conceito de ‘habitar’ é mais lato, excede esta influência, englobando o *Genius Loci* ou o ‘espírito do lugar’ que confere a esse lugar um carácter que o distingue de todos os outros” (Magalhães, 2001: 237).

O objectivo primordial da Arquitectura é transformar um sítio num lugar, revelando os sentidos potenciais que estão presentes *a priori* num dado meio. O lugar criado tem associada uma estrutura, cuja principal característica é a de encerrar as propriedades formais do sistema de relações que se encontram para além do próprio lugar.

Este não pode resultar de acontecimentos arbitrários provocados por políticas desintegradas nem pelos ditames da economia (Magalhães, 2001: 239).

A perspectiva estruturalista, desenvolvida nos anos 60 do século XX, defende que qualquer realidade é susceptível de ser descrita por estruturas ou temas básicos, que correspondem aos aspectos mais essenciais dessa mesma realidade (Montaner, 1999: 72). O único modo de ter a percepção da evolução contínua da realidade passa por identificar essas estruturas básicas que ligam o passado ao futuro (Raposo, 2000: 28). Esta teoria veio impulsionar a transposição do pensamento de Karl Popper (1902-1994) para a arquitectura. Popper ao defender que a inovação resulta de uma continuidade histórica, em detrimento de uma força asséptica ligada ao acto criativo e vontade de transformação do novo absoluto que os modernistas adoptavam, contribuiu para cimentar “a ideia de que uma atitude projectual para ser inovadora, terá que ter todo um legado histórico como referência, devendo, por isso, enquadrar-se numa perspectiva de continuidade com o passado” (Raposo, 2000: 29).

O projecto tem que passar necessariamente pela interpretação criativa do passado, que é eleito como ponto de partida para a criação de uma nova condição que evidencie a história e o ‘espírito do lugar’.

Outro conceito muito importante para o desenvolvimento de um projecto é o de ‘memória colectiva’. O arquitecto paisagista francês Bernard Lassus (1929-) tem procurado a identidade da paisagem com base numa retrospectiva histórica, no sentido de esclarecer o relacionamento do homem com a paisagem e a sua transformação como resultado da expressão cultural. Para este autor, a paisagem resulta da sobreposição de vários níveis históricos, cuja combinação determina a identidade e carácter intrínseco de cada lugar. Qualquer intervenção na paisagem deverá respeitar os princípios histórico-culturais que estiveram inerentes ao seu processo de transformação, pois só através do conhecimento de objectos e formas de construção ocorridas no passado e associadas ao imaginário colectivo, se podem construir paisagens significativas e auto-referenciáveis. Lassus afirma que a apreensão do lugar não pode ser fixa no tempo e que o projecto não deve ser uma “adjunção sucessiva de novas partes, mas (...) uma sucessão de restrições no mesmo espaço, de reinterpretações” (Lassus, 1998: 71), é por isto que as intervenções contemporâneas têm de recuperar necessariamente a dimensão cultural mais universal da paisagem – o imaginário colectivo dos lugares.

O projectista tem de encontrar no próprio espaço a inspiração para conceitos e opções espaciais que irá desenvolver. O projecto deve ser contextualizante, dando continuidade ao espaço e ao tempo, fazendo uma efectiva ligação com as características do lugar. A ideia de concepção como interpretação do sítio permite trabalhar as especificidades do lugar, da história, da morfologia, da ecologia, do símbolo, do imaginário colectivo e da relação com a envolvente, enfatizando a singularidade do lugar e as qualidades que o tornam distinto de todos os outros. O recurso à ‘memória colectiva’, só poderá fazer-se por analogia, adaptação e transformação do contexto histórico, especialmente através de uma reinvenção dessa memória. Deste modo, “a revisão crítica da tradição revela ter uma multiplicidade de possibilidades inovadoras” (Raposo, 2000: 47).

Neste sentido, há que ter em conta que a história da paisagem e das sociedades que nela habitam revela uma continuidade e uma coerência de necessidades que, sempre com base no conhecimento preexistente, nos apresentam ao longo do tempo novas possibilidades de utilização e recombinação das mesmas matérias-primas, que se traduzem nas diferentes expressões que conhecemos das marcas ou sinais deixados no território.

Os sinais constituem um sistema de codificação que é proveniente das acções que os indivíduos exercem sobre o território, ou seja, destas acções resultam marcas directa ou indirectamente impressas no território, que vão ganhando significados para todos os que o percorrem e que codificam aspectos da inevitável relação que todos une (Nunes, 2006: 24).

O sistema de sinais corresponde ao tecido composto pelas entidades materiais e imateriais de diferentes tipologias, apreendidas a diferentes escalas da paisagem. Os sinais resultam do funcionamento de uma série de processos naturais e culturais, que constituem os vectores das forças que actuam no território. Este universo de sinais revela um mapa de marcas deixadas pelas comunidades humana, faunística e florística, nos respectivos territórios que as suportam. Deste modo, as marcas são o produto das relações continuamente renovadas das comunidades com o meio ambiente, ao longo do tempo e no espaço (Marques, 2005: 9).

Paisagem significa o conjunto de marcas deixadas no território pelas várias comunidades, traduz-se não só pela representação complexa dos processos em acção num determinado território, mas também “pela representação que cada um de nós constrói de tudo isso através de uma leitura condicionada por filtros como a cultura, meio e hábitos nos impõem e organizada através de uma interpretação condicionada pelos mesmos filtros” (Nunes, 2006: 28). Inerente à paisagem está o conceito tempo, isto significa que a paisagem depende de uma “velocidade de funcionamento, de um processo, de transformações, de mecanismos de interacção entre comunidades diferentes que compartilham o mesmo território (...), [de uma dinâmica], da efemeridade de cada estado, de cada condição, da contínua vontade de imprimir no território as marcas correspondentes às convicções dos Homens em cada momento, em cada contexto” (Nunes, 2009: 60).

A paisagem deve ser entendida como um sistema complexo e dinâmico, no qual factores naturais e culturais se influenciam mutuamente, evoluindo e determinando a sua estrutura global, ao mesmo tempo que são determinados por ela. Estes factores são condicionados, como já foi referido, pelas marcas que se sobrepõem ao longo do tempo, pela construção colectiva da identidade, pelo sistema de descodificação, processo de leitura e interpretação, que todos os indivíduos fazem e pelo processo transformativo da imagem que têm.

Paisagem representa uma entidade activa e em transformação constante, que resulta da hibridação entre a natureza, a arquitectura, a tecnologia e o contexto em que se desenvolve, sujeitando continuamente novas ampliações e reinvenções do território. Remete para uma estrutura contínua na qual é possível operar através da gestão de diversas actividades, acontecimentos e movimentos. A sua superfície converte-se num sistema que relaciona todas as actividades que suporta, num autêntico campo de energia, numa membrana dinâmica e sensível (Galofaro, 2007: 165).

Considerando a paisagem no seu sentido mais genérico, aquele que assenta em factores territoriais, como o substrato geológico, o uso do solo, a vegetação, o tipo de povoamento ou o local geográfico, é importante ter em conta em qualquer projecto que a conservação destes factores será possivelmente um dos contributos mais relevantes para a promoção de um desenvolvimento sustentável. Conservar a paisagem implica conhecer e compreender a sua identidade ou carácter, sobretudo aos níveis da diversidade, da qualidade e da fragilidade, como também planear e gerir. Significa ainda envolvimento, responsabilização, inovação e contemporaneidade (Andresen, 2002).

O conceito de conservação não deve ser lido como uma acção estática e protectora dos diferentes factores perante a realidade, mas sim como uma atitude consciente perante as características tipológicas e topológicas por detrás do projecto.

À escala dos planos deve seguir-se uma metodologia de planeamento baseada no conceito de organização do território que deve implicar a definição de estruturas permanentes que permitam assegurar a efectiva articulação entre as ocorrências naturais e os elementos construídos na 'Estrutura Global da Paisagem'. Este tipo de estruturas refere-se àquelas que constituem os sistemas fundamentais ao suporte e desenvolvimento sustentável da vivência humana, nomeadamente a 'Estrutura Ecológica' ligada a áreas de maior sensibilidade biofísica e a 'Estrutura Edificada' associada ao espaço construído (Magalhães, 2001: 429 e 430).

Assim, a organização territorial implica a definição das estruturas permanentes que permitem assegurar a efectiva articulação entre as ocorrências naturais e os elementos construídos. Este modo de intervir é realizado através do conceito de 'Morfologia da Paisagem' que se pode entender como a forma da paisagem que decorre das suas estruturas. Esta ferramenta permite interpretar o território e a articulação de exigências de natureza funcional e espacial, resultando da fixação de elementos permanentes fundamentais (Estrutura Ecológica), conciliando-os com áreas que se situam nos interstícios desses elementos/estruturas, nos quais as características da paisagem apresentam menores exigências do ponto de vista do seu funcionamento ecológico. Estas áreas que apresentam potencialidades para uma utilização mais flexível do território, tanto na forma como no uso, e que permitem absorver a necessidade de adaptação e de transformação inerente à vivência antrópica e ao consequente desenvolvimento territorial são designadas por 'Áreas Complementares' (Magalhães, 2001).

Para além do conceito de estrutura, também o conceito de 'complexidade' pode ser extremamente útil na intervenção na paisagem. Este conceito admite, em determinadas fases do processo de concepção, a atitude fenomenológica, que permita uma auto-regulação processada com o exterior e não apenas uma auto-regulação com a própria estrutura. Entende-se por fenomenologia uma corrente filosófica, com origem em Husserl (1859-1938) e reelaborada por Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), que define como objectivo compatibilizar as componentes objectivas e subjectivas do espaço, partindo do pressuposto de que existe um conhecimento profundamente intrínseco e que é construído pela mente e não apreendido exclusivamente pela experiência (Magalhães, 2001: 273). A integração do conceito 'complexidade' permite ir para além da abordagem estrutural, mesmo que a tenha por

base fundamental, o que possibilita o seu enriquecimento e desenvolvimento. Enquanto uma metodologia estritamente estruturalista, gera uma estrutura, em que os espaços intersticiais estão para além dessa estrutura, a introdução da 'complexidade' do desenho e dos seus conteúdos gera mais oportunidades de usufruto da paisagem, já que torna possível a sobreposição de várias estruturas, elementos e padrões.

No contexto do desenvolvimento sustentável, a paisagem tem sido comumente referida como factor-chave, uma vez que é vista como a entidade que: estabelece a ponte entre duas leituras do mundo, uma centrada nas comunidades e culturas, e outra centrada na natureza e nos seus sistemas; introduz a noção de tempo na compreensão do ambiente; se define à escala adequada que permita a participação na definição e implementação de instrumentos e políticas; tem um significado popular com o qual é mais directa a sensibilização do público.

No contexto do desenvolvimento turístico previsto para o Alqueva, o conceito da sustentabilidade é um tópico absolutamente fundamental para a sua aceitação por parte das entidades que aprovam os projectos, e para a própria sobrevivência destas mesmas acções de transformação. Por outro lado sustentabilidade significa, neste contexto, não só um equilíbrio na sua dimensão ecológica, como cultural e criativa, uma vez que só assim estes projectos poderão ser socialmente relevantes e economicamente competitivos.

De seguida irão ser analisados os projectos seleccionados como casos de estudo tendo como suporte as ideias desenvolvidas pelos autores dos projectos, que foram evoluindo à medida que surgia a vontade dos clientes de revalorizar o seu património, a consolidação da parceria entre o sistema político e económico para a sua concretização, e as várias fases projectuais que os planos determinavam.

Possivelmente as ideias irão continuar a evoluir até à fase da execução dos projectos na sua incomensurável vastidão territorial. Ficam aqui descritas aquelas que estão definidas nos planos e no estudo prévio elaborado para um determinado espaço da Herdade do Barrocal.

Na reconstrução dos lugares das Herdades São Lourenço do Barrocal e do Mercador a paisagem foi sempre assumida com espaço e o fenómeno onde ocorrem todos os factos e processos dela própria. A sua estrutura, tipologia e dinâmica são interpretadas como reflexo dos restantes factores ou recursos, estando assim disponível para ser transformada à luz da alteração da economia do lugar, mas sempre a partir do entendimento não-linear do processo histórico e económico que a determinou.

Os desenhos resultantes passaram, na sua essência, por actos criativos elucidados pelo conhecimento dos sistemas naturais e culturais e motivado pelos seus estados, limites ou constrangimentos, bem como da análise de um conjunto de referências exteriores que de uma forma mais explícita ou mais implícita, foram ajudando a construir possibilidades de projecto definindo possibilidades do habitar numa paisagem ainda por estabilizar.

O desenvolvimento desta tese pressupõe a leitura e análise destes vários elementos, identificando assim o processo de projecto de uma forma mais abrangente e rica, convocando algumas referências de outros projectos ou de outras paisagens (espacial ou temporalmente distintas daquela que hoje se conhece no Alqueva) que permitem compreender melhor os projectos em desenvolvimento.

## *Herdade São Lourenço do Barrocal*

Esta herdade, situada a 3 km de Monsaraz e a menos de 1 km da aldeia de Motrinos, é ainda hoje caracterizada pelos seus solos franco-arenosos e pela florestação de baixa densidade constituída maioritariamente por conjuntos de olivais e azinheiras e pelo seu sub-solo abundante em granito. O Monte do Barrocal posiciona-se numa encosta suave, onde se reconhece o espírito do lugar eleito, que a sua construção materializa como centro, e que demarca um domínio isolado sobre o extenso território que a rodeia. Neste território subsiste uma dimensão de exploração económica relacionada com práticas silvo-pastoris associadas ao montado, agrícolas, em que o Monte ainda se demarca como centro activo de apoio à produção, e com práticas associadas à exploração de inertes numa pedreira ainda em actividade.

O plano de água do Alqueva não submergiu qualquer área dos 778 ha desta herdade, apesar da sua presença se fazer notar nas linhas de cumeada e zonas envolventes. A presença física da albufeira somente no limite sul da propriedade determina uma posição privilegiada, que embora periférica, pode tirar todo o partido da sua existência através da economia do turismo, sem perder o fundo produtivo que ainda a caracteriza.

O projecto concorre para o desenvolvimento e consolidação do uso do solo, procurando revelar uma lógica de ocupação assente na identidade do lugar e na relação simbiótica entre o sistema agrícola e a economia do turismo, na qual se expressa como determinante uma arquitectura contemporânea coerente e neutra relativamente a uma paisagem agro-silvo-pastoril.

O modelo arquitectónico e de paisagem aqui desenvolvido assenta sobretudo em princípios de base ecológica, que conciliem a conservação dos recursos fundamentais existentes, como o solo e a água como potenciadores dos processos ecológicos fundamentais, designadamente a infiltração, a fertilidade ou o teor em matéria orgânica como activadores da biodiversidade florística e faunística, com os objectivos de desenvolvimento económico associado à actividade turística e de lazer.

O facto desta paisagem já ser um lugar consolidado permitiu o desenvolvimento de um modelo arquitectónico e de paisagem sustentado pela reinterpretação dos sinais da paisagem nas suas componentes históricas, arqueológicas, culturais e naturais. A leitura destes sinais (ver **figuras a e k da peça gráfica 15**) permitiu identificar formas diferenciadas de ocupação e práticas culturais que imprimiram marcas estruturais na paisagem. Através destas foi revelada uma lógica de fixação das diferentes comunidades humanas e respectiva tecnologia e a consequente transformação da paisagem natural. Neste sentido, o tempo e as espacialidades constituem o conteúdo e as principais matérias de reflexão sobre as quais a reinvenção desta paisagem se operou. Trata-se sobretudo de um modelo arquitectónico e paisagístico que prima pela reinvenção da presença de sinais da presença antrópica ancestral quase desaparecidos e descontextualizados numa nova paisagem cultural.

Esta abordagem projectual foi crucial para cumprir o objectivo de preservar o valor cultural da paisagem. Com base em estudos arqueológicos e várias prospecções no local foi possível saber ler na paisagem os seus diversos momentos temporais, compreender o contexto cultural que determinou a selecção dos espaços a apropriar ou a

reapropriar em cada tempo, sentir a força dos aspectos imateriais que definem as reutilizações ou a permanência de usos nesta paisagem, reconhecer nos aspectos visíveis a imaterialidade que definiu a forma material que assumiram esses vestígios, construídos com um fim e uma linguagem em cada tempo e, muitas vezes, vividos de forma diferente em cada momento.

A interpretação dos sinais da paisagem do Barrocal descreve uma evolução no modelo de ocupação do espaço em função da apropriação humana dos recursos disponíveis. Um dos recursos mais imponentes nesta paisagem é a pedra granítica, que emerge à superfície do solo sob a forma de grandes afloramentos rochosos. O topónimo Barrocal evidencia precisamente a importância dos afloramentos graníticos como marca genética mais significativa desta paisagem.

Neste contexto, o reconhecimento do Alentejo Central como espaço apropriável ocorreu há cerca de 7500 anos com a chegada dos primeiros grupos de pastores e agricultores – comunidades mesolíticas – vindos do litoral e dos estuários dos grandes rios, muito provavelmente dos limites superiores dos antigos estuários do Tejo e do Sado (PPHB, 2007: 17). Esta paisagem seria fechada, com florestas e matagais.

A partir deste momento estabeleceram-se nesta paisagem duas maneiras distintas de habitar o território e de conceber o espaço, o nomadismo e o sedentarismo. Estas desenvolviam-se de forma dual, isto é, pela oposição e pela dependência. Este antagonismo desvanecia-se quando os pastores e os agricultores necessitavam de trocar os seus produtos num espaço híbrido, de partilha cultural e religiosa.

O espaço sedentário é um espaço mais denso, sólido e cheio. Em contrapartida, o espaço nómada pode ser considerado um espaço vazio. O signo mais estável no vazio é a linha sinuosa desenhada no território entre os diversos pontos através da qual as comunidades se movimentam – o caminho – lugar simbólico onde se desenrolava a vida da comunidade. O caminho constituía assim o primeiro signo antrópico capaz de revelar uma ordem artificial nos territórios do caos natural. O que começou por ser um espaço irracional e casuístico, baseado no carácter concreto da experiência material, tornou-se lentamente num espaço racional e geométrico, gerado pela abstracção do pensamento. O espaço multidireccionado da natureza converteu-se num espaço ordenado de acordo com as direcções principais mais destacadas no vazio: a do sol e a do horizonte (Careri, 2002: 50).

A persistência da lógica da paisagem neolítica e das formas de a habitar, nómada e sedentária, nesta herdade é evidente por vários motivos. O primeiro é a existência de um menir (ver **figuras c e d da peça gráfica 15**) que marca o ponto onde se unem os dois caminhos rurais (E-W e N-S) que parecem estruturar a transitabilidade do território da herdade. Actualmente, este eixo (ver **figura b da peça gráfica 15**), com centralidade no menir, é muito mais vincado do que qualquer outro eixo ou cruzar de caminhos, mesmo os que passam pelo actual centro de actividade da herdade, o monte. O menir foi provavelmente o eixo estruturante do povoamento neolítico, correspondendo possivelmente a uma das funções ou significados que eram atribuídos a estes elementos: a de *axis-mundi* (PPHB, 2007: 21).

O menir é um elemento na paisagem que pela sua magnificência, pelo sentido de sagrado na sua presença na relação com o contexto, constitui uma marca que sobrevive à sua função e ao seu significado. Mesmo que o seu significado original se tenha perdido no tempo e seja justificado por meras especulações, a sua presença e o eco do seu sentido conseguem chegar à contemporaneidade.

De facto, é provável que muitos menires cumprissem mais do que uma função em simultâneo. Poderiam estar ligados ao culto da fertilidade da terra e do sol, como agente regulador das estações do ano, ou assinalar lugares funerários onde estavam sepultados heróis lendários, ou lugares onde se sentia uma energia superior, ou lugares associados a nascentes de água ou até constituírem a delimitação de propriedade.

Outro significado atribuído ao menir prende-se com a estabilização da direcção vertical, já que assim seria possível uma melhor percepção do percurso do sol durante o dia, o que até aí só era perceptível nos momentos mais próximos da linha do horizonte, a aurora e o crepúsculo.

Os menires podem ser reconhecidos como suportes nos quais se inscreviam figuras simbólicas, ou como elementos através dos quais se podiam construir arquitectonicamente a paisagem, podendo ser através de pontos (menires isolados), linhas (alinhamentos de menires) e superfícies (cromeleque – menires dispostos em círculo), ou como sinais com os quais se podia descrever o território, ou seja, elementos que revelavam a geometria do lugar, podendo descrever a sua estrutura física como também o seu uso produtivo ou místico-religioso (Careri, 2002: 55).

É também provável que os menires funcionassem como um sistema de orientação territorial facilmente reconhecível e decifrável para quem conhecia a sua linguagem. O que evidencia esta constatação é o facto de inúmeros menires estarem dispostos adjacientemente a grandes vias de circulação.

Pela sua enorme dimensão, os menires constituíram a primeira acção colectiva de transformação física da paisagem. Uma acção que implicava a rotação de noventa graus e a fixação ao solo de uma pedra gigante impôs uma acção conjunta de inúmeras tribos bastante numerosas. Esta consideração conduz à hipótese de que a localização dos menires ocorria em territórios neutros, de múltipla pertença. As zonas onde se construía estas obras megalíticas podiam ser uma espécie de santuários aos quais se dirigiam os povos que viviam nas zonas circundantes em ocasiões de culto e festividades, ou podiam constituir lugares de descanso para os nómadas de diversas proveniências que se dedicavam ao pastoreio durante o ano e, em especial, durante as épocas das transumâncias.

No Barrocal os indícios dos povoados das fases mais antigas do neolítico local distribuem-se maioritariamente junto aos grandes afloramentos graníticos que pontuam, em arco, as cabeceiras da ribeira do Vargel, afluente da margem direita do Guadiana, num território onde o menir parece ser o elemento fundador.

Numa escala mais vasta, na geografia neolítica do Alentejo, o menir do Barrocal ocupa uma posição muito especial, uma vez que, tal como os outros menires da área, se implanta sobre um dos caminhos naturais entre o Guadiana e o único ponto em que se tocam as bacias dos três grandes rios do Sul, localizado nos arredores de Évora, e também porque este elemento se alinha equinocialmente com o cabeço de Monsaraz, em articulação com o

recinto do Monte da Ribeira e com os menires e povoado dos Perdigões (PPHB, 2007: 22). O significado da posição equinocial pode ter sido reforçado pela existência de alinhamentos geológicos genericamente coincidentes com essa linha. É de salientar que este monólito de granito é o maior exemplar da região com cerca de 5,60 m de comprimento, tendo a forma de lâmina de punhal, com gravuras na metade distal (Calado, 2008) (ver **figuras c e d da peça gráfica 15**).

Outro motivo pelo qual a forma de habitar no período neolítico condicionou a transformação da paisagem do Alentejo foi a transição para o sedentarismo. Os povoados mais antigos foram-se instalando junto aos afloramentos graníticos mais destacados, formando frequentemente pequenos abrigos entre os caos de blocos, preferencialmente nas zonas de cumeada, isto é, nas zonas das cabeceiras das bacias hidrográficas. Estes povos mudaram profundamente o modo de vida tradicional, o que “implicou, muito provavelmente, tensões e rupturas e desencadeou mecanismos de fissão e competição que permitem compreender, até certo ponto, a sincronia entre a ocupação do Alentejo interior e a emergência da monumentalidade megalítica” (PPHB, 2007: 17). O tema gráfico mais utilizado nos menires alentejanos remete-nos para esta mudança significativa do modo de viver, representa o báculo, símbolo da domesticação dos animais e, naturalmente, do modo de vida camponês.

As antas ou dolmens constituem arquitecturas funerárias e as marcas mais recorrentes do neolítico nesta paisagem (ver **figuras f, g, h, i e j da peça gráfica 15**). Só na Herdade do Barrocal estão 14 antas registadas desde os anos 40 do passado século. Destas apenas 12 foram relocizadas e duas outras, inéditas, descoberta no contexto das prospecções efectuadas no âmbito da caracterização das características e o potencial arqueológico da área envolvente do menir do Barrocal. Pelo menos uma das antas desapareceu devido à acção na pedreira, e as restantes ainda existentes apresentam diversas dimensões e tipologias, muitas delas difíceis de avaliar, quer por terem servido de maroiços, quer por estarem cobertas por vegetação arbustiva ou arbórea. Estes elementos aparecem dispersos, constituindo uma malha relativamente regular um pouco por toda a propriedade. A conservação destes elementos ao longo do tempo tem sido muito precária, a sua degradação ocorreu sobretudo nos períodos de produção mais intensa da propriedade, nomeadamente através das despedregas mecânicas para libertar solo para a produção agrícola e da exploração da pedreira.

Na herdade encontraram-se também vestígios de habitat que corroboram a relação conceptual entre as antas e o menir e os afloramentos graníticos mais proeminentes, um deles está associado ao ‘santuário’ (rocha mãe da qual foi extraído o menir), cujo significado cultural completa e contextualiza as arquitecturas megalíticas (ver **figura e da peça gráfica 15**).

Através da fotografia aérea são perceptíveis diversos sinais de compartimentação, de forma poligonal, circular ou rectangular, cujo perímetro é geralmente acompanhado por fiadas de oliveiras antigas, que apesar de não ter sido ainda possível determinar o seu período de construção, constituem marcas emblemáticas das funções agrícolas e pecuárias que há muito se estabeleceram neste território (ver **figuras m e o da peça gráfica 15**).

No período romano, em meados do século II a.C., o Barrocal voltou a ser objecto de uma ocupação intensa, relativamente complexa e diferenciada da que ocorrera até então. Os vestígios encontrados revelam a presença da *pars urbana* de uma *villa* na margem direita da ribeira do Vargel, a jusante da barragem (ver **figura l** da **peça gráfica 15**). Nas margens da ribeira, em redor deste núcleo, prevalecem restos de estruturas que correspondem aos edifícios agro-pecuários que estavam associados às *villae* romanas (ver **figura n** da **peça gráfica 15**). Em termos geológicos, enquanto o povoamento neolítico ocupa a mancha granítica na proximidade dos afloramentos mais destacados, o povoamento romano concentra-se na linha de contacto com a área de xistos a SE. Em termos hidrográficos, enquanto o povoamento neolítico do Barrocal se fixou nas cabeceiras da ribeira do Vargel, a *villa* romana estabeleceu-se na área onde se reúnem as várias linhas de água que dão origem à referida ribeira. Essa ocupação organizou-se precisamente a jusante de uma barragem por eles construída, junto à qual se localiza actualmente a barragem principal da herdade (ver **figura q** da **peça gráfica 15**). A disponibilidade de água corrente seria essencial à instalação das elites romanas em meio rural, por razões higiénicas e culturais (PPHB, 2007: 27).

O modelo de ocupação territorial romano privilegia o aproveitamento do fundo do vale como lugar preferencial para instalar o habitat na proximidade dos recursos hídricos convenientemente ordenados e o claro domínio dos solos de melhor capacidade para culturas anuais, a jusante do vale das Lameiras, e dos solos a montante com capacidade para culturas permanentes, pastoreio e mata claramente marcados pela enorme dispersão de oliveiras e zambujeiros em padrões legíveis, ou de azinheiras e matos altos em afloramentos rochosos.

Em época medieval, o Barrocal deve ter constituído um território periférico em relação à vila de Monsaraz, uma vez que a instabilidade política e social condicionavam a concentração das populações em urbes fortificadas, o que explica a escassez de vestígios na propriedade deste período. Contudo, a localização da horta murada em articulação com um sistema de poços, noras e caleiras, evidenciam a dinâmica agrícola que nesta época começava a ser potenciada (ver **figura p** da **peça gráfica 15**).

Na época moderna e contemporânea desenvolveu-se o regime de grande propriedade rural de que o Barrocal, tal como é hoje apreendido, é um excelente exemplo. Nos séculos XIX e XX os seus proprietários desempenharam um enorme esforço de transformação e actualização tecnológica da produção agrícola. Construiu-se o Monte que alberga inúmeras estruturas fundamentais para o desenvolvimento agrícola (ver **figuras r** e **s** da **peça gráfica 15**). Houve uma intensificação na instalação de culturas permanentes em larga escala, como o olival e a vinha que ocupam as manchas de solos com maior produtividade, e na introdução da actividade pecuária mais efectiva na extensão da restante propriedade em regime de montado de azinho e oliveira. O vale das Lameiras continuou a ser ocupado por culturas anuais em regime moderado intensivo com recurso a equipamentos mecanizados, o que se traduz actualmente numa vasta extensão sem coberto arbóreo. Hoje encontram-se por toda a área da propriedade largas manchas de solo muito empobrecido no seu fundo de fertilidade, resultado da exploração limite do solo ao longo do século XX através da sistemática rotação de culturas arvenses sob montado (PPHB, 2007: 52).

Nos vários períodos históricos da evolução da paisagem do Barrocal o povoamento fez-se cumprindo princípios que perduram até hoje, o melhor exemplo desta afirmação prende-se com o caminho ao longo do festo que atravessa a área de intervenção no sentido E-W, que permaneceu como elemento estruturante e que estabeleceu o ponto de instalação do Monte no século XIX.

Com base na descodificação da paisagem do Barrocal ao longo do tempo os vários projectistas e intervenientes na elaboração do Plano de Pormenor, nomeadamente João Gomes da Silva que assegurou a coordenação dos trabalhos, estabeleceram vários pressupostos para a conjugação articulada da exploração do recurso solo, enquanto suporte produtivo da actividade agro-pastoril, com o recurso paisagem, enquanto suporte biofísico e cultural da actividade turística.

A hipótese de trabalho decorreu da avaliação dos espaços com maior vocação e capacidade de uso agro-pastoril, quais os que teriam vocação e capacidade de uso turístico, quais os espaços com maior sensibilidade ecológica, e determinar uma distribuição e reorganização espacial que afirme uma economia viável de reabilitação e exploração do espaço da Herdade, e um padrão de ordenamento da paisagem compatível com o contexto em que se insere (PPHB, 2007: 51).

Para desenvolver o modelo de paisagem proposto houve a necessidade de perceber o que tem sido feito a nível mundial no que respeita a projectos em paisagens com especificidades similares à do Barrocal e com objectivos transformativos idênticos. O melhor exemplo encontrado foi o projecto *Sea Ranch* construído ao longo de cerca de 16 km da costa *Sonoma*, no norte da Califórnia. A preservação e evolução integrada do ecossistema base deste projecto foram sustentadas por um plano desenvolvido pelo arquitecto paisagista Lawrence Halprin.

A identidade desta paisagem, junto ao oceano Pacífico, mais do que estar associada aos factores geológicos, orográficos, ou de ocupação por determinadas comunidades florísticas e faunísticas, está sobretudo ligada às práticas agro-pastoris que há muito tempo nela se desenvolvem.

Com o plano proposto pretendeu-se valorizar todas as vantagens das características inatas desta paisagem, promovendo composições que evidenciassem a sua base ecológica e ampliassem o alcance e a escala da envolvência dos elementos 'naturais' relativamente aos construídos (ver **figuras a e c da peça gráfica 16**). Com o intuito de construir um novo habitat com o fim de ocupação turístico-residencial, em vez de se ter dividido a propriedade em diversas secções, subdividindo-a em lotes privados, foi fomentado um modelo acima de tudo relacionado com a forma do território e as potencialidades que se poderiam alcançar com a relação de uma determinada casa com a sua envolvente. Grupos de casas foram construídos ao longo desta paisagem quase como se tratassem de obras de arte ou esculturas, tirando o máximo partido do '*genius loci*' (ver **figuras b, d e e da peça gráfica 16**). Todas as infra-estruturas, como as vias de acesso, foram pensadas, compõem e fazem parte do sentido do desenho concebido, não se restringem apenas à sua utilidade enquanto base estrutural do empreendimento.

O conceito chave do *Sea Ranch* estabelece-se nos seguintes princípios: a identidade da paisagem deve sempre permanecer; os elementos construídos a ela adicionados devem sempre complementar essa identidade (Lyndon e Alinder, 2004: 19).

Neste contexto e atendendo às especificidades da paisagem do Barrocal, o modelo de povoamento proposto para a Herdade contraria a tipologia de povoamento que o PROZEA e outros planos superiores definiram para os empreendimentos turísticos, que previa povoamentos mais concentrados à imagem do que acontece nos aglomerados urbanos do Alentejo e, provavelmente, nos montes. Deste modo, a proposta do PPHB reafirma a clara intenção de ocupação dos espaços ancestrais que carregam consigo toda uma significação antropológica ligada à consolidação do povoamento desta região, nomeadamente ao longo das principais cumeadas em aproveitamento das zonas pedregosas. Estes adquirem um papel fundamental para o próprio conceito do empreendimento, o qual se constrói a partir dos assentamentos primordiais desta região.

O modelo de paisagem para a Herdade do Barrocal assenta na localização segregada das arquitecturas que suportam os usos turístico, cultural e agrícola, relativamente aos espaços agrícolas e de pastoreio, que evidencia o prolongamento da regra de construção paisagística desde o Neolítico, à luz do que foi descrito pelos arqueólogos envolvidos no estudo deste território e dos seus sinais patrimoniais que garantem o entendimento relativamente ao tempo e ao lugar (ver **figura a da peça gráfica 17**).

No que respeita ao ordenamento da paisagem prevê-se o incremento da estrutura ecológica considerada de baixa e média biodiversidade, desenvolvendo os padrões de paisagem em mosaico policultural como substrato de montado em regime agro-pastoril e repovoar as zonas pedregosas com a mata de azinhal (PPHB, 2007: 52). Assim, a maior parte da área da herdade será ocupada por folhas de pastoreio em prado permanente sob montado pouco denso, que serão exploradas por manejo do gado em itinerância ao longo do ano conforme o teor de água no solo e a produção de biomassa.

A estrutura ecológica prevista para o Barrocal identifica as componentes do sistema seco e do sistema húmido da paisagem. Os elementos estruturantes do sistema seco correspondem às quatro manchas de Mata do Carvalho Persistente da zona continental, seca e quente, e às manchas de mata de protecção das zonas com riscos de erosão e os complementares aos corredores de sebes de compartimentação existentes ou a instalar em limites de parcelas ou caminhos. O sistema húmido é composto pelas galerias ripícolas existentes e a instalar nas margens da ribeira do Vargel, e os núcleos residuais de Mata Ribeirinha que envolvem as margens de acumulação de água, que constituem os corredores ecológicos que interligam o sistema seco com a albufeira da barragem do Alqueva. Este sistema será complementado pela estabilização de uma proto-estrutura ripária nas linhas de drenagem temporárias. A bacia de sedimentação da cabeceira da ribeira do Vargel também constituirá parte da estrutura ecológica, nomeadamente através da regulação do pastoreio e da intensidade do pisoteio pelo gado. Um conjunto de boas práticas que envolvem a consolidação e melhoramento de prados permanentes nas zonas de máxima

infiltração, bem como a regeneração progressiva do coberto de montado, contribuirão para um incremento da estabilização ecológica do reordenamento proposto (PPHB, 2007: 54).

Relativamente à vegetação a implementar, deverá densificar-se os sistemas de vegetação potencial mencionados para o sistema húmido e para o sistema seco. No sistema húmido, ao longo da galeria ripícola da ribeira do Vargel, de jusante para montante, na sua primeira parte densificar ou implementar com os sistemas que vão do Tamargal-salgueiral-amial, na segunda com freixial, na terceira com freixial-carvalho e nas partes terminais com matos sub-ripícolas de murta e pilriteiro. Já no sistema seco, na zona de cabeços e barrocas prevê-se a consolidação e densificação de um sistema de transição entre mata e montado de azinho (PPHB, 2007: 55).

O modelo arquitectónico desenvolvido para o aldeamento turístico, tendo sempre por base o modelo de paisagem proposto, compreende cinco núcleos que ocuparão as zonas com menor aptidão agro-pastoril, tirando o máximo partido da proximidade às barrocas graníticas e da relação visual com a colina de Monsaraz. No sentido da protecção das cabeceiras das linhas de água, reinventa-se a ocupação do lugar de fixação ancestral apoiado numa arquitectura chã assente no terreno de declive mais suave, que respeite a morfologia e a estrutura dos afloramentos/barrocas e salvasse as suas zonas interiores (ver **figura f e g da peça gráfica 16**). A casa deve ser lida e vivida como um prolongamento da barroca, promovendo a continuidade, e deve “cuidar da habitabilidade promovendo uma intensa simbiose entre a natureza, o homem e a sua habitação, princípio fundador das primeiras ocupações deste lugar” (PPHB, 2007: 49).

Estabeleceram-se polígonos de implantação para as referidas casas atendendo à localização das barrocas, que foram determinados pela salvaguarda das zonas mais declivosas e áreas abrangidas pela REN, incluindo desta forma espaço suficiente que não tivesse inerentes problemas de erodibilidade.

Com um total de 156 unidades de alojamento, o referido aldeamento turístico estabelece-se em duas grandes zonas da propriedade com características distintas (ver **figuras a e b da peça gráfica 13**). A primeira, de materialidade granítica, correspondendo aos afloramentos rochosos, às grandes pedras, aos arrifes e às barrocas, subdivide-se em três núcleos de parcelas com diferentes singularidades: o núcleo do Pinheiro, o núcleo dos Arrifes (ver **figura a da peça gráfica 17**) e o núcleo do Agrários. A segunda, que compreende os solos de xisto e argila, será destinada ao núcleo da Barragem.

A Sul da estrada municipal 326, numa zona com solos de argila e xisto, está previsto o núcleo das Lameiras, com um total de sete empreendimentos turísticos na modalidade de meio complementar de alojamento turístico (moradias turísticas).

Os projectos das casas estão a ser desenvolvidos por arquitectos de reconhecido nome, tais como Eduardo Souto Moura, John Pawson, Manuel Aires Mateus, João Pedro Falcão de Campos ou Paulo David, com tipologias que variam entre o T3 e o T5 (ver **figuras c, d, e, f, g, h, i e j da peça gráfica 17**).

Para além do aldeamento turístico, prevê-se a construção de uma unidade hoteleira com cinco estrelas e 70 quartos na pedreira (ver **figura b da peça gráfica 17**) e a reabilitação do Monte do Barrocal como centro comunitário, como também de outras infra-estruturas necessárias aos usos previstos para a propriedade.

O projecto de reabilitação do Monte histórico da herdade em Centro Comunitário está a cargo do arquitecto Souto Moura. Pretende-se a alteração de uma função exclusivamente agrícola para uma função terciária, de fornecimento de serviços e trocas comerciais e culturais, adaptando os edifícios às necessidades actuais. É promovida a adaptação do programa funcional, tipológico e construtivo às edificações existentes, a optimização da funcionalidade de cada edifício e a sua integração no conjunto e a preservação da relação que este tem com a paisagem e as diferentes vivências que promove. O projecto deve manter a fidelidade aos sistemas tradicionais e materiais de construção que lhes estão inerentes, isto é, respeitar o modelo arquitectónico de estilo vernacular, interpretado e edificado de forma simples, pela prática da tradição viva local. Pretende-se que a reabilitação das construções continue a manifestar a persistência de valores intemporais, decorrentes do entendimento das condições climáticas e topográficas, exposição solar e da resistência dos materiais traduzindo aspectos vitais da relação entre o homem e a natureza. É importante ter em conta que a materialidade deste Monte é caracterizada por uma enorme escassez de variedade de meios, pelas diferentes soluções funcionais, formais e estruturais, apresentando, contudo, uma enorme coesão na sua lógica interna, organização e implantação. A terra como recurso natural imediato constituiu o principal material de construção. O barro extraído das suas terras foi prensado em moldes, e transformado em tijolos, mosaicos, e telhas, cozidos em fornos apropriados. As paredes são construídas em alvenaria de tijolo maciço em sucessivas fiadas assentes com argamassa à base de areia, água e um ligante-cal. Com influências árabes, os vãos são cobertos com arcos ou abobadilhadas e o tijolo assume-se como elemento estrutural.

A definição da rede viária interna prevista tem em consideração o carácter rural do lugar, assegurando uma correcta integração na paisagem, adaptando a sua geometria à morfologia do terreno de modo a minimizar a intrusão visual. O acesso aos núcleos turísticos é feito através dos caminhos já existentes, prevendo-se apenas a construção de um pavimento adequado à nova função (PPHB, 2007: 62).

No que respeita à conservação dos monumentos arqueológicos, que deve ser acautelada e potenciada, e à sua apreensão pelos utilizadores do lugar do Barrocal são propostos percursos, cujos trajectos permitam uma leitura transversal do seu território e uma perspectiva de conjunto dos principais tipos de vestígios deixados pelas diversas comunidades que aí se estabeleceram.

O projecto 'Herdade São Lourenço do Barrocal' desenvolver-se-á ao longo de sete fases, sendo a primeira dedicada à obra de infra-estruturas, à requalificação do Monte e à construção de uma das casas do núcleo dos Arrifes.

Para este núcleo, também designado por 'Barrocal dos Arrifes', está a ser elaborada a fase de estudo prévio, sendo que a primeira casa a ser desenvolvida corresponde ao polígono 12. Esta casa está a ser concebida pelo

arquitecto inglês John Pawson, cuja arquitectura se integra entre os blocos de granito e se desenvolve a partir do ponto nuclear deste lugar, um bloco com cerca de 4 m de altura, através do qual se estabelece uma linha focal até Monsaraz. A integração da arquitectura com a paisagem na qual se estabelece é total, e o habitat que se irá formar no interior do arrife parece ficar isolado da restante actividade da propriedade e até mesmo das vivências nas outras casas dentro do mesmo núcleo. Este facto explica-se pela envolveria única garantida pelas barrocas e pelos arrifes, pela topografia, pela vegetação em seu redor e pela implantação estratégica das construções, que podem ampliar o campo visual para os pontos ou panorâmicas de maior valor estético, como é o caso de Monsaraz, das clareiras com prados de sequeiro, das galerias ripícolas ou das charcas, e que o retraem nos casos determinantes para manutenção de um certo isolamento (ver **figuras i e j da peça gráfica 17**).

Na envolveria deste arrife encontram-se duas clareiras, uma a Norte e outra a Sul, que correspondem às cabeceiras aplanadas, onde se estabelecem os troços iniciais de duas linhas de água, afluentes da ribeira do Vargel. O projecto de arquitectura paisagista pretende evidenciar essas existências, densificando as suas orlas e reforçando a existência das linhas de água, quer através do seu entalhe mais aprofundado, quer através da instalação de vegetação ripícola, como matos sub-ripícolas de murta e de pilriteiro e revestimentos herbáceos de, por exemplo, *Narcissus bulbocodium* (campainhas amarelas), *Typha latifolia* (tábua) e *Iris albicans* (lírio branco).

No lado nascente da casa e no pátio da suite (com exposição a Sul), numa zona mais ensombrada pela vegetação arbórea e arbustiva que se estabeleceu neste arrife, prevê-se o revestimento com vegetação herbácea ou subarbustiva hidrófila, nomeadamente com a instalação de musgos como o *Sedum acre*, o *Stytrichia ruralis*, *Ceratodon purpureos* e a *Barbula convoluta*. No lado oposto, a poente, com maior exposição solar, introduzir-se-á um revestimento com vegetação que promova o sistema seco, nomeadamente com *Erica umbelata* (urze), *Halimium halimifolium* (sargaço das areais), *Thymus vulgaris* (tomilho), *Cystus salvifolius* (estevinha), *Rosmarinus officinalis* (alecrim), *Phillyrea angustifolia* (lentisco), *Rhamnus alaternus* (sanguinho das sebes), *Arbutus unedo* (medronheiro) e *Lavandula angustifolia* (rosmaninho). Nas clareiras que ladeiam casa prevê-se a instalação de prado permanente de sequeiro.

O talude com vários amontoados de blocos graníticos onde está prevista a construção do piso térreo com os quartos e os pátios terá de ser consolidado e o substrato arbóreo e arbustivo que sobre ele se estabelece terá de comportar uma acção de limpeza e poda, de forma pormenorizada e ecologicamente adequada, quase escultórica, de modo a criar uma espécie de biombo que permita a penetração de luz, para os pátios e, consequentemente, para os quartos, e que salvguarde alguma privacidade aos mesmos (ver **figura g' da peça gráfica 16**).

O acesso à casa far-se-á através de um caminho, de tipologia de via terciária estipulada pelo PPHB, que se estabelece adjacente à orla da clareira a Norte sobranceira à casa. O seu revestimento será em calçada irregular, com pedra da região, de preferência em aproveitamento da pedra retirada do local durante a fase da construção da casa. Na sobreposição com a linha de água prevê-se a construção de uma passagem hidráulica de modo a garantir a sua preservação. Os trilhos que derivam da casa serão construídos com uma betonilha, igual à

utilizada nos pavimentos interiores, com diversos rasgos para plantações e afloramentos rochosos (ver **figuras m, n, o, p e q** da **peça gráfica 16**).

Em determinados espaços deste lugar, propõe-se ainda localizar peças de design adequado, para usufruto e contemplação da paisagem (escadas, bancos, peças de estadia, etc.), construídos com materiais naturais como a pedra ou a madeira (ver **figuras z, a', b' e c'** da **peça gráfica 16**). Um exemplo projectual para este conceito arquitectónico é o da intervenção em *Punta Pite* no Chile pela arquitecta paisagista Teresa Moller e pelo escultor Gerardo Aristía, na qual a disposição de pedras, plataformas e caminhos de pedra serrada conforma os diferentes lugares de encontro e estadia entre as rochas existentes desde a praia até à parte mais alta da arriba (Moller, 2008: 26–29) (ver **figuras p, d', e' e f** da **peça gráfica 16**).

Próximo do limite inferior do polígono de implantação da casa 12 é proposta a criação de duas charcas e tanques de retenção de água a elas adjacentes, que, com um desenvolvimento morfológico através de taludes, irão permitir a separação entre o pastoreio e a actividade habitacional e recreativa, para além de constituírem mais pontos de abastecimento de água para o gado numa rede dentro das folhas de pastoreio que se quer mais ampla. Estes planos de água constituem elementos determinantes para a promoção de referências na paisagem próxima das casas, que permitem simultaneamente a reflexão da luz, a amenidade microclimática e a promoção da biodiversidade (ver **figuras x e y** da **peça gráfica 16**).

Para controlar ou promover o pasto nas clareiras junto às barrocas e arrifes onde se construirão as casas, é proposto ainda um trabalho de escavação das linhas de água, no primeiro caso, e no segundo a criação de pontos de passagem ao longo das linhas de água e galerias ripícolas. Como imagens referentes para um processo construtivo com tais características teve-se presente a ocupação do território de *Wiltshire*, no sudoeste de Inglaterra, no período neolítico, que se caracterizou por uma preocupação consciente por parte dos seus habitantes em encontrar soluções para uma vivência assente numa base estrutural agro-pecuária, ou seja, numa economia agrária. Em *Avebury* foram edificados um conjunto de lugares significantes que traduzem a capacidade humana transformativa do território. Um destes lugares revela-se através de um grande círculo ritual – *henge* – com 450 metros de diâmetro, que constitui um lugar sagrado bastante singular relativamente à sua envolvente e que é apreendido como “um mundo em si mesmo com a sua própria escala métrica, como acontece mais tarde na cidade” (Albrecht e Benevolo, 1994) (ver **figuras r, s e t** da **peça gráfica 16**). Outro elemento significativo deste conjunto revela-se como um promontório, cujo limite em forma de talude é projectado superiormente para impedir a relação visual entre exterior e interior, construção com um desnível de 17 metros conseguida através da modelação do terreno a partir de uma área aterrada no interior do círculo e uma escavação em seu redor, sob a forma de um fosso (ver **figura u** da **peça gráfica 16**). De igual modo interessante para esta abordagem projectual, surge o exemplo das três grandes valas paralelas de enorme expressividade construídas em igual período histórico, mas no norte do território britânico em *North Yorkshire*, com alinhamentos cujo significado é actualmente pouco esclarecido, mas que acentuam uma barreira geográfica no território (ver **figura v** da **peça gráfica 16**). Outro

exemplo forte que contribui para acentuar uma barreira no plano territorial e que se pretende adaptar à realidade do Barrocal é o do *ha-ha*. O *ha-ha* é genericamente uma escavação construída em espaços pastorícios de forma a condicionar o avanço do gado e a induzir uma percepção visual contínua do terreno, uma vez que, normalmente, ambos os lados mantêm a mesma cota altimétrica. Normalmente o lado da escavação que fica adjacente à área que se quer proteger é murado verticalmente, enquanto o outro é inclinado, formando um talude (ver **figura w da peça gráfica 16**). Este conceito foi desenvolvido também em Inglaterra nos jardins paisagistas do século XVIII por autores como Charles Bridgeman, William Kent ou Capability Brown, em que se formou uma nova síntese através da fusão do jardim e da paisagem agrícola, que até então se mantiveram na maioria dos casos separados – as características da paisagem arquitectónica e da paisagem agrícola quotidiana sobrepuseram-se subtilmente umas sobre as outras, como se a essência visual e espacial da paisagem agrícola se dispusesse e reajustasse de novo, como uma obra de arte (Steenbergen e Reh, 2001: 281).

No estudo prévio para o núcleo do 'Barrocal dos Arrifes' é proposta uma intervenção global semelhante à que foi descrita para o polígono 12, que se caracteriza pelo redefinir e acentuar de clareiras através orlas arbóreo-arbustivas e de alinhamentos arbóreos ao longo de caminhos, e da densificação de manchas de montado de azinho e sobreiro. Os percursos ocorrem perimetralmente através de caminhos de expressão mais significativa para estabelecer o acesso aos diferentes polígonos, assim como à restante propriedade, ou ocorrem através de trilhos mais informais que se direccionam para a albufeira central, ligando os vários pontos de interesse, como as casas, os equipamentos (miradouros, plataformas de estadia, etc.) ou o património arqueológico existente. Estes trilhos desenvolvem-se sobretudo ao longo das várias linhas de água existentes, percorrendo as suas galerias ripícolas e culminando no choupal que envolve a albufeira da ribeira do Vargel. A componente agrícola continua presente, nomeadamente através do melhoramento da área da horta que se desenvolve no limite sul do Monte, assim como a componente pastorícia, uma vez que a maioria das clareiras, as charcas e os tanques continuarão afectos ao gado (ver **figura a da peça gráfica 17**).

Para exemplificar as estratégias que aqui se querem implementar pode-se acrescentar ainda a esta análise mais dois importantes projectos paisagísticos. O primeiro caso de estudo é o do parque de Blenheim localizado perto de Woodstock, em Inglaterra. Com 19km de perímetro e 1100 ha de superfície, este parque começou a ganhar forma no século XVI e o seu jardim paisagista foi finalizado por Landelot 'Capability' Brown (1716-1783), com uma dialéctica formal excepcional (Steenbergen e Reh, 2001: 316-329). O desenho original foi realizado por Henry Wise em colaboração com Sir John Vanbrugh, com alinhamentos rectos e clássicos, onde a simetria predominava. O plano de Brown, feito em 1764, mantém a geometria mas dá especial relevo às formas naturais, nomeadamente pela união dos dois planos de água, dando um significado único à ponte e à unidade visual entre o palácio e a água. Os muros envolventes da propriedade são cuidadosamente ocultos por adensamentos arbóreo-arbustivos e os espaços são cenicamente desenhados (Jellicoe, 1995: 245) (ver **figura h da peça gráfica 16**). Outro exemplo a referir é o projecto levado a cabo por Shlomo Aronson e Keren Kayemet em Israel para o controlo da erosão em

vertentes abruptas de linhas de água – *wadis* – no norte do deserto de Néguev (ver **figura i** da **peça gráfica 16**). A plantação de vegetação autóctone (pinheiros, eucaliptos, ciprestes, tamargueiras, etc.) foi determinante para criar corredores ecológicos para comunidades faunísticas e florísticas, bem como para redefinir fronteiras entre orlas arbóreo-arbustivas e clareiras de prado ou plantações de sequeiro. Esta intervenção com objectivo específico de reduzir a erosão estabelece um acontecimento que interrompe a paisagem do vasto deserto e que cria unidades mais compreensíveis, que enfatizam a morfologia do terreno (Aronson, 2008: 150–153).

### ***Herdade do Mercador***

Perto da fronteira e junto a Mourão está localizada esta herdade, cuja propriedade foi submersa pela albufeira do Alqueva em cerca de 2/3 da sua área, isto é, dos 803 ha restam 280 para o futuro projecto turístico-imobiliário. Muito mais do que na Herdade do Barrocal, a presença do plano de água é condição projectual determinante na Herdade do Mercador. O tema da reinvenção é aqui muito mais crítico, uma vez que as perturbações territoriais implícitas são muito mais desconcertantes num contexto territorial de uma propriedade que perdeu a sua identidade sobretudo ligada às actividades agro-pecuárias muito repentinamente.

O princípio de reflexão subjacente ao modelo arquitectónico e de paisagem apoia-se nas espacialidades resultantes desta perturbação, e nos processos ecológicos fundamentais que se podem continuar a estabelecer ou que se renovam conservando e recuperando os recursos fundamentais como garante de uma infra-estrutura de paisagem equilibrada com uma identidade renovada, que se pretende identificar como suporte para a inscrição espacial do novo programa turístico e económico. Deste modo, o objectivo central do projecto para a Herdade do Mercador é o de assegurar a compatibilização do desenvolvimento da actividade turística e de lazer com os recursos naturais existentes, através da planificação e gestão ambiental em conformidade com o intuito primordial de valorizar e conservar a biodiversidade (ver **figuras a e j** da **peça gráfica 18**).

Após o enchimento da albufeira do Alqueva, o que era produto da actividade agro-pastoril e da escassez hídrica que sempre marcou esta paisagem, transformou-se numa outra condição espacial, de ecologia bastante diferenciada da preexistente, nomeadamente pelo facto do comprimento das bacias hidrográficas ter sido substancialmente reduzido e, sobretudo, pelas alterações ecológicas induzidas pela subida das águas até aos 152m.

O conceito de intervenção proposto concorre para uma solução que garanta em simultâneo o equilíbrio entre o natural metabolismo da nova condição espacial, garantindo respostas equilibradas para questões como a erosão, o escoamento hídrico ou a infiltração, e a nova estrutura edificada que sirva as novas condições de habitabilidade previstas. Neste contexto, “a (re)construção da paisagem do Mercador implicará a definição de áreas de conservação, extensivas, e áreas de uso turístico, de carácter mais intensivo, susceptíveis de gerar espaços de ‘abrigo’: pátios, jardins comuns e jardins privados – onde se condensam os recursos mais limitantes – água e solo – como suporte da qualidade de vida neste lugar” (PUHM, 2009: 16).

O recurso água constitui o elemento fundamental para garantir as condições de amenidade exigidas para a ocupação prevista, e, como tal, deve ser sujeito a uma utilização regrada e concentrada, já que a existência da nova realidade condicionada pelo plano de água bastante próximo, apesar de regularizar o microclima existente não resolve as condicionantes associadas às condições xerofíticas intensas, ditadas pelas condições fisiográficas e climáticas deste lugar. Neste sentido prevê-se que nas áreas privadas das unidades de alojamento e as áreas de utilização comum sejam criados grandes reservatórios de água que garantam o suporte para a criação de referências e condições espaciais associados aos espaços de jardim, bem como forneçam a água necessária para a sua rega, em articulação com um sistema de valas ou canais, que possam recolher as águas provenientes das estações de tratamentos de efluentes produzidos na herdade (ver **figura j** da **peça gráfica 18**). Este sistema de reservatórios e condução de água tem como referência as estratégias utilizadas na tradição islâmica, que é exemplar nas estratégias de captação, armazenamento e reutilização da água destinada à construção da amenidade dos lugares e à preservação da habitabilidade em condições limite. A água constitui o elemento estruturante e dialogante na construção do espaço (PUHM, 2009: 17). Propõe-se ainda a criação de dois diques, que possibilitarão o armazenamento de água nas extremidades dos regolfos da albufeira. Só através destes se viabilizará a existência de planos de água permanentes, mesmo em períodos de seca, que não deixem a descoberto as áreas de marnel, garantindo desta forma a proximidade da água em relação à maioria dos núcleos construídos e o seu usufruto visual e físico (ver **figuras a, f e j** da **peça gráfica 18**).

Uma hipótese de organização do espaço colocada pelos arquitectos paisagistas, coordenados por João Gomes da Silva, que não foi totalmente admitida pelo cliente foi a de implementar uma matriz, ou um cadastro, que permitiria reconhecer o parcelamento a instalar neste espaço, condição que se justaporia à organicidade e à geomorfologia da distribuição das áreas de conservação (ver **figuras f e g** da **peça gráfica 18**). Este cadastro teria como referência a centurição romana, cuja malha permitiria reconhecer espacialmente as áreas privadas em contraste com as áreas extensivas de conservação, justapondo-se topograficamente ao território através de diferentes rotações (ver **figuras h e i** da **peça gráfica 18**), e permitiria ainda uma regra e disciplina de organização da implementação do plano. Contudo, alguns conceitos permaneceram e o suporte para a construção das tipologias de espaços exteriores associados ao programa edificado far-se-á através de uma matriz que se adapte de igual modo ao substrato espacial e que se desenvolverá a partir de sebes arbustivas e ou arbóreas, valas de drenagem e redes de percursos (ver **figuras j e k** da **peça gráfica 18**).

A proposta de definição de uma estrutura ecológica foi determinante para garantir, nesta área projectual, a protecção e preservação dos valores presentes e a possibilidade de criar abertura, num espaço tão condicionado, para a efectiva possibilidade de ocupação e uso turístico do espaço (PUHM, 2009: 12). Só desta forma foi possível institucionalmente a transição de algumas áreas actualmente sob regimes como a REN e a RAN para uma estrutura secundária que, assegurando a manutenção do seu valor, possibilitasse uma maior permissividade de usos.

A partir da definição da estrutura ecológica e de um programa ajustado ao lugar do Mercador definiu-se a seguinte estrutura e tipologia de paisagem: estrutura ecológica principal (EEP) com mata de protecção e conservação das áreas de encosta (vegetação xerofítica como o azinhal e o sobreiral para estabilização do solo e consequente redução da sua erodibilidade), mata higrófila de protecção do plano de água e vales (salgueiral, juncal e tamargal para estabilização das margens e conservação hídrica) e prado existente; estrutura ecológica secundária (EES) com mata de protecção e conservação de áreas planálticas (pinhal manso para protecção ao vento e regularização microclimática), culturas agrícolas (vinha e pomares) e áreas de golfe; aldeamento turístico (AT) com pomares de citrinos, olival, amendoal e vinha; espaço de lazer e serviços e estabelecimento hoteleiro com mata aberta com clareiras em prado. Nos jardins e espaços de produção prevê-se ainda uma estrutura de compartimentação constituída por sebes arbóreo-arbustivas ou arbustivas para divisão dos lotes das *villas* e uma estrutura hídrica com reservatórios de água para rega, piscinas para espaços de uso comum ou para lotes individuais (ver **figura f** da **peça gráfica 18**).

O modelo de ocupação turística proposto para as unidades hoteleiras e residências associadas segue o modelo sugerido pelas entidades de planeamento superiores e praticado na maioria dos projectos equivalentes, associado com o modelo de concentração da edificação actual encontrado nos centros urbanos. Este modelo tradicional, sedimentado no povoamento do território, assente em edificações organizadas de forma nucleada, respeita as características morfológicas e paisagísticas da região alentejana, quer através da conformidade formal, funcional e de materiais, quer através da adaptação das cérceas às características morfológicas dos terrenos.

É prevista uma arquitectura com “uma linguagem assumidamente contemporânea, baseada na reinterpretação do conceito de casas pátio e dos modelos típicos da arquitectura mediterrânica e numa grande interacção com os espaços exteriores e com a paisagem envolvente. Como referências paradigmáticas referem-se as *villae* rústicas romanas, os *riads* marroquinos e as casas-pátio de Mies Van Der Rohe” (PUHM, 2009: 20).

As diversas construções distribuir-se-ão sequencialmente em torno da baía, sendo intercaladas por matas ou galerias ripícolas coincidentes com as várias linhas de água existentes (ver **figura j** da **peça gráfica 18**).

O programa da Herdade do Mercador apresenta como valências: aldeamentos turísticos, unidade hoteleira, centro cultural, spa/centro *wellness*, centro náutico, centro desportivo, adega, heliporto e golfe (nove buracos em articulação com a Herdade das Ferrarias).

O centro náutico corresponderá ao ‘*town center*’ do empreendimento, isto é, o elemento com os pólos de atracção fundamentais ao conjunto turístico. Localiza-se na parte terminal de uma península, a poente do eixo central, e vai albergar, para além do centro náutico, um edifício destinado a infra-estruturas de apoio, como a administração do mesmo, áreas de aprendizagem, oficinas de manutenção, enfermaria e áreas de comércio e restauração, e ainda um parque de estacionamento. Devido às grandes extensões de área de marnel que virão a ocorrer ocasionalmente a optimização da acostagem nestes períodos foi determinante para a sua localização. Deste modo, é proposto “um pontão, localizado sobre uma linha de vale submersa, que funcionará como um canal

de navegação natural, possibilitando a navegação e a acostagem de embarcações, na condição que o nível mínimo do plano de água da albufeira seja de 130 m" (PUHM, 2009: 22).

A sul do eixo central do empreendimento está prevista a implantação de um 'Hotel Boutique' com 60 quartos, que privilegia a relação visual com Monsaraz e com o plano de água. A sua arquitectura deve articular-se a vários níveis com a morfologia do terreno, promovendo uma contínua interacção com o espaço exterior.

A proposta dos aldeamentos turísticos determina uma organização em núcleos independentes, que privilegie a relação de proximidade com o plano de água, tendo sempre em conta a salvaguarda das zonas de conservação e da estrutura ecológica, as relações visuais com a envolvente e a adequação às pendentes naturais do terreno, com o objectivo de minimizar as operações de movimento de terras. A sistemática alternância entre espaços cheios e vazios é uma condição que pode ser conseguida através da tipologia de edificação designada por casa-pátio. Através desta tipologia será possível obter um tecido edificado homogéneo, fluido e de grande interacção com a paisagem, bem como recuperar um conjunto de características arquitectónicas tipicamente mediterrânicas, que garante um comportamento físico e energético de uma grande eficácia face às condições climáticas deste território, proporcionando o grau de conforto e sofisticação do habitar contemporâneo.

Estas unidades de alojamento podem ser moradias de maior dimensão (>250 m<sup>2</sup> de área construtiva) com propriedade privativa com área de 1000 a 6000 m<sup>2</sup>, onde se estabelecerão jardins com pomares mediterrânicos, que podem incluir vinha. Estes elementos permitem que "através da utilização turística (sustentada) destes espaços se recree a paisagem sem questionar aspectos fundamentais da sua identidade, [para além de promoverem] a produção de produtos rurais individualizados (ex: azeite e vinho), reforçando-se a sustentabilidade económica da proposta através da sua compatibilização com a utilização turística" (PUHM, 2009: 24). Genericamente estas moradias serão organizadas num piso térreo, só se podendo adoptar por dois pisos em casos muito especiais de enquadramento.

Podem também ser moradias com uma dimensão mais reduzida, não mais que 250 m<sup>2</sup>, com uma zona envolvente de uso privado mais limitada, estando integradas num amplo jardim comum com piscinas comunitárias. Para estas moradias já estão previstos dois pisos.

A rede de circulação dentro da herdade poderá ser feita através de: uma via principal, que liga os diversos conjuntos de habitações; vias secundárias de distribuição que fazem o acesso aos conjuntos habitacionais; vias pedonais dispersas pela herdade de modo a possibilitar o acesso a todos os pontos; ciclovias que passarão nos principais pontos da herdade e dos seus conjuntos turísticos (ver **figuras f e j da peça gráfica 18**). Irá construir-se um novo eixo viário que possibilite a acessibilidade e interligação entre as várias áreas do empreendimento, que se desenvolverá em torno da baía e que possibilitará um percurso panorâmico sobre o plano de água. Este adaptar-se-á planimetricamente à morfologia do terreno e terá de extensão na sua totalidade cerca de 6000 m, de uma extremidade à outra da herdade. O projecto contempla ainda a criação de um percurso ribeirinho, pedonal e ciclável, adjacente ao eixo viário referido, que também estabelecerá a ligação entre os vários núcleos construídos e permitirá o atravessamento dos diques e passadiços propostos.

Os paradigmas actuais de gestão da paisagem visam a manutenção de um carácter próprio a cada paisagem, reconhecendo que o mesmo não pode ser estático e que evolui ao longo do tempo. A manutenção dessa identidade passa pelo respeito da herança colectiva do passado, que deve ser combinada com transformações motivadas por funções que desapareceram, outras que se mantêm e novas que se definem. As mudanças devem resultar de opções conscientes, permitindo que se mantenha a especificidade intrínseca e própria que identifica o lugar, fundamentadas num conhecimento integrado das várias componentes da paisagem, no envolvimento dos vários actores e em decisões conscientes, segundo critérios transparentes.

Numa paisagem com a dinâmica de mudança que se reconhece na paisagem do Alqueva é indispensável encontrar sistemas de planeamento que consigam perspectivar a intervenção na paisagem e que reconheçam os elementos fundamentais que assegurem a integridade ecológica e a identidade cultural do seu território, para que se encontrem metodologias de intervenção inovadoras, capazes de orientar as transformações inevitáveis, sem comprometer as características ecológicas e culturais que conferem a singularidade ao seu território.

O Alqueva pertence a um território rural, com especificidades únicas ao nível das características biofísicas e antrópicas, como é o caso das extensas planícies raramente recortadas por galerias ripícolas ou sebes de compartimentação, e da realidade espacial material e imaterial, de que são exemplo os montados, os montes, a arquitectura vernacular, as artes e ofícios tradicionais, a gastronomia ou as tradições populares, uma paisagem com uma identidade única que interessa revalorizar e potenciar através de várias valências, das quais o desenvolvimento do turismo tem sido o mais recorrente nas opções estratégicas tomadas.

Com o desenvolvimento do empreendimento de fins múltiplos do Alqueva, um dos objectivos primordiais da sua execução, que era o desenvolvimento da actividade agrícola, tem sido protelado pelos agentes decisores do país e da região, uma vez que tem sido potenciado um modelo de desenvolvimento em que a agricultura é relativizada e apenas tida como imagem de promoção turística, como produto da indústria do turismo.

A generalidade dos projectos perspectivados e iniciativas de desenvolvimento territorial para a região são promovidas por actores a ela externos ou pelos proprietários das grandes propriedades e evidenciam uma ruptura entre estas e as populações locais. Deste modo, tem vindo a ser preconizado um modelo que privilegia em exclusivo a perspectiva territorial no contexto dos recursos biofísicos e patrimoniais, em detrimento das efectivas possibilidades de desenvolvimento de uma região, que é considerada das mais subdesenvolvidas da Europa.

Está prevista uma intensa transformação pela urbanização da zona envolvente ao Alqueva, através da edificação de projectos de grandes dimensões com ocupação de grandes manchas territoriais, que à partida estariam afectas a áreas de conservação de recursos naturais como os da RAN ou da REN. A sua edificação mesmo estando sujeita a medidas de minimização do impacto ambiental, não deixará de imprimir novas mudanças no suporte territorial face à elevada carga que está prevista. Estão em causa extensas áreas de montado de azinho

adulto em bom estado vegetativo, que desempenham funções ecológicas vitais principalmente no que se refere ao controlo da erosão e desertificação do solo, e que serão substituídas por centenas de hectares de campos de golfe, que constituem uma tipologia de ocupação territorial bastante questionável quanto ao seu valor estratégico e fundamental para o desenvolvimento regional, tendo em conta os inúmeros cenários que apontam para graves carências do recurso água a médio longo prazo. No entanto acho que há uma série de projectos que, por uma questão de imposição legal, ou por opção própria, apontam para estratégias de aumento da biodiversidade – estabilizando linhas de água, zonas sujeitas a risco de erosão com a introdução de vegetação adequada que podem promover um interessante contributo ao nível da conservação da natureza – o saldo entre a adição deste tipo de biomassa, e a introdução do golfe, ainda está por calcular a médio longo prazo.

Partindo do pressuposto que perante a vastidão territorial da região alentejana o aproveitamento do Alqueva não esgota qualquer modelo de desenvolvimento, pode passar por estratégia de desenvolvimento potenciar actividades produtivas em algumas zonas e deixando grandes manchas onde se possa privilegiar uma perspectiva territorial de desenvolvimento envolvendo as populações locais, no sentido deste contribuir para revitalizar o tecido social e económico desta região. A actividade turística pode passar por uma das componentes dessa estratégia porque deve contribuir para a melhoria da qualidade de vida das populações locais, por constituir uma fonte potencial de postos de trabalho.

Não há dúvidas de que a actividade turística, quando bem gerida, pode promover alterações culturais determinantes, no sentido da capitalização de uma cultura específica que valorize a diversificação das actividades económicas rurais, bem como a defesa dos seus produtos e da preservação do património edificado. A questão que se coloca prende-se efectivamente com a forma como o turismo é implementado, isto é, perceber como é feita a conjugação entre os interesses locais, económicos e políticos, e a capacidade de suporte e de integração das actividades na paisagem, tendo em conta que os limites são facilmente ultrapassáveis originando situações de ruptura em áreas específicas de maior sensibilidade. A avaliação da capacidade de suporte de cada área deve ser considerada em função das propostas de uso e ocupação do território, ponderando as vocações e os condicionamentos existentes, caso a caso.

Uma análise mais atenta em relação ao modelo institucional seguido para os projectos em desenvolvimento para a zona envolvente ao Alqueva, pelos instrumentos de políticas públicas de ordenamento do território, mostra uma falta de coerência entre os diferentes instrumentos, como a inexistência de uma clara hierarquia, uma insuficiente integração dos objectivos ambientais, sociais e económicos, uma insuficiente articulação entre as equipas que os elaboram e uma deficiente circulação e tratamento cruzado da informação necessária para a produção desses instrumentos. Por outro lado, a metodologia de gestão e acompanhamento desses instrumentos não favorece a sua continuidade no terreno, o que tem como consequência a existência de um baixo grau de implementação, que se traduz em situações de violação e claro incumprimento, em pouco investimento por parte do poder político no

cumprimento em continuidade desses instrumentos (sobretudo quando mudam as equipas de dirigentes das políticas públicas) e numa quase inexistente comunicação dos objectivos dos instrumentos aos principais interessados.

O PROZEA e o POAAP parecem, no geral, bem elaborados e apresentam um conjunto de preocupações válidas, no entanto, todo o seu conteúdo é pouco detalhado talvez devido à escala usada na concretização dos vários desenhos da cartografia que estiveram na base da sua proposta – entre 1:100 000 e 1:250 000 no PROZEA e 1: 50 000 no POAAP. É de referir a qualidade limitada da cartografia que consta nos instrumentos legislativos, que são facilmente consultados através da internet e nos próprios relatórios dos planos, e a impossibilidade de consultar as 22 peças desenhadas que foram elaboradas no âmbito da proposta do plano do PROZEA em instituições como a CCDR do Alentejo, a DGOTDU ou o Instituto do Ambiente, ou através das próprias empresas de consultadoria e engenharia responsáveis pelo seu desenvolvimento, o que traz ao debate a questão se foi mesmo concretizado um estudo tão elaborado e aprofundado, para no fim acabar por constituir um plano generalista e genérico.

O planeamento para o Alqueva, que vem desde a década de 50 do século XX, foi surgindo de uma forma fragmentada e pouco esclarecida, tornando a progressiva transformação do seu território insuficientemente sustentada, talvez porque nunca existiu uma política geral de gestão territorial e uma ideia concertada de paisagem. As políticas que foram sendo desenvolvidas padecem de uma coerência estratégica nacional que seja minimamente convergente. Na verdade, se no âmbito das políticas intergovernamentais europeias se exigem e se impõem parâmetros relativamente rígidos para uma certa convergência, como as imposições da PAC, já ao nível interno essa exigência parece desvanecer-se na acção local. Como se pode explicar a construção da barragem, num contexto em que a dinâmica europeia não potencia uma agricultura com objectivos económicos, como a exploração da vinha, do olival intensivo ou de intensivos arvenses de regadio, mas sim uma agricultura de base territorial, que explore a vocação social, ambiental, e de ordenamento do território? Por outro lado, prevê-se que os futuros sistemas de agricultura biológicos poderão ocupar zonas de agricultura de base territorial, permitindo produções intensivas, desde que biológicas. Estas contradições são só alguns exemplos da absoluta divergência intragovernamental em termos das políticas nacionais.

Neste contexto, considero que as políticas direccionadas para o Alqueva e para a regeneração do seu espaço rural deverão convergir estrategicamente e exigir uma reconfiguração do papel do Estado enquanto agente de desenvolvimento local, que seja capaz de promover e integrar políticas convergentes do ponto de vista estratégico, mas diferenciadoras no que respeita ao seu impacto local. Tendo esta ideia presente, considero os PIN's um mau contributo para uma política estratégica de ordenamento territorial que pretenda convergir simultaneamente para o interesse do bem público e o aprofundamento da democracia.

Os PIN's na área do turismo encaram o património ambiental e cultural como fonte de vantagem competitiva, e, através dos conceitos de projecto sustentável e de desenvolvimento territorial, conseguem facilitar a ocupação de algumas áreas do território que deviam estar reservadas para fins de conservação. A aplicação do termo 'interesse público' não deixa de ser ambígua. É frequente o conflito entre as políticas do ordenamento do

território e o interesse das iniciativas privadas, muitas vezes com finalidades elitistas e de segregação. Nestes casos deveriam prevalecer as normas do ordenamento do território com suposto interesse público, já que geralmente os PIN's são grandes projectos que alteram significativamente o território com características que favorecem o grande promotor em prejuízo dos agentes locais com menos recursos financeiros. A realidade é que os PIN's na área do turismo seleccionam propostas feitas à medida dos interesses privados.

Os PIN's em desenvolvimento no Alqueva, não são excepção ao que atrás foi dito, só assim é possível explicar as desafectações territoriais de montados para estabelecer campos de golfe, justificadas com uma nova estrutura territorial, designada por secundária, de carácter mais permissivo em termos de usos e tipologias de ocupação, que facilmente se sobrepõe à Estrutura Ecológica (que resulta da conjugação da REN e da RAN) ou explicar a possibilidade da edificação, num curto espaço territorial (poucos quilómetros), de vários hotéis de luxo, aldeamentos turísticos, spa's e centros de *wellness*, centros náuticos ou marinhas. Raros são os exemplos que tenham exclusivamente projectos de exploração agrícola associados a projectos culturais e a sua maioria utiliza o recurso paisagem em benefício dos agentes externos – promotores e turistas – sem que se estabeleçam relações de complementaridade e desenvolvimento local.

O papel de disciplinas como a arquitectura paisagista passa por dar uma resposta efectiva ao desenvolvimento territorial em curso, quaisquer que sejam as circunstâncias que o condicionam. Passa por entender que as alterações da paisagem são condicionadas por uma multiplicidade de circunstâncias e condicionantes e que os vários instrumentos de ordenamento do território podem ter a flexibilidade e abertura necessárias para receber todas essas possíveis alterações. As transformações não podem, por si só, ser valoradas à partida como negativas. A atitude projectual terá de passar pela reinvenção do lugar de forma sustentada com uma absoluta consciência das suas características intrínsecas.

O desenvolvimento territorial do Alqueva está actualmente assente num modelo económico que pretende tirar partido da sua localização (distância a poucas horas relativamente a vários centros urbanos portugueses e espanhóis, proximidade de alguns dos principais eixos viários, do aeroporto de Lisboa, do futuro aeroporto de Beja, do futuro aeroporto de Alcochete, do futuro TGV, ...), da agricultura de base territorial, em que se explora a vocação social, ambiental e de ordenamento do território, e da turistificação dos seus recursos e produtos. Este modelo pretende dar resposta ao aumento significativo (entre 8 e 10% ao ano) da procura em relação a lugares de carácter rural e cultura genuínas, de que é um excelente exemplo a paisagem alentejana, e aos novos segmentos de mercado ao nível de proprietários de turismo residencial ou ao nível dos turistas que usufruam dos *resorts* integrados.

Para o sucesso do modelo económico relacionado com o desenvolvimento turístico é importante divulgar a marca Alqueva, através de um eficiente processo de *marketing* e *branding*, enquanto destino de empreendimentos turísticos estruturantes, dar a conhecer a facilidade de acesso aos empreendimentos e à região, responder de forma competitiva e de valor acrescentado em relação à concorrência directa de outros empreendimentos, quebrar

a barreira psicológica da população da área envolvente face ao consumo de equipamentos de lazer nestes espaços.

A concretização acertada de uma cadeia de valor e de um modelo de negócio bem gerido constituem pré-requisitos determinantes para a aprovação de um projecto como PIN. Só com esta condição é possível criar empreendimentos turísticos estruturantes para o território em causa, que envolvem à partida avultados investimentos por parte dos agentes públicos e dos privados.

No que respeita à tipologia de oferta turística, a Herdade do Barrocal ocupa a posição de 'exclusive' uma vez que oferece um empreendimento integrado, em que a arquitectura é coerente e neutra face a uma paisagem onde a actividade agrícola e a arqueologia estabelecem os principais recursos desta paisagem. A utilização do espaço e dos seus recursos é condição de sucesso para a atracção do lugar agrário enquanto espaço de turismo, e da manutenção de um sistema agrícola, de forma simbiótica com a economia do turismo. Assume-se como um projecto inovador, já que foge aos modelos estereotipados dos resorts procurando em todo o processo a identidade do lugar. Para além de oferecer actividades na natureza, da ruralidade e da tradição, oferece a experiência do tempo e do espaço numa profunda relação harmoniosa.

O sucesso do projecto assenta na perspectiva económica que parte do pressuposto de que o turismo pode induzir uma nova dinâmica na manutenção e valorização dos sistemas de produção enquanto práticas culturais que garantem a sustentabilidade da paisagem e a permanência de outros recursos, isto é, trata-se de uma consolidação e requalificação da paisagem existente, susceptível de absorver o novo programa turístico, mantendo as valências agro-silvo-pastoris existentes. O sucesso depende também de um modelo de paisagem seguido que se apoia na continuidade com o existente, assim como nos elementos do sítio como matéria de invenção projectual.

Todas as intervenções programadas recorrem a uma metodologia de investigação e de afirmação e reinvenção da memória sustentada na investigação histórica e na evidenciação de marcas arqueológicas, na qual o reconhecimento das características permanentes da paisagem, entre as quais as formas de povoamento ancestrais, foi determinante para as decisões projectuais tomadas. Outro valor muito importante a acrescentar a este projecto é a proposta de edificar um sistema de relações sociais diversificadas, na continuidade temporal da programação de actividades, associadas aos ciclos climáticos e aos da agricultura, como também ao processo arqueológico, etnográfico e cultural. Este sistema de relações a criar está dependente não só dos promotores e dos turistas e residentes, como também da permanência de trabalhadores associados ao projecto, da comunidade local e dos artistas e investigadores que dele queiram fazer parte. Para fomentar tudo isto o papel que o centro cultural programado virá a desempenhar é extremamente relevante, contribuindo, através de vários programas culturais, serviços educativos e centro de estudos arqueológicos, para o real envolvimento da comunidade local.

Com conteúdos programáticos semelhantes ao nível da economia do processo entre a Herdade do Barrocal e a Herdade do Mercador, o modelo arquitectónico e paisagístico aqui desenvolvido é significativamente diferente do primeiro. No Mercador o plano de água do Alqueva inundou cerca de 2/3 da propriedade original, o que condicionou

uma reinvenção quase total da paisagem existente, quase exclusivamente a partir dos novos programas turísticos e económicos do processo. Perante uma perturbação territorial tão drástica e com poucas referências com a paisagem ancestral, quer em relação aos sistemas de produção quer ao nível do sistema estruturante da propriedade (estrutura edificada e estrutura ecológica), a intervenção projectual passou por uma reflexão muito apoiada em referentes semelhantes a este território, recorrendo ao uso de tipologias e de estratégias de implantação, como é o caso da centurição romana, da cultura mediterrânica, com o absoluto controlo hidráulico, ou das casas-pátio, como conteúdos de construção da nova espacialidade.

É por estas circunstâncias de génese que a Herdade do Mercador pertence a uma outra tipologia de oferta turística, a de 'high market', que prima pela diferenciação e a valorização do projecto turístico através da qualidade intrínseca dos serviços turísticos a prestar, da qualidade ambiental, da qualidade urbanística, arquitectónica e paisagística do empreendimento. Comparativamente à herdade do Barrocal, o modelo de empreendimento seguido para o Mercador é mais comercial e desenraizado ao nível social da comunidade em geral, aposta na continuidade de sistemas agrícolas, como a vinha, o olival e outras culturas mediterrânicas, como produtos exclusivamente turísticos, aposta no recurso campo de golfe como âncora para a sustentabilidade do projecto, bem como nos recursos associados ao plano de água para a promoção de actividades fluviais desportivas, de recreio e lazer.

Ambos os casos de estudo, de uma forma ou de outra, procuram na reinvenção da paisagem uma construção assente na dinâmica dos processos naturais e culturais, como os processos agrícolas, que permite absorver um modelo de turismo integrado e participativo na expressão contemporânea da sociedade. Parecem ultrapassar largamente a escala de intervenção que caracterizou as modalidades de turismo que têm sido desenvolvidas nos últimos anos para a região, já que se relacionam com um novo modelo de turismo emergente assente no potencial paisagístico do território.

O desenvolvimento do Alqueva pode também passar pelo desenvolvimento da actividade turística mas tem que passar sobretudo pelo desenvolvimento integrado das várias actividades territoriais, através de estratégias que saibam ler as assimetrias e perceber como se podem e devem produzir respostas à medida das diversas equações de potencialidades, constrangimentos ou oportunidades. A compreensão de cada vez mais factores é essencial para a apreensão da paisagem rural como um sistema dinâmico, no qual a iniciativa local é a base matricial de todas as actividades que nela assentem. O almejado desenvolvimento só será alcançado quando a intervenção apenas dependa de projectos que estabeleçam parcerias entre os interesses da população e dos investidores e que respeitem os valores da identidade da paisagem.

## referências bibliográficas

- Abreu, Alexandre Cancela d', Correia, Teresa Pinto e Oliveira, Rosário (Coord.), 2004. *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental*, Vol. V, Coleção Estudos 10. DGOTDU, Lisboa.
- Alarcão, Jorge de, in Silva, António Carlos, 1999. *Salvamento Arqueológico no Guadiana*. Memórias d'Odiana – Estudos Arqueológicos do Alqueva, EDIA, Beja. 416 pp
- Albrecht, Beno e Benevolo, Leonardo, 1994. *I confini del paesaggio umano*. Editori Laterza. 142 pp.
- Alfaiate, Maria Teresa Amaro, 2000. *Expressão dos valores do Sítio na Paisagem*. Tese de Doutoramento em Arquitectura Paisagista, Instituto Superior de Agronomia, Lisboa. 225 pp.
- Andresen, T., 2002. "Para a conservação da paisagem" in *Revista Portuguesa de Arquitectos Paisagistas* nº. 3: 10 – 11.
- Araújo, J., Oliveira, J., Conde, A. E Cunha, R., 2000. *Monsaraz e o seu Reguengo*. Fundação Luís de Molina.
- Aronson, Shlomo, 2008. *Landscape&Series: Aridscapes. Proyectar en tierras ásperas y fráguas*. Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona. 215 pp
- Assembleia da República (AR), 2007. *Plano Nacional da Política de Ordenamento do Território*, Lei n.º 58/2007 de 4 de Setembro. D.R. nº 170, Série I.
- Baptista, Fernando oliveira, 1993. *Agricultura, espaço e sociedade rural*. Fora de Texto – Companhia Editorial de Coimbra, Coimbra.
- Baptista, Fernando Oliveira, 1996. "Declínio de um tempo longo", in Joaquim Pais de Brito *et al.*, *O voo do Arado*, Museu Nacional de Etnologia, Instituto Português de Museus/Ministério da Cultura, Lisboa.
- Baptista, Fernando Oliveira, 2008. Colóquio "Máscaras portuguesas: autenticidade e reinvenção", Instituto dos Museus e da Conservação, Museu Nacional de Soares dos Reis.
- Baptista, F. O., Lourenço, F. e Novais, A. M., 2000. *Portugal (Continente) – uma leitura do rural*. Instituto Superior de Agronomia, Lisboa.
- Calado, Manuel, 2008. *Arqueologia da Herdade do Barrocal de São Lourenço. Relatório das prospeções arqueológicas*. GEMA – Grupo de Estudos do Megalitismo Alentejano.
- Caldas, João Castro, 1995. "O empreendimento do Alqueva e a opinião pública" in *VII Congresso sobre o Alentejo. Semeando novos rumos. O Alentejo no limiar do séc. XXI – A diáspora alentejana e os cenários de futuro*. Universidade de Évora. 342 pp
- Caldas, João Castro, 2006. "Água e desenvolvimento. Os territórios de Alqueva." in Maria Lucinda Fonseca (coord.), *Desenvolvimento e Território: Espaços Rurais Pós-Agrícolas e novos Lugares de Turismo e Lazer*. Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Capelo, Jorge e Catry, Filipe, 2007. "Biologia, ecologia e distribuição da azinheira" in Silva, Joaquim Sande (coord.). *Os Montados, Muito para além da História*. Coleção Árvores e Florestas de Portugal, vol. 3, Público, Comunicação Social, SA e Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Lisboa. 247 pp
- Careri, Francesco, 2002. *Landscape&Series: Walkscapes. El andar como práctica estética*. Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona. 203 pp

- Carvalho, João M. B. Silva, 2007. "A caça e os montados de azinho" in Silva, Joaquim Sande (coord.). *Os Montados, Muito para além da História*. Coleção Árvores e Florestas de Portugal, vol. 3, Público, Comunicação Social, SA e Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Lisboa. 247 pp
- Chinita, A., 1995. *Estudo Integrado de Impacte Ambiental do Empreendimento de Alqueva*. S.E.I.A. vol. IB, Relatório Técnico.
- Coelho, Inocêncio Seita, 2007. "A Silvopastorícia, uma perspectiva histórica" in Silva, Joaquim Sande (coord.). *Os Montados, Muito para além da História*. Coleção Árvores e Florestas de Portugal, vol. 3, Público, Comunicação Social, SA e Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Lisboa. 247 pp
- Costa, Augusta e Pereira, Helena, 2007. "Montados e sobreirais: uma espécie, duas perspectivas." in Silva, Joaquim Sande (coord.). *Os Montados, Muito para além da História*. Coleção Árvores e Florestas de Portugal, vol. 3, Público, Comunicação Social, SA e Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Lisboa. 247 pp
- Cunhal, Sousa (investimentos SGPS – S.A.), 2006. *Empreendimento Turístico da Herdade do Mercador – Apresentação INAG*. 37 pp
- Cutileiro, José, 1977. *Ricos e pobres no Alentejo*. Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa. 433 pp
- Estudo Prévio (EP), 2005. *Empreendimento Turístico do Mercador, Mourão. Memória Descritiva*. Coordenação por João Carrilho da Graça, Lisboa. 22 pp
- Galofaro, Luca, 2007. *Land&ScapeSeries: Artsapes. El arte como aproximación al paisaje contemporâneo* (2ª ed. ampliada), Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona. 213 pp
- George, Frederico, Gomes, António Azevedo e Antunes, Alfredo da Mata, 2004. *Arquitectura Popular em Portugal – Zona 5*. Edição da Ordem dos Arquitectos, Lisboa. 121-239 pp
- Guerreiro, João, 2003. "As condições de inovação nas áreas rurais" in Portela, José e Caldas, João Castro (org.). *Portugal Chão*. Celta Editora, Oeiras. 539 pp
- ILM, Leading Sustainable Tourism Group e THR, Asesores en Turismo Hotelaría y Recreación, S.A., 2009. *Alentejo Residential Tourism – Mini Monitor*, Lisboa. 4pp
- Instituto da Água (INAG), 2006. *POAAP – Revisão do Plano de Ordenamento das albufeiras de Alqueva e Pedrogão – 3ª Fase: Estudos de Base*. 159 pp
- Jellicoe, Geoffrey e Susan, 1995. *The landscape of man. Shaping the environment from prehistory to the present day* – 3ª Ed. Thames & Hudson, London. 408 pp
- Lassus, Bernard, 1998. "The Obligation of Invention" in Swaffield, Simon. *Theory in Landscape Architecture*. University of Pennsylvania Press, Philadelphia. 265 pp
- Leisner, G. e V., 1951. *Antas do Concelho de Reguengos de Monsaraz. Estudos e Memórias*. UNIARCH, Instituto Nacional de Investigação Científica, Lisboa.
- Loureiro, Henrique (Dir.), 2010. "Guia de Portugal – Alentejo Interior" in *Expresso nº 1966*: 1-62
- Lucas, Maria Miguel, 2006. "Da fábrica que falece na cidade de Lisboa: modelando a paisagem na pós-modernidade" in *Teleférico – Cais de embarque/Operação transbordo*. Guimarães. 128 pp
- Lyndon, Donlyn e Alinder, Jim, 2004. *The Sea Ranch*. Princeton Architectural Press, Nova Iorque. 304 pp
- Magalhães, Manuela Raposo, 1996. *Morfologia da Paisagem*. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura Paisagista. Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Agronomia, Lisboa. 367 pp

- Magalhães, Manuela Raposo, 2001. *A Arquitectura Paisagista. Morfologia e Complexidade*. Editorial Estampa, Lisboa. 525 pp
- Marques, Joana Amaro David, 2005. *Semiologia da Paisagem*. Relatório do Trabalho de Fim de Curso de Arquitectura Paisagista, Instituto superior de Agronomia, Secção Autónoma de Arquitectura Paisagista, Lisboa. 50 pp
- Martins, Sara e Frazão, Susana, 2008. *PIN – Projecto de Potencial Interesse Nacional*. Trabalho elaborado no âmbito da cadeira de Ordenamento do Território III, Instituto Superior de Agronomia, Lisboa. 20 pp
- Matos, M. I. Norton de, 2008. *Culturas e Discursos Emergentes: da crítica às Manifestações artísticas*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Matos, Vítor, 2002. "O grande lago está a encher" in *Arquitectura e vida*, 25: 18-21
- Mestre, Victor, 2007. "O monte alentejano, uma identidade de raízes ancestrais: contributos para o seu conhecimento e permanência" in Lança, Maria João (Coord.). *Museu da Luz. Olhar o monte alentejano a pretexto de Alqueva*. EDIA, Beja. 164 pp
- Mestre, Victor e Aleixo, Sofia, 2007. "Levantamentos arquitectónicos de montes alentejanos: a Aldeia da Luz" in Lança, Maria João (Coord.). *Museu da Luz. Olhar o monte alentejano a pretexto de Alqueva*. EDIA, Beja. 164 pp
- Ministério do Equipamento, do Planeamento e da Administração do Território, 1999. *Regime Jurídico dos Instrumentos de Gestão Territorial*. Decreto-Lei nº380/99 de 22 de Setembro, D.R. nº 222, Série I-A.
- Moller, Teresa, 2008. "Intervención en punta pite. Chile" in *Paisea – Arquitecturas en el paisaje*, 5: 26-29
- Montaner, Josep Maria, 1999. *Arquitectura e Crítica*. Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona. 160 pp
- Neoturis, Consultoria em Turismo, 2008. *Plano de Urbanização da Herdade do Mercador. Proposta de modelo de desenvolvimento turístico – Volume II-B*. 67 pp
- Norberg-Schulz, Christian, 1980. *Genius Loci. Towards a Phenomenology of Architecture*. Rizzoli, New York. 213 pp
- Nunes, João Ferreira, 2006. "Infraestrutura e Paisagem" in *Arquitectura Ibérica – Sustentabilidade*, 15: 22-37
- Nunes, João Ferreira, 2009. "Duas Linhas" in Costa, Pedro Campos e Louro, Nuno. *Duas Linhas*. Costa/Louro, Pedro Campos/Nuno. 224 pp
- Oliveira, Catarina, 2001. *Lugar e memória. Testemunhos megalíticos e leituras do passado*. Edições Colibri, Lisboa. 139pp
- Pedroso, Paulo, 1998. *Formação e Desenvolvimento Rural*. Celta, Oeiras.
- Pereira, Sebastião Carmo, 2003. "Estudo da paisagem da Luz" in Saraiva, C., Pereira, B. e George, M. J. *Museu da Luz*. EDIA, Luz. 152 pp
- Pickett, S. T. A., White, P. S., 1985. *The Ecology of Natural Disturbance and Patch Dynamics*. Academic Press, San Diego, CA. 472 pp
- Pintado, A. E Barrenechea, E., 1972. *La raya de Portugal. La frontera del subdesarrollo*. Editorial Cuadernos para el Diálogo, S. A., Madrid. 292 pp
- Plano de Pormenor da Herdade do Barrocal (PPHB), 2007. *Relatório*. Coordenação por João Gomes da Silva, Lisboa. 120 pp

- Plano de Urbanização da Herdade do Mercador (PUHM), 2009. *Relatório Geral* (versão provisória). Coordenação por João Gomes da Silva Lisboa. 53 pp
- Presidência do Conselho de Ministros (PCM), 2002. *POAAP – Plano de Ordenamento das Albufeiras do Alqueva e Pedrógão*, Resolução do Conselho de Ministros nº. 95/2002 de 13 de Maio, D.R. nº. 110, Série I-B.
- Presidência do Conselho de Ministros (PCM), 2002. *PROZEA – Plano Regional de Ordenamento da Zona Envolvente da Albufeira do Alqueva*, Resolução do Conselho de Ministros nº. 70/2002 de 4 de Setembro. D.R. nº 83, Série I-B.
- Presidência do Conselho de Ministros (PCM), 2005. *PIN – Projectos de Potencial Interesse Nacional*, Resolução do Conselho de Ministros nº. 95/2005 de 24 de Maio. D.R. nº. 100, Série I-B.
- Presidência do Conselho de Ministros (PCM), 2006. *Regulamento do POAAP – Plano de Ordenamento das Albufeiras do Alqueva e Pedrógão*, Resolução do Conselho de Ministros nº. 150/2006 de 4 de Agosto, D.R. nº. 150, Série I-B.
- Raposo, Catarina José da Silva, 2000. *Inovação na arquitectura paisagista contemporânea. Contributos para a sua discussão*. Relatório do trabalho de fim de curso de Arquitectura Paisagista, Instituto Superior de Agronomia, Secção Autónoma de Arquitectura Paisagista, Lisboa. 106 pp
- Raposo, Catarina, 2009. *Herdade do Mercador – Proposta de Relatório da Global Arquitectura Paisagista*, Lisboa. 4 pp
- Ribeiro, Manuela, 2003. “Espaços rurais como espaços turísticos. Reflexões em torno da construção da oferta de turismo em espaço rural, em Portugal.” In Portela, José e Caldas, João Castro (org.). *Portugal Chão*. Celta Editora, Oeiras. 539 pp
- Ribeiro, Orlando, 1987. *Mediterrâneo ambiente e tradição*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 2ª ed. 323 pp.
- Ribeiro, Orlando, 1991. *Opúsculos Geográficos. IV Volume – O Mundo Rural*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa. 430 pp
- Ribeiro, Orlando, 1998. *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*. Livraria Sá da Costa Editora, Lisboa. 7ª ed. 189 pp.
- Rodrigues, A. I. B. P., 2007. *O Alqueva e o Turismo: Oportunidades, Constrangimentos e Desafios para um “Turismo de Lagos”*. Congresso Internacional de Turismo Leiria e Oeste, Escola Superior de Tecnologia do Mar, Peniche. 20 pp.
- Saramago, Alfredo, 1997. *História da alimentação no Alentejo*. Assírio & Alvim, Lisboa. 317 pp.
- Silva, António Carlos, 1996. *Guadiana/Alqueva – Entre os caminhos do passados e do futuro*. EDIA, Beja. 19 pp
- Silva, António Carlos, 1999. *Salvamento Arqueológico no Guadiana*. Memórias d’Odiana – Estudos Arqueológicos do Alqueva, EDIA, Beja. 416 pp
- Silva, António Carlos, 2003. “Marcas do tempo nas terras da Luz” in Saraiva, Clara, Pereira, Benjamim e George, Maria João. *Museu da Luz*. EDIA, Luz. 152 pp
- Silva, Carlos e Dias, Paula, 2005. “Uma Estratégia para o Desenvolvimento Turístico da Envolvente da Albufeira do Alqueva”, in *Revista Turismo e Desenvolvimento*, vol. II, 2, Universidade de Aveiro.
- Silva, Luís Miguel de Sousa, 2006. *Processos de mudança nos campos: o turismo em espaço rural*. Tese de Doutoramento em Antropologia das Sociedades Complexas, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa. 335 pp

- Soares, António Oliveira e Proença, Miguel, 2007. *Alqueva – paisagem que muda povo que espera*. Arte Contempo. 35 pp
- Sociedade Alentejana de Investimentos e Participação (SAIP), 2007. *Plano de Pormenor do Parque Alqueva – Vol. III – Caracterização do Território*. Câmara Municipal de Reguengos de Monsaraz. 67 pp
- Sociedade de Avaliação de Empresas e de Risco (SAER), 2005. *Reinventando o Turismo em Portugal – Estratégia de Desenvolvimento Turístico Português no I Quartel do Século XXI*. Confederação do Turismo, Lisboa. 923 pp.
- Steenbergen, Clemens e Reh, Wouter, 2001. *Arquitectura y paisaje. La proyectación de los grandes jardines europeos*. Editorial Gustavo Gili, SA, Barcelona. 381 pp
- Terkenli, Thenos, S. 2004. "Turismo e Paisagem" in Lew, Alan, A., Hall, C. Michael e Whilliams, Allan M. *Compêndio de Turismo*. Instituto Piaget, Lisboa. 688 pp
- THR, Asesores en Turismo Hotelería y Recreación, S.A., 2006. *10 Produtos Estratégicos para o Desenvolvimento do Turismo em Portugal. Resorts Integrados e Turismo Residencial*. Turismo de Portugal, ip, Lisboa. 60 pp
- Williams, Allan M., 2004. "Para uma Economia Política do Turismo" in Lew, Alan, A., Hall, C. Michael e Whilliams, Allan M. *Compêndio de Turismo*. Instituto Piaget, Lisboa. 688 pp
- Winkreative. Relatório preparado para a Associação de Promotores do Alqueva. 54pp

#### Referências electrónicas:

- [http://2bp.blogspot.com/\\_o-8aLrJqWy4/SPSi2Fpftdl/AAAAAAAAAsl/nurbWz9n6Bo/s320/Mapa+de+Portugal/+--+Distritos.gif](http://2bp.blogspot.com/_o-8aLrJqWy4/SPSi2Fpftdl/AAAAAAAAAsl/nurbWz9n6Bo/s320/Mapa+de+Portugal/+--+Distritos.gif) [site acedido em 25/01/2010]
- <http://arkeotavira.com/Mapas/Iberia/Iberia3D.jpg> [site acedido em 25/01/2010]
- [http://www.cadc-albufeira.org/img/es/cuenca\\_guadiana.jpg](http://www.cadc-albufeira.org/img/es/cuenca_guadiana.jpg) [site acedido em 28/01/2010]
- [http://crookscape.org\\_tesemc\\_Vol1.pdf](http://crookscape.org_tesemc_Vol1.pdf) [site acedido em 10/06/2009]
- [http://dn.sapo.pt/2008/01/26/economia/alqueva\\_atrai\\_projectos\\_1876\\_milhoes.html](http://dn.sapo.pt/2008/01/26/economia/alqueva_atrai_projectos_1876_milhoes.html) [site acedido em 04/02/2009]
- [http://lh6.ggpht.com/c.alberto.vaz/R9ASS0LuJml/AAAAAAAAAPw/P\\_\[C3Xpi3ho/Pennsulabrica\\_thumb1](http://lh6.ggpht.com/c.alberto.vaz/R9ASS0LuJml/AAAAAAAAAPw/P_[C3Xpi3ho/Pennsulabrica_thumb1) [site acedido em 25/01/2010]
- <http://i.olhares.com/data/big/153/1535569.jpg> [site acedido em 28/01/2010]
- <http://i.olhares.com/data/big/178/1785264.jpg> [site acedido em 28/01/2010]
- <http://images.google.com/imgres?imgurl=http://www.cm-santiagocacem.pt/Actualidade/galeriamultimedia> [site acedido em 21/01/2010]
- <http://images.google.pt/imgres?imgurl=http://www.crookscape.org/textjan2005/mapa2.jpg&imgrefurl=http://www.crookscape.org/textjan2005> [site acedido em 25/01/2010]
- <http://imagesgoogle.com/imgres?imgurl=http://cortagotas.files.wordpress.com/2010/06/sobreiro.jpg&imgrefurl> [site acedido em 21/01/2010]

<http://images.google.com/imgres?imgurl=http://glurice.50gigs.net/bird/birds/082/20081118.jpg&imgrefurl>  
[site acedido em 22/01/2010]

<http://images.google.com/imgres?imgurl=http://www.naturemuseum.org.cy/Photos/Photos%2520birds>  
[site acedido em 22/01/2010]

<http://images.google.com/imgres?imgurl=http://pescaecaca.com/wp-content/uploads/2009/10/Veado.jpg&imgrefurl=http://pescaecaca.com/veado-o-rei-da-floresta-e-da-caca-grossa-em-portugal>  
[site acedido em 22/01/2010]

<http://images.google.com/imgres?imgurl=http://veganbrasil.com.br/wp-content/uploads/2009/10/08020017.JPG> [site acedido em 22/01/2010]

<http://odiana.pt/rio/> [site acedido em 28/01/2010]

<http://palma1.no.sapo.pt/lusitanea.jpg> [site acedido em 28/01/2010]

<http://palma1.no.sapo.pt/map18.jpg> [site acedido em 28/01/2010]

<http://phomepage.mac.comzuvaPhotoAlbum6.html> [site acedido em 2009]

[http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/c/cb/Hispania\\_roads.svg/707px-Hispania\\_roads.svg.png](http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/c/cb/Hispania_roads.svg/707px-Hispania_roads.svg.png) [site acedido em 28/01/2010]

<http://www.cm-reguengos-de-monsaraz.pt> [site acedido em várias datas]

<http://www.guineiland.com> [site acedido em 21/08/2009]

<http://www.googleearth.com> [site acedido em várias datas]

<http://www.iapmei.pt/iapmei-art-03.php?id=1934> [site acedido em 23/10/2009]

[http://www.notapositiva.com/trab\\_estudantes/trab\\_estudantes/geografia/10espanha/10espanha04.jpg](http://www.notapositiva.com/trab_estudantes/trab_estudantes/geografia/10espanha/10espanha04.jpg) [site acedido a 25/01/2010]

<http://www.overdete.blogspot.com> [site acedido em 13/05/2008]

<http://www.sousacunhal.pt> [site acedido em 15/01/2010]

<http://www.turismodeportugal.pt> [site acedido em 23/10/2009]

<http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/AreasActividade/qualificacaooferta/classificacaoqualidade/Qualidade/Pages/ProjectosdePotencialInteresseNacional.aspx> [site acedido em 23/10/2009]

<http://www.youtube.com/watchv=QZfObAjv2PU> [site acedido em 30/01/2010]

**Cartografia:**

Instituto Geográfico do Exército, Carta Militar de Portugal Série M888 – Folha 451, Escala 1: 25000, IGE, Lisboa.

Instituto Geográfico do Exército, Carta Militar de Portugal Série M888 – Folha 452, Escala 1: 25000, IGE, Lisboa.

Instituto Geográfico do Exército, Carta Militar de Portugal Série M888 – Folha 462, Escala 1: 25000, IGE, Lisboa.

Instituto Geográfico do Exército, Carta Militar de Portugal Série M888 – Folha 463, Escala 1: 25000, IGE, Lisboa.

Instituto Geográfico do Exército, Carta Militar de Portugal Série M888 – Folha 473, Escala 1: 25000, IGE, Lisboa.

Instituto Geográfico do Exército, Carta Militar de Portugal Série M888 – Folha 474, Escala 1: 25000, IGE, Lisboa.

Instituto Geográfico do Exército, Carta Militar de Portugal Série M888 – Folha 481, Escala 1: 25000, IGE, Lisboa.

Instituto Geográfico do Exército, Carta Militar de Portugal Série M888 – Folha 482, Escala 1: 25000, IGE, Lisboa.

Instituto Geográfico do Exército, Carta Militar de Portugal Série M888 – Folha 483, Escala 1: 25000, IGE, Lisboa.

Instituto Geográfico do Exército, Carta Militar de Portugal Série M888 – Folha 483A, Escala 1: 25000, IGE, Lisboa.

Instituto Geográfico do Exército, Carta Militar de Portugal Série M888 – Folha 491, Escala 1: 25000, IGE, Lisboa.

Instituto Geográfico do Exército, Carta Militar de Portugal Série M888 – Folha 492, Escala 1: 25000, IGE, Lisboa.